Hille

276 c 20

H. 114

M
1895

Digitized by Google

Digitized by Google

Hill

276 c 20

H. 114

M
1895

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

OBRAS POETICAS

DE

JOAQUIM FORTUNATO

DE VALADARES GAMBOA.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1779

Com licença da Real Meza Censoria.

Digitized by Google

Naõ canſe o cego Amor de me guiar
A parte donde naõ ſaiba tornar-me;
Nem deixe o Mundo todo de eſcutar-me
Em quanto á fraca voz me naõ deixar.

Camoens Son. lxxi.

PROLOGO.

SE o temor da mordacidade enfraquecesse a rezoluçaõ para as compoziçoens, naõ veriamos com utilidade publica, as inumeraveis Obras, que em todas as sciencias florecem, immortalizando os nomes de seus Authores: porque he tal a malevolencia de muitos homens, que nem ainda do bom se animaõ a dizer bem. Conheço que as minhas Poezias naõ devem ter lugar entre aquellas, que por sublimes, o merecem distinto; mas naõ as quero julgar taõ insipidas, que naõ possaõ tambem ter seu lugor.

Bem sei que a veneravel censura dos Sabios podia obrigar a tremer de susto a minha rezoluçaõ; mas estes constituidos na certeza que eu sem mais instrucçaõ que hum natural affecto á Poezia, me arrebatei a fazer as prezen-

Digitized by Google

tes compoziçoens, por hum ſó verſo que lhes ſeja agradavel, diſfarſaráõ benignos os defeitos dos outros todos; mal polidas produçoens da natureza ſem arte.

Das engraçadas bocas de alguns conhecidos he que me parece eſtou ouvindo a mais picante maledicencia; mas como tenho melhor conhecimento do caracter dos ſeus animos, do que elles o tem da condiçaõ de ſimilhantes obras, ſeja-me permittido ſómente o dizer, que naõ devo darlhes ſatisfaçoens: mas ſempre he deſgraça que hum homem, que naõ ſabe eſcrever huma carta em proza, ſe queira metter a cenſor de verſos.

Do louvor dos amigos bem poderá vangloriar-me; mas como a paixaõ, que os domina lhes formará dos meus deſconcertos conſonancia, ſó lhes agradeço o affecto, ainda que me naõ eſtimule o ſeu applauzo a menor

vai-

Digitized by Google

vaidade. Eu confeſſo a teria de agradar a todos; mas ſe eſta felicidade ainda por ninguem foi conſeguida, e o deſcontentar a todos ſeria maior deſgraça, contentar-me-hei ſe na aceitaçaõ de alguns merecer o agrado; que iſto he natureza.

Digitized by Google

Digitized by Google

SONETO

I.

QUem o meu canto ouvir dezafinado
Naõ fuja de repente aborrecido;
Applique por hum pouco o terno ouvido,
Talvez de compaixaõ fique magoado:

Naõ me ouvirá em metro ſublimado
Cantar de Heróe algum eſclarecido:
Cantar com outro eſtilo mais ſubido
Pertence a engenho ſó mais levantado.

Em verſo mal compoſto, e ſem medida,
Agora cantarei triſtes enredos
De meu terrivel mal com voz ſentida.

Attenda quem me ouvir, veja os ſegredos;
Que já com terna voz ſem força erguida
De dôr fiz eſtalar duros rochedos.

Se

SONETO

II.

SE eu tivera noticia de huma gruta
No seio da montanha mais sombria,
E que humano vivente naõ sabia
Deste inculto lugar, caverna bruta;

Nella fora metter-me, e sem disputa
Por já mais nunca vêr o claro dia,
Sómente algumas noutes sahiria
Colher para o sustento agreste fruta:

Alli sombras pizando, entaõ quizera
Naõ saber cá do povo, e lá profundo,
Que no povo de mim ninguem soubera:

Porém he o meu mal taõ furibundo,
Que em lugar taõ funesto, indá temêra
Que o Fado me arrancasse á luz do Mundo.

SONETO

III.

DE baixo desta faia recostado,
Já que ameno este sitio me convida,
Quero vêr se socega hum pouco a lida,
Em que sempre labora o meu cuidado;

Mas alli por de traz desse silvado
Das abelhas se escuta huma zonida!
Já seu leve sossurro á triste vida
O repouzo me deixa destroçado:

He fatal aprensaõ a que me entrego;
Que o mais debil motivo logo basta
Para me perturbar todo o socego.

Mortal melancolia he que me gasta:
Que emporta o sitio grato, a que me chego,
Se este mal já de mim nunca se affasta?

SONETO

IV.

VAgando a vil triſteza deſcorria
Por todo o vaſto Mundo, e naõ achava
para ſe apozentar, como intentava,
Hum funebre lugar ſem alegria:

Cavernozos rochedos deſcobria,
Profundiſſimas grutas encontrava;
Mas todo o eſteril ſitio deſprezava;
Porque inda mais funeſto o pertendia.

Naſci eu, empecilho da ventura,
Que por deſordem vil da natureza
Nunca vi da alegria a formozura:

Voando ſobre mim logo a triſteza,
Sobre meu peito achou morada eſcura,
Final nunca póde achar na redondeza.

Digitized by Google

SONETO

V.

NEste valle, onde vivo rodeado
Dos tormentos, que me urde a sórte dura;
Ás vezes choro a minha desventura,
Outras mais me acomodo ás leis do Fado:

Desta vida campestre já me agrado,
Dezagradavel já se me affigura;
Sem que faça huma fixa conjectura,
Com que possa viver mais descançado:

Levanto vans idéas, persuadido
De ter melhor caminho a vida aberto;
Mas logo esse caminho acho impedido.

Mil discursos revolvo, e só acerto
Quando por discorrer já confundido
De meu mal só contemplo o desconcerto:

Se

SONETO

VI.

SE a choupana onde durmó ſe queimára,
Se a minha ſementeira ſe perdêra,
Se de ronha o rebanho me morrêra,
E de raiva o meu caõ ſe eſpedaçára!

Pouco importa que a ſórte excogitára
Eſtas perdas, ſe aſſim me acontecêra;
Que os cuidados, que trago já naõ era
Caõ, choupana, rebanho, nem ſeára.

Por Matilde me abraza hum fogo ardente;
He Matilde ſómente o meu cuidado;
Por Matilde ſuſpiro impaciente:

Se alcançaſſe em Matilde hum leve agrado,
Deixára por ſervilla eternamente
Rafeiro, ſemeadura, choça, e gado.

Digitized by Google

SONETO

VII.

SE eu ſoubéra cantar em doce lira,
Ou eſſe Paſtor loiro me enſinara;
A ſuavidade entaõ com que cantára
Em louvor de Matilde ſó ſe ouvîra:

Seu divino ſemblante definira,
E com voz ſonora eu obrigàra,
Que a Fama em toda a parte publicára
A belleza por quem Amor ſuſpira.

Mas huma aſpera flauta ſó ferindo;
A penas de meus males a vehemencia
Com ſom rouco mal poſſo hir deſcobrindo.

Oh mal haja eſta minha negligencia;
Pois naõ poſſo cantar de hum geſto lindo;
Mal haja deſſe Apollo a influencia!

Eu

SONETO

VIII.

EU ando vagamundo; páro, e corro;
Meu diſcurſo delira, e nunca pára:
Oh ſe a bella Matilde imaginára,
Que endoudeço por ella ſem ſoccorro!

Eu ſe deſta Serrana, por qdem morro
Toda a vida os agrados alcançára;
Só entaõ como vago naõ vagára;
Naõ diſcorrera aſſim como diſcorro.

De ſeus braços ſenhor já ſem receio,
Oh que amantes carinhos lhe diria!
Oh que branda prizaõ, que doce enleio!

Socegada eſta louca fantazia,
Arrancados entaõ dentro do ſeio,
Oh que meigos ſuſpiros, que daria!

Pe-

Digitized by Google

SONETO

IX.

PElas margens do Tejo descuidado
Frondozo caminhava hum certo dia;
Quando a bella Feliza ao longe via
Porquem sente de amor algum cuidado.

Apressa-se o pastor, mas socegado
Á pastora chegando, lhe dizia
Sua amante paixaõ, sem mais valia
Que hum modo frouxamente namorado.

Escutou-lhe Feliza o rendimento,
E chèa de carinho, e de ternura
Lhe promette de amor o tratamento!

Só eu, que abalar fiz esta espessura,
Expressando a Lorinda o meu tormento,
Nunca pude em Lorinda achar brandura.

Li-

Digitized by Google

SONETO

X.

Lize, Lize onde vás? attende, attende;
Naõ fujas de hum Paſtor, que te venéra;
Naõ fujas; Lize, Lize, eſpera, eſpera,
Vê que amar-te meu peito naõ te offende.

Por amor obrigada entende, entende,
Que huma féra ſe rende a outra féra:
E tu, que és racional, que és d'outra eſféra
Eſte amor naõ te obriga? naõ te rende?

Pois cruel, a hum Paſtor, que por ti morre
Porque fóges ao menos dize, dize?
E depois mais ligeira corre, corre.

Porém ja que naõ queres, pize, pize
Tua planta velós, porém diſcorre
Que ſeguir-te-hei de a gritos Lize, Lize.

Bem

Digitized by Google

SONETO

XI.

BEm folgo Alberto achar-te aqui prezente;
Vem comigo, Paſtor, vem, vem andando
Hum cazo ſaberás: (eu vou contando)
Que agora aconteceo, que aſſombra a gente.

Eu vinha com Dalizo; e de repente
O Paſtor deſſa encóſta ao valle olhando,
Com Armindo Filena vê brincando:
Zelozo no chaõ cahe rapidamente:

Pégo nelle, chamando-o eſpavorido;
Mal ergueo a cabeça; e naõ podendo
Tornou a reclinar-ſe amortecido:

Vejo-te acazo entaõ; e vim correndo
Teu ſoccorro buſcar, que es mais ſabido;
Vamos lá, que Dalizo eſtá morrendo.

Digitized by Google

SONETO

XII.

POr acazo ſe paſſa huma ſemana,
Que feſtas ſe naõ faſſaõ lá na Aldêa;
Mas eu que nada alegre me recrea,
Naõ me atrevo a ſahir deſta cabana:

Se acazo algum Paſtor cuida me engana,
E convidar-me vem com cáuta idéa,
Lhe reſpondo triſtonho; ninguem crêa
Que eu já torne a tratar com gente humana:

E ſe algum por amigo magoado
Me exorta, que o recreio me he decente,
O ſemblante lhe moſtro mais pezado.

Elle entaõ, que me vê taõ deſcontente,
Se retira, ſentindo o meu cuidado,
E eu fico ſózinho mais contente.

SONETO

XIII.

OH como alegre o ar corre ſereno,
Sem que denſo vapor fuſco o affronte!
De flores matizado eſtá o monte;
Deleitavel eſtá o valle ameno;

Menea a viraçaõ o debil feno,
E flamante o Ceo tem ſua azul fronte;
Murmurando deſcorre aquella fonte,
Fertilizando todo eſte terreno:

Dous Paſtores lá vem a pouco eſpaço
A freſcura buſcando deſta eſtancia,
As avênás tocando por compaſſo.

Delles quero fugir com arrogancia;
Que para companhia ſó abraço
De meu mal a tremenda exorbitancia,

Digitized by Google

SONETO

XIV.

Como corre ſereno eſte ribeiro!
E que alegre que vejo todo o prado!
De boninas eſtá tudo coalhado,
Florído o valle eſtá, florído o outeiro.

Na pontinha acolá daquelle ulmeiro
Hum paſſarinho canta deſcuidado;
Depenicando as penas repouzado
Além outro devizo em hum ſalgueiro.

Tudo repouzo tem, tudo alegrias!
Mas que muito ſe alegre quem naõ ſente
Do feminino genio as tyranias!

Mas ai! triſte de quem taõ deſcontente
Os enganos conhece, e aleivozias,
Crueldade, e rigores deſta gente.

Digitized by Google

SONETO

XV.

EM mulheres firmeza ! oh que loucura
He daquelle , que aſſim ſe perſuade !
Naõ ſe lhe vê no peito a falſidade ,
Como ſe vê no roſto a formozura.

Aquelle , que dezeja ter ventura ,
Naõ entregue a mulher a liberdade ;
Porque o mal, quê ſe eſconde he realidade,
Aparente he o bem , que ſe affigura.

Eu fallo neſtas couzas como experto ;
Sem que poſſa tomar juſta vingança
Daquellas , que me tem o peito aberto.

Ninguem crêa , como eu , na ſegurança
De peitos feminís ; porque he bem certo ,
Que quem diſſe mulher diſſe mudança.

Que

SONETO

XVI.

Que fazes coraçaõ? Vou padecendo.
Quem te cauza essas penas? Huma ingrata.
E conservas-lhe amor? Amor me mata.
Deixa pois de querella. Só morrendo.

Quiz-te bem algum tempo? Hia querendo.
E te trata cruel? Cruel me trata.
Pois que cauza a obrigou? Naõ quiz ser grata.
E que intentas fazer? Amar soffrendo.

Olha assim que te perdes. Do que sórte?
Em obrar tanto excesso. Hei de querella.
Olha em fim que te matas. Quero a morte.

Quem a tanto te obriga? Nize bella.
Razaõ tens coraçaõ; segue o teu norte:
Que naõ pódes seguir melhor estrella.

SONETO

XVII.

SE como amavel he, foſſe amoroza
A belleza, no Mundo ſó reinára,
A vontade mais livre avaſſallára,
Se a todos naõ trataſſe rigoroza.

Eu ſei huma vontade, que goſtoza
Vaſſallagem render-vos já ouzára;
Mas ſe tanto rigor em vós repára,
Suſpende a ouzadia temeroza.

Depozitado em vós da natureza
Hum prodigio ſe vê; mas crueldades
O imperio deslúſtraõ da belleza.

Deixai, pois, do rigor actividades;
Seja a meiguice igual á gentileza,
E regei voluntarias as vontades.

Eu

SONETO

XVIII.

EU vi huma Paſtora taõ galante,
Que duvidei ſe Deoza ella ſeria;
Humano o corpo ſeu naõ parecia,
Era angelico em fim o ſeu ſemblante.

Eu com ella fallei, e relevante
A ſua diſcriçaõ me confundia;
Quiz dizer-lhe, que a amava, e naõ podia
Entre affectos, e pejo vacillante.

Eu affavel a vi, e meu ſentido
A entender por indicios mal lhe dava,
De ſórte que nem fui della entendido.

Eu via-me Paſtor, Deoza a julgava;
Entaõ, como inda agora, enternecido
Mudamente no peito a idolatrava.

Oh

Digitized by Google

SONETO

XIX.

OH que viſtozo dia hoje amanhece!
Tudo brotando eſtá contentamento;
Do Sol o rutilante luzimento
Mais que nos outros dias reſplandece:

No campo a murcha relva reverdece;
Naſcem flores de novo cento a cento;
Huma ſombra de leve ſentimento
Neſte dia feliz naõ apparece:

Até aquella vil melancolia,
Que domicilio tem dentro em meu peito,
De dentro do meu peito ſe deſvia:

Mas he, formoza Enália, hoje eſte effeito,
Porque tu annos fazes neſte dia,
Hum applauzo geral o teu reſpeito.

Baſta

SONETO

XX

Basta, Filena, já de impertinente
Repetir tanta couza, que eu naõ négo;
Deixa-me cá viver no meu ſocégo,
Eu vivendo vai taõ bem contente:

Eu outro vivo já bem differente
Do que quando de amor vivia cego;
Se te faz novidade eſte deſpego
A cauza lá diſcorre interiormente.

Para que he renovar-me eſſas memorias?
Eu peſſo-te de amor já demazias,
Ou importaõ-me couzas tranzitorias?

Seja verdade ſerá quanto dizias;
Porém naõ para mim eſſas hiſtorias,
Como eraõ de Caſſandra as profecias.

Mal-

Digitized by Google

SONETO

XXI.

Maldito seja Amor mil vezes mil;
Que enredos a milhoens do Mundo faz:
E dizerem que hé Deos este rapaz!
Hum cruel, sem piedade, infame, vil!

Qual o bom caçador fére sotil
O passarinho incauto, por sagaz;
Assim esse Cupido anda voraz
Ferindo os montes peitos com ardil.

Que desordens naõ faz o impuro Amor!
Deitando tantas gentes a perder,
Cidades assolando o seu rigor?

E dizerem que hé Deos? naõ póde ser;
Naõ hé Cupido Deos, hé hum traidor:
Maldito seja quem por Deos o crer.

SONETO

XXII.

Vivo ás mãos d'huma ingráta a quem adoro
: Com rigór taõ violento maltratado,
Que o triſte coraçaõ deſpedaçado
Envolto vem nas lagrimas, que choro.

Eu morro, e neſta lida nada imploro,
Que me poſſa apartar de ſer magoado;
Pois do mal tanto vivo arrebatado,
Que ſe algum bem me lembra mais peſoro.

Tomára fó que roto o triſte peito,
Por melhor conhecer minha agonia,
Mizero o coraçaõ viſſe deſfeito.

Que allivio entaõ me deſſe naõ queria:
: Pois dezejo que ſó ſaiba o effeito,
Que em mim triſte produz tal tirania.

Digitized by Google

SONETO

XXIII.

NAõ triunfaria, naõ, naõ certamente
Com aſtucias o Grego navegante;
Se foſſe das ſerêas o deſcante
Como he da bella Marcia voz cadente:

O meſmo, o meſmo Vliſſes, que indecente
De Circe encantadora foi amante:
Se viſſe a gentil Marcia, mais conſtante
Naõ quizera de Marcia ver-ſe auzente.

Enfeitiça de Marcia a formozura,
Sua voz enternece tanto, tanto,
Que mais naõ póde ſer. Oh que doçura!

Quem ouvirá de Marcia o doce canto:
Quem de Marcia verá a face pura,
Que enlevado naõ fique deſte encanto?

Eu

Digitized by Google

SONETO

XXIV.

EU naõ ſei o que dentro de mim ſinto!
Que paixaõ ſerá eſta, que traidora
Para mim nem ſer póde matadora,
Nem ſeu impeto forte ſer extinto?

Huma dôr, huma anguſtia, hum labyrinto
Me attormenta, me affligе, e me devóra
Iſto he mais que paixaõ, que ſinto agora:
Eu naõ ſei o que dentro de mim ſinto?

A mim meſmo confuzo me aborreço;
Dos Ceos delirante a morte imploro;
Mas a morte naõ vem; porque a apetéço.

Eu naõ ſei o que iſto he? ſuſpiro, e choro;
Mas ſó ſei que de tudo o que padeço
He motivo a cruel, a quem adoro.

Cui-

Digitized by Google

SONETO

XXV.

Cuidei que nunca mais de Amor tirano
Me deixaſſe vencer, como algum, hora;
Mas ſó quanto o combate ſe demóra,
A firmeza conſerva o peito humano:

Mal que vi de Filena o vil engano
Jurei de nunca amar outra Paſtora;
Mas por vencer-me Amor valeo-ſe agora
Do geſto de Lorinda ſoberano:

Moſtrou-me Amor Lorinda, e ſem mais rôga
Meu proteſto quebrei, e o vencimento
Ligeiro Amor ſe foi cantando logo:

Mas Lorinda he mulher; ſe o vil intento
De falſaria ſeguir, por dezafogo
Eu prometto firmar o juramento.

Lá

Digitized by Google

SONETO

XXVI.

LÁ do ſangue de Adonis ſapilcadas
As rózas, que entaõ brancas todas eraõ;
Do natural mudando, conceberaõ
Eſſa côr, com que as vemos engraçadas.

Voſſas faces gentis, que taõ corádas
Sempre naturalmente floreceraõ;
Agora, que a ſangria a Floro deraõ
De compaixaõ as vemos demudadas.

Alentai, alentai, Tirce formoza,
Porque a voſſa triſtiſſima agonía
Faz de Floro a moleſtia mais penoza.

Lá de Adonis o ſangue, que vertía
Foi tragedia cruel, foi laſtimoza;
He a Floro ſaudavel a ſangria.

So-

Digitized by Google

SONETOS

XXVII.

SOnoro paſſarinho, que cantando
Neſſe álamo frondozo, eſtás contente;
Se irracional naõ fôras certamente,
Minha mágoa ſentiras lamentando.

Se de amor entenderas, divizando
Eſte triſte, que vês taõ deſcontente,
Suſpenderas o canto, e de repente
Por naõ ver-me te foras ſuſpirando.

Porém ai que ſe foi o paſſarinho!
Por inſtinto talvez conheceria
De meu tragico amor o deſcaminho.

Ai mizero de mim! que elle ſe hia
Eſquecido cantar n'outro raminho!
Eu de Tirce me lembra a companhia.

SONETOS

XXVIII.

HÁ vida mais penoza? toda a vida,
Depois de ter as noutes mal paſſado,
Hir hum homem levar ao paſto o gado
Antes da luz do Sol reſplandecida!

Ás dez horas, que ſaõ as da comida,
Hum legumes jantar, ſem mais guizado,
No jugo os bois metter, e a poz arado
Todo o dia lavrar em bruta lida!

Junto á noute, depois deſta batalha,
Hir ſegar para os bois erva goſtoza,
Huma migas ceár, iſto ſem falha?

Entaõ hir, ſem ter cama, a noute umbroza
Na cabana dormir envolto em palha:
E iſto ſempre; há vida mais penoza?

SONETO

XXIX.

HÁ vida mais ditoza! Toda a vida
Sem deſgoſtos o tempo ter paſſado;
Da meſma lã veſtir-me do meu gado!
Sem a ſêda envejar reſplandecida?

Ás horas ſempre ter prompta a comida
Que a Paſtora fiel me tem guizado;
O campo agricultar, regendo o arado
Colher depois o fructo deſta lida!

Naõ temer os aſſaltos da batalha,
Nem da Corte envejar couza goſtoza;
Em ſocego viver ſempre ſem falha!

Hir com Laura oś ſeroens da noute umbroza
Na choupana paſſar, feita de palha;
E iſto ſempre, há vida mais ditoza?

Digitized by Google

SONETO

XXX.

Tanto excesso por mim, Filis, obrar!
Que historia esta será! Que hei de entender?
Sem duvida esta Filis, a meu vêr,
Inda amores naõ tem a seu pezar:

Dar-se-há cazo que queira ella mostrar,
Que me póde feliz a mim fazer?
Oh! que se eu fora todo a seu querer,
Que feliz que seria a meu gostar!

Porém nada disto he a meu sentir;
Todo seu me naõ faz; infelíz sou,
Ella Flora se exalta em seu luzir:

Pois se Deoza das flores se exaltou,
Que muito tanta flor mandasse vir?
Que dominava as flores só mostrou.

Digitized by Google

SONETO

XXXI.

DEſprezando Fileno aborrecido
Os conſelhos do velho, o bom Agrario,
Foi ſervir de Soldado voluntario
Ventureiro na Armada de Cupido.

As ſuas arduas leis ſeguio rendido,
Sem nota militando temerario;
Porém lá mais prudente, do Amor vario
Dezertou, por ſeguir melhor partido.

Marte buſca goſtozo; e quando a lida
Marcial lhe agradou, golpe violento
Sem remedio lhe fez mudar de vida.

Hoje hum cajado tràz por armamento
Por companhia o gádo, e ſem medida
De pelles veſte o pobre fardamento.

Suſ-

SONETO

XXXII.

SUspende, ó fonte, já tua corrente,
Naõ medules já mais, ó Filomena,
Nesse prádo te secca, relva amena,
E tu, Febo, te esconde no Occidente;

Vós, Pastores, fugi, fugi da gente,
O rabil desprezai: deixai a avena;
Vós, Serranas, tambem cheas de pena
Desgadelhai-vos todas de repente.

Ovelhas naõ pasteis, fugi do abrigo;
Tu, zefiro, recolhe o doce alento;
Ninfas todas chorai, chorai comigo;

Mostre tudo sinaes de sentimento;
Se a cauza naõ sabeis, eu vo-la digo
Foi traidora Natercia; ai que tormento!

Ama-

SONETO

XXXIII.

AMado, amado bem, Tirce querida,
Quando ver-vos cheguei taõ moleſtada
Minha alma de tal dôr foi penetrada,
Que por alivio dar-vos déra a vida?

Lizonja naõ julgueis encarecida
Eſte amor, eſta pena exagerada;
Porque vêr em tormento a prenda amada
He de hum amante a magoa mais ſentida.

Tem voſſo mal, ó Tirce, produzido
Hum effeito em minha alma taõ violento,
Que o coraçaõ de dôr ſinto partido.

Mas ſe o meu extremoſo ſentimento
De bem a voſſo mal naõ tem ſervido;
Inda he alivio que tormente o meu tormento.

Digitized by Google

SONETO

XXXIV.

SE Venus vosso garbo reflectira,
O garbo só de vós, Laura, aprendêra;
A dourada maçã, Páris, vos déra,
Se naquelle banquete lá vos vira;

Se com vosco Minerva competira,
A vossa discripção a convencêra;
E se acazo quem sois, Juno attendêra,
A mesma Deoza Juno vos servira:

Sois gentil, sois discreta, e sois Senhora;
Mas sois de condição mais fera, e rara
Ainda do que a Deoza caçadora:

Do Olympo a vos amar Jove baixára;
Porem vossa altivez mais que traidora
O Jupiter supremo abandonára.

SONETO

XXXV.

QUem me dissêra à mim quando luzido
Hum batalhaõ na Corte se formava,
Sinal dando os clarins que eu nelle entrava,
Com honra militar reconhecido;

Logo de hum vaõ dezejo persuadido,
Que o augmento mais breve me ditava;
A distante Provincia me passava,
Adonde militei sempre attendido:

Quem me dissêra entaõ, que brevemente
Do paternal abrigo despojado.
Neste estado me vira decadente?

Eu podéra dizello: se observado
Tivera dessa roda incontinente
O retrógrado móto accelerado.

Naõ

SONETO

XXXVI.

NAõ sei se aquella estrella, que domina
Em mim triste infeliz he a culpáda;
De que a ordem das couzas baralháda
Se vire contrà mim sempre mofina:

Tudo infelicidades! Será sina,
Com que infausta me segue a sórte irada?
Creatura naõ há taõ desgraçada:
O duro Fado assim o determina:

Mas em que agouros creio? Certamente
De estrella, sina, sórte, ou triste Fádo
Delirante me queixo, obro imprudente.

Incognito juizo sublimado!
He que assim me destina providente;
Naõ saõ agouros naõ, será peccado.

SONETO

XXXVII.

O Tempo já chegou de eu conhecer
De teu fingido amor, a ingratidaõ;
Mas há muito me disse o coraçaõ
Isto mesmo, que agora chego a vêr;

Formoza o justo Ceo te quiz fazer,
Porém por natureza, com razaõ,
Se aleivoza naõ fosses, nisso entaõ
Deixarias de obrar como molher.

Eu te amei, com extremo, e este amor
Hum martirio em meu peito fez abrir,
Que agora o faz crescer teu dezamor;

Elle naõ deixará de me affligir;
Mas por mais naõ dar força ao teu rigor
De teus olhos, cruel, quero fugir.

SONETO

XXXVIII.

A Pastora, que eu amo he a mais bella,
Que ás ribeiras do Tejo tem pizado;
Quando a vejo, suspendo-me enlevado;
Se a naõ vejo, suspiro entaõ por ella;

Quando os olhos levanta, e com cautela
Os volve para mim, cheia de agrado;
Tantas couzas lhe digo namorado,
Que ás vezes de amor chego a enternecella.

Deste affago sómente satisfeito,
Entaõ finto cá n'alma huma ternura,
Que me aballa por dentro todo o peito:

Porém como já sei quanto se apura
O Fado contra mim; logo suspeito
Que durar-me naõ póde esta ventura.

SONETO

XXXIX.

VEndo Amor que Fileno rebatia
Os agudos farpoens, que lhe atirava;
E que as groſſas cadêas deſtroçava,
Com as quaes ſubjugallo pertendia;

Sem ſaber neſte cazo o que faria,
O vingativo Deos, laços lhe armava:
Nas elle que os enganos penetrava
Nas aſtutas ſiládas naõ cahia:

Sendo aſſim o Deos cego deſcompoſto,
Dezatou a chorar de enraivecido;
Porém Fileno a rir do ſeu deſgoſto:

Eis que mais forte ardil lembra a Cupido,
Moſtrou-lhe de Beliza o gentil roſto,
Gemêo logo Fileno enternecido.

Naõ

SOCNIETO

XL.

NAõ entendas, Albano, que em belleza
A tua Olaia excede os meus amores:
Se ella logra na fama altos primores
Maior nome lhe dá tua agudeza:

Da Pastora, que adoro a gentileza
Conhece, que naõ tem graças menores:
E se nome naõ tem he que louvores
Lhe naõ sabe cantar minha rudeza.

E vós ditóza Olaia, celebrada
Por Albano vivei, vivei contente
Sobre as azas da Fama remontada.

Mas tu, gentil Pastora (saiba a gente)
Se naõ fores na Fama eternizada,
Vivirás na minha alma eternamente.

Des-

SONETO

XLI.

DEsse mal indicante, hum ai andeis
Ó Nize vos ouví taõ magoado;
Que ás mãos da compaixaõ arrebatado
Logo o peito senti entrecadente.

Eu quizera por vós, Nize, contente
Desse mal, que sentis ser maltratado;
Pois fora menos mal ser molestado
Que assim de compaixaõ viver doente.

Porém como do Fado o duro intento
Contra mim tem disposto os seus rigores.
Quererá que sintais, por meu tormento,

Mas, oh Fado cruel, crueis rigores!
Ou de dôr me vaçabai o triste alento,
Ou deixai-me o meu bem livre de dôres.

Se

SONETOS

XLII.

EU me quizera, Anarda, persuadir,
Como affirmais, que a Fabio naõ quereis;
Mas se o contrario obrais do que dizeis
Que verdade aqui posso eu consentir!

Elle excessos mil faz por vos servir,
Vós extremos por elle mil fazeis:
E que entaõ com enganos intenteis
Esse amor evidente desmentir!

Em fim, Anarda, vós a Fabio amais;
Elle vos ama a vós, e com rigor
Isto me affirmaõ bem certos signais:

E se agora entendeis, que sou peor
Vos quero desmentir, vos enganais;
Pois quem só vos desmente he vosso amor.

Adeos

Digitized by Google

SONETO.

XLIII.

Adeos, Nize formoza, adeos amada;
Adeos, prenda gentil, Nize querida;
Oh quam aspera me he, quam dezabrida
Essa terra, que a vós he obrigada!

Já que he força eu ficar nesta jornada,
A vós sendo forçoza esta partida;
A minha alma aceitai por despedida,
Doce amor, lindo bem, Nize adorada.

Lá se acazo algum dia, com ternura
Vos chegar este triste ao pensamento,
Recordada da nossa fé tão pura;

Hum suspiro entregai então ao vento,
Que se cá chegar vivo por ventura,
Então respirarei hum doce alento.

SONETO

XLIV.

EU naõ sei que Pastor he este Braz,
Que taõ forte alegria sempre tem;
Se a huma festa vai, já de lá vem
Excogitando adonde outra se faz.

No rebanho cuidado nenhum traz;
Da cabana esquecido anda tambem;
Se elle assento naõ toma pós seu bem,
Eu naõ sei que há de ser deste rapaz.

Pois ás vezes sei eu que de sentir
Cauzas tinha; porém se algum Pastor
O conduz á palestra poem-se a rir.

Certamente que Braz por ver o horror
Da tristeza, que a mim faz consumir,
Nos recreios sómente poem o amor.

SONETO

XLV.

JUnto á linda Tircea namorada
Vi huma borboleta andar voando;
Até que o gentil rosto seu tocando
Cahio a maripoza agonizada.

A Pastora ficou sobresaltada
Quando o toque sentio; mas reparando;
Com a mimoza maõ nella pegando
Reviveo outra vez mais alentada.

Eu assim que isto vi, dando hum gemido;
Ah Tircéa gentil! (por dezafogo
Disse em fórma que fosse persentido)

Sem tocar-te me abraza amante fogo;
Naõ me alenta o teu mimo; E della ouvido
Naõ pude dizer mais, que fogio logo.

Digitized by Google

SONETO

XLVI.

NAõ sei, Frondelio amigo, certamente
Como he de Gil com Lesbia este cuidado;
Pois quem vir hum Pastor taõ descuidado
Julgará que de amor paixaõ naõ sente:

Porém se elle faz vista de contente
Leve o jugo achará de Amor pezado;
Porque entre os guardadores bem fallado
Se murmura este amor por indecente:

O que duvido he mais dizerem, que ella
Faz contrato de amor, porque o adora
Por lhe dar lá no monte huma coutella.

Se de esfera vilissima ella fora,
Com dadivas mais proprio era vencella;
Mas em fim he mulher qualquer Pastora.

SONETO

XLVII.

Sem que tema perder a divindade
Mete a maõ na agua estigia o Deos Cupido;
E jura que vencer há de atrevido
Da tyrana Violante a impiedade;

Mas eu, que por meu mal a falsidade
Tenho bem dessa ingrata conhecido;
Sei que há de o Deos de amor ficar vencido;
Que Violante a ser meiga naõ persuade.

Oh que dãtozo eu fora, se domando,
O affouto Cupido ao mais violento
Rigor dessa cruel, me fora brando.

Mas elle naõ cumprindo o juramento;
Cem annos perde só de Deos o mando,
E sempre se eterniza o meu tormento.

SONETO

XLVIII.

EU bem sei que sou pobre Pegureiro,
Que a guardar hum rebanho me aventuro;
Porém hum coraçaõ tenho mais puro,
Inda mais, que o do mais simples cordeiro.

Apollo, o Deos Apollo, já vaqueiro
Foi dos gados de Admeto; e conjecturo
Bem sabeis que Diana ao monte duro
Do Ceo vinha Endemiaõ buscar grosseiro:

Pois se hum Deos de Pastor occupa o trato;
Se huma Deoza a hũ Pastor amou; dizei-me
Que muito que eu Pastor me atreva grato?

Naõ vos irrite, ó Laura, que eu attei-me;
Abrandai, abrandai o genio ingrato,
Nos Deozes reparai, correspondei-me.

Que

SONETO

XLIX.

QUe despenhada cahe daquella fonte
Fazendo horrivel som tanta agua impura;
Como crespa se vê toda a espessura;
Mal se avista confuzo esse Orizonte.

Este outeiro empinado aqui defronte
Inda faz mais opáca a brenha escura;
He da côr dos cyprestes a verdura
Dos freixos neste valle monte a monte.

Oh que grata vivenda a hum desgraçado
Que já por melancólica vehemencia
Só no horror da tristeza encontra agrado;

Certamente que a alta Providencia
Este sitio me tinha destinado;
Para minha perpetua rezidencia.

SONETO

L.

Que importa bem nascido, e bem criado
Viver qualquer no Mundo, e com riqueza;
Ter forças, brio, garbo, ou gentileza,
Amigos, ou amores alcançado!

De Amor os laços rompe oposto o Fado;
Acaba a formozura, e fortaleza;
E se a sorte a opulencia faz pobreza,
Criação, e nascer fica eclipsado.

Pois se estado qualquer o Fado, ou sorte
Destruir poderá, se assim domina
Que seguiremos só por firme, e forte?

A virtude sigamos; porque sina
Perseguida tanto he de adverso corte,
Quanto então resplandece mais divina.

SONETO

LI.

A Dorada Beliza, ah quem me dera
Com vosco estar prezente, e peito à peito
Fazer vos conhecer o doce effeito,
Que a vossa formozura em mim altera:

Tanto, tanto minha alma vos venera
Quanto vós digna sois deste respeito;
O coraçaõ de amor sinto desfeito,
Porque a vossa belleza amores gera.

Porém naõ quero, naõ, do affecto ardente,
Que me faz suspirar por vós constante,
Premio algum, que julgueis naõ ser decente.

Mas quizera, meu bem, esta alma amante,
Que de mim vos lembrasseis tenamente
Quando sozinha estais de mim distante.

SONETO

LII.

Que mais queres de mim? dã cãpo a flores
Colherei, por te ornar ramalhetinhos;
As pelles te darei de tres arminhos,
Que á minha maõ vieraõ das melhores:

Com risco subirei, mas sem temores,
Das quaes mais altas aos raminhos;
Só para te apanhar os passarinhos
Mais bonitos de côr, e bons cantôres:

Guardar-te-hei as ovelhas pelo monte,
E se algumas de rônha forem sujas
Tambem as curarei, mal que lhe aponte:

Dar-te-hei o doce mel, e sem que o mujas
Das cabras o bom leite; hir-te-hei á fonte;
Que mais queres de mim? Ora naõ fujas.

SONETO

VIII.

ONde foste cruel, onde aprendeste
Esse modo tirano de engaçar?
Se ingrata vives só de me matar,
Como póde em teu peito amor viver?

Para que, para que he falsa dizer
Que constante me sabes adorar,
Se he tudo fingimento o teu falar,
Sem nunca hum leve agrado me fazer?

Se me queres matar, fora melhor,
Ou com ternura só mo peito abrir,
Ou de todo acabarme com rigor:

Porém vê como me has de resistir,
Pois contra os teus enredos com amor
Te hei de sempre valente perseguir.

SONETO

LIV

HUm novo mar podéra ser formado
Das lagrimas, que chóro descontente;
A naõ as consumir o fogo ardente,
Que tem o peito meu todo abrazado:

Chóro ser de Floricia desprezado;
Por ella ardo em amor continuamente;
E naõ póde dos olhos a corrente
Ter do peito o voraz fogo apagado.

Mais frio, por cruel, que a neve fria
He de Floricia o peito; esta frialdade
Junta ao meu este ardor temperaria.

Oh que doce frescura! na verdade
Até meu triste pranto acabaria,
Se acabasse em Floricia a crueldade.

SONETO

LVI

N'Hum labyrinto tal vim encerrar-me,
A que naõ posso achar nenhum desvio;
Naõ tenho de Ariadna aquelle fio,
De que amante quizera aproveitar-me:

Hum monstro está feroz para tragar-me,
Peior que o Minotauro, e mais bravio;
E naõ acho huma Fedra, que com brio
Cõtra o monstro hum veneno queira dar-me:

Naõ tenho de Tezeo a valentia,
Com que intrépido vença o monstro forte,
Que intenta devorar-me cada dia.

O Labyrinto Amor fez desta sorte;
He o monstro hum ciume, que à porfia
Me ha de dar certamente horrenda morte.

Digitized by Google

SONETO

LVI.

A Flauta já quebrei por descontente,
O pellico rompi desesperado;
Em pedaços taõ bem fiz o cajado,
Que o rafeiro dei morto em continente;

A cabana arrazei de impaciente,
No monte expuz ás féras todo o gado,
E a campina, que tinha semeado,
O fogo lhe lancei ultimamente:

Naõ tinha nada mais, que se o tivera
Lhe buscára má fim, taõ extremada
He a dura paixaõ, que me exespera:

Porque a penas perdi a minha amada,
Perdi todo o meu bem, que antes perdêra
Todo o Mundo a ser meu, se fora nada.

Digitized by Google

SONETO

LVII.

Conhece-se o bem só quando perdido
Naõ se conhece o mal senaõ prezente,
E taõ forte he a dôr, que entaõ se sente,
Quanto grande era o bem já possuido:

Eu na posse de hum bem taõ esquecido
Do mal, em que hoje estou vivi contente,
Que agora só conheço descontente
Esse bem, que logrei desconhecido:

Taõ cheio o peito está de sentimento
Que sá vista deste mal, e bem passado;
Nem futuro já quer contentamento:

Pois se o lôgro de hum bem destróe o Fado
Ficando taõ cruel conhecimento,
Melhor he nunca ter bem alcançado.

SONETO

LVII.

Querendo ao grande Albano dar louvores,
Que a gloria do seu grão de he augmentassem,
Mil juizos formei, não que igualassem
Este assumpto, maior entre os maiores.

Depois disto vi antes, li authores,
Que o discurso de novo me agitassem;
Mas por ideas mais, que me lembrassem,
A todas reprovei por inferiores.

Até não me esqueceo, com subtileza,
Para ver se alcançava esta victoria,
O seio revolver da natureza.

Nada achei mais, que a fama, que he memoria
De que ao grande Albano com grandeza
Suas obras só dão louvor, e gloria.

SONETO

LIX.

OH quanto vale mais entre a innocencia
Dos sinceros Pastores hir passando,
Que na Corte viver sempre arrastando
O comprido grilhaõ da dependencia!

De esperanças vans cheio, em decadencia
O triste pertendente vai gastando;
Alegre o Pastor vive apascentando
O gádo, que lhe dá conveniencia.

Alguns por ambiçaõ da dignidade,
A que aspiraõ talvez, e naõ merecem,
Enganados se engolfaõ na Cidade;

Mas aquelles que o Mundo bem conhecem,
Abandonando tudo, que he vaidade,
Do campo a doce vida reconhecem.

SONETO

LXI

APenas rompe a Aurora no Orizonte
Esse véo azuládo, por costume
Levantando-me, logo acendo o lume,
Dou ordem ao almoço, e vou á fonte,

Para a cabana volto, e antes que aponte
O Sol dourado lá naquelle cume,
As ovelhas ordenho, e sem queixume
Vou com ellas sahindo para o monte;

Alli ás vezes tóco a doce avêna;
Outras vezes cantando passo o dia,
Sim me lembra a Cidade, mas sem pena.

Lorinda lá ficou; naõ me agonia.
Aqui vivo em socego, em paz serena;
Na Cidade tudo he aleivozia.

SONETO

LXII.

SAbe ingrata Pastora que o meu gado,
As campinas, a vinha, o olivedo
Te quizera offertar; mas tenho medo,
Que fique o meu tributo reprovado:

Quando vejo que tens multiplicado
Cabedal do que eu tenho, páro quedo;
Mas posso-te fazer sem mais enredo
Outro nobre tributo sublimado:

Hum terno coraçaõ tenho constante
Que aceitallo Pastora te convinha;
Quando naõ por ser meu, por ser amante.

Hum nobre coraçaõ, ingrata minha,
De valor muito mais significante,
Que os campos, olivedo, gado, e vinha.

Digitized by Google

SONETO

LXII.

Conheço muito bem que o entendimento,
Reger deve os impulsos da vontade;
E deve destroçar com liberdade
As paixoens, que nos saõ hum mal violento:

Conheço muito bem que ao meu tormento
He motivo de Isbella a falsidade;
E deixalla devéra na verdade,
Pois tenho da razaõ conhecimento.

Conheço muito bem que me despreza;
Conheço a sem razaõ, com que a adoro;
Mas deixalla naõ posso, e naõ me peza.

Conheço muito bem, e naõ melhoro,
De meu entendimento a vil fraqueza:
Ora he forte o enleio, em que laboro!

Ador-

Digitized by Google

SONETO

LXIII.

A Dormecendo Amor hum certo dia
Entre huns mirtos, e flores reclinado;
Da aljava ſe eſqueceo, que pôz ao lado
Entendendo talvez naõ dormiria:

A formoza Lorinda, que podia
A Cupido vencer deſperto, e armado;
Por acazo encontrando-o neſte eſtado
As armas lhe roubou por zombaria.

Depois acorda Amor, e as ſetas duras
Naõ achando, ſe foi cheio de horrores
Chorando para a Mãi lagrimas puras:

Ninguem tema cupido, ou ſeus furores;
De Lorinda ſó tema as tráveſſuras;
Que ſe arma cruel Deoza dos amores.

Cui-

Digitized by Google

SONHETO

LXIV.

Cuidas talvez, Filena, que eu zelozo
Sinto que a Gil adóres com ternura?
Pois enganas-te nessa conjectura,
Que disso nada, nada estou queixozo:

De Lorinda alcancei, por extremozo,
O mais constante amor, a fé mais pura;
Vê agora com esta formozura,
Se poderei já mais viver penozo?

Tu por Gil me deixaste; muito embora;
Que sem haver em mim deslealdade
De partido melhor fiquei agora.

Tu peór que Lorinda és na verdade,
Eu melhor que o teu Gil: e assim Pastora
Obrigado te estou da falsidade.

Eu

SONETO

LXV.

EU te prometo Alincio, eu te prometo
O mais neſcio do Mundo confeſſar-me,
Se fazer te atreves, por picar-me,
Em dez, vinte, ou mil annos hum quarteto.

Eu bem ſei dias paſſaõ que hum terceto
Fabricar naõ me atrevo, ſem canſar-me;
Mas a poder de tempo, e applicar-me
Lá ſuccede ſahir o meu ſoneto.

Mas tu que engenho tens? tu negligente,
Que conceitos dirás? ſe inda hum pedaço
De proza naõ compoens ſufficiente?

Ora ó que déras tu, dize madraço?
Se em quanto vivo foſſes hum ſómente,
Hum ſó verſo fizeras, como eu faço?

Se

SONETO

LXVI.

SE á proporçaõ do amor foi sempre a pena
Amigo Jozefino muito amado:
Bem podeis lá julgar do voſſo eſtado
Se ſerá minha dôr grande, ou pequena:

A moleſtia cruel, que vos condena
A tanto padecer, tem condenado,
Que viva o peito meu penalizado
Até que a voſſa dor ſique ſerena:

Bem ſei que o meu pezar mal verefico;
Pois naõ cabe a expreſſaõ do meu affecto
Neſta ruſtica voz, com que me explico:

Mas crêde amigo meu ſempre ſelecto,
Que ſaõ mais inda as penas com que fico,
Do que ſaõ as das aves, que remeto.

SONETO

LXVII.

ENtre os rios maiores celebrado
O Tejo deve ſer; e naõ ſómente,
Porque de aguas abunda tranſparente;
Mas por mil excellencias decantado:

Procurando-lhe as vêas com cuidado
Hum ſceptro fez lavrar Deniz potente
De ouro puro inda mais, que o q̃ excellente
De Ophir por Salamaõ foi procurado:

Suas aguas ſaõ tanto virtuozas,
Que as mais cálidas Ninfas logo ficaõ,
Mal que nellas ſe banhaõ, vigorozas:

Quando os campos innunda, ſe os fabricaõ
Frutificaõ melhor, mais proveitozas
As ſeáras os frutos multiplicaõ.

Na

SONETO

LXVIII.

NA Cidade ficai alegremente,
Que eu me parto a habitar eſtranhos láres;
Entre horror viverei, entre pezares,
Entre delicias vós vivei contente:

O deſtino me leva; oh ſe clemente
O Deſtino mudaſſe, e os meſmos áres
Reſpirar nos deixára, ſem ficares,
Ou ſem eu me partir! mas naõ conſente.

Naõ ſinto, meu bem, tanto a pena dura
Da ſaudade, que he grande ſentimento,
Porque outro maior mal ſe me affigura:

Parece-me que vejo; oh vil tormento!
Tomando voſſo amor nova figura,
Sepultado eu ficar no eſquecimento.

Qual

Digitized by Google

SONETO

LXIX.

QUal do jardim a planta, que mimoza
Do Jardineiro incauto foi pizada,
Porém naõ ſe murchando levantada
Em creſcimento vai ſempre viçoza;

Aſſim neſte meu peito, da penoza
Crueldade por vós executada,
Naõ deſfalece a fé; mas alentada
Se conſerva leal, ſempre extremoza.

Lá inda deſſe acazo ſer motivo
O Jardineiro ſente, diſcorrendo
Seu deſcuido podèra ſer nocivo:

De maõ poſta, porém, vós offendendo
Compaixaõ vos naõ cauza hum peito activo,
Que profegue em amar-vos ſempre ardendo.

Man-

Digitized by Google

SONETO

LXX.

MAnda-me, Nize, á parte mais diſtante,
Ou ſeja bom caminho; ou mal gradado;
Porque nunca acharás a teu mandado
A minha sã vontade repugnante:

Excogíta algum modo extravagante
Para experimentares meu cuidado;
Manda-me a riſco expôr, que eu arriſcado
Te hei de prompto ſervir, ſempre conſtante:

Má hora que eſte corpo eſmorecido
Tu vejas affrouxar, Nize adorada;
Antes por te ſervir fortalecido:

Naõ dormirei mil noutes, ſe te agrada;
Mas depois de na cama eſtar metido
Naõ me mandes erguer de madrugada.

Se

Digitized by Google

SONETO

LXXI.

SE imbutir-me quereis este affilhado
Com lizonja subtil nesta gracinha;
Por livrar-vos mais vezes de Madrinha
Eu me acclamo Padrinho confirmado.

He dita ser por vós lizonjeado;
Porém o coraçaõ cá me adevinha;
Que vós parte tereis na criancinha,
Eu Padrinho serei, mas duplicado.

Por Comadre vos busca reverente
Esse a quem por Compadre me inculcastes;
Por ventura sois sua requerente?

Mas por Padrinho de ambos me encaixastes,
Por ficares Madrinha de hum sómente:
Ora vejaõ a traça, que buscastes!

He

Digitized by Google

SONETO

LXXII.

HE' possivel meu bem! Naõ sei se o crêa;
Que vejo em minhas mãos hũ vosso escrito?
Eu o leio huma vez, outra o repito.
E naõ o posso crêr, por mais que o vêa:

Vós na Corte, Senhora, eu cá na Aldêa
Hum rustico Pastor vivendo afflito;
E lembrar-vos eu dá! Naõ acredito
Isto mesmo que os olhos me recrêa:

Porém a letra he vossa; e a ternura
Da expressaõ carinhoza da saudade,
Da minha doce Cloris he doçura.

Já duvida naõ tenho; isto he verdade;
Assim poderá eu já ter a ventura
De hir tornar a servir-vos na Cidade.

Tu

SONETO

LXXIII.

TU laivoza Lacaia prezumida
Com laivos de Senhora; he forte aſneira?
Quem te dêo o carmim, com que a faceſra
Rubicunda fizeſtes, e taõ burnida?

Naõ te fora melhor ter guarnecida
Com laivos de carvunça a bigodeira;
Do que andares aſſim deſſa maneira,
Que decente naõ he á tua vida?

Porém eu te aconſelho chriſtãmente;
Similhantes enfeites lança fóra,
Que licitos naõ ſaõ a toda a gente:

Naõ queiras de ti dár má fáma agora;
Que á molher como tu fica indecente
O que adorno ſerá n'huma Senhora.

Quem

SONETO

LXXIV.

QUem de Amphitrite o reino quer paſſar
Procure ter Neptuno em ſeu favor;
E de Eólo tambem deve em rigor
Favoravel auxilio procurar:

He Neptuno, Senhoras, Deos do mar;
He Eólo dos ventos o Senhor;
E quem vir eſtes Deozes com furor
Naõ fará muito bem ſe ſe embarcar:

Porém vós ao mar foſtes; porque aſſim
Vos dizia o Piloto, que naõ tem
Deſtas couzas noticia, quanto a mim.

Ora louvai a Tétis, que taõ bem
Seu bocado governa; pois em fim
Com hum braço vos poz em Sacavem.

Aquel-

Digitized by Google

SONETO

LXXVI

Aquelle o rebanho he do pastor Fido,
Que a ladeira da fonte vai trepando,
Que perdido sem dono o vejo errando,
Como o dono sem gado anda perdido:

Anda o pobre Pastor taõ affligido
Na mudança de Flora contemplando,
Que pouco a pouco assim se vai mirrando,
Thé que a morrer vir há de consumido:

Ora eu vou o rebanho conduzir-lhe,
E logo ponderar-lhe com prudencia
As razoens, que de bem pódem servir-lhe:

Bem sei que em vaõ será; mas paciencia;
Que como amigo estou para acodir-lhe
Obrigado a fazer a diligencia.

Digitized by Google

SONETO

LXXVI.

COmo queres, Enalia, que eu te queira
Se eu naõ governo já minha vontade?
A Lorinda entreguei a liberdade,
A troco da affeiçaõ mais verdadeira:

Julgarias tu meſma acçaõ groſſeira,
Se me viras uzar de falſidade
Com aquella, que me he na lealdade,
Mais firme, que huma rija pedreneira.

O que poſſo fazer, Paſtora linda,
He ſervir-te com prompto dezempenho
No que naõ for offenſa de Lorinda.

E crê formoza Enalia, que eſte empenho
Enleado me deixa; mas ainda,
Niſto que tóca a amor, algemas tenho.

No

Digitized by Google

SONETO

LXXVII.

NA Torre do Rebanho, que distava
Mil passos de Belem para o Oriente,
Cada qual dos Pastores diligente
Sobre o seu manso gado vigiáva;

Quando a hóra santissima chegava,
Em que nascendo Deos humanamente,
Cercando-os de huma luz resplandecente
Gabriel o Mysterio lhe anunciava.

Partem logo os Pastores ao Divino
Prezepio, com tributos, com extremos
A adorar Deos nascido a qual mais fino.

Nós, amigos Serranos, adoremos
Como esses bons Pastores ao Menino:
Os nossos coraçoens lhe tributemos.

Digitized by Google

SONETO

LXXVIII.

Quem diz, que naõ hé vil a vil pobreza,
Nunca provou de pobre o mal nocivo;
Que ſer pobre ſivera, como eu, vivo
Veria que naõ há maior vileza.

Que importa de aſcendentes ter nobreza,
A quem falta dos bens o bem altivo;
Se o ſoberbo, o polaõ, o rico, o eſquivo
Sómente a outros taes como elle preza:

A meſma plebe ensada ſó eſtima,
Corteja, applaude, ſerve, e julga nobre
Aquelle, a que a abundancia mais ſe arrima:

Pois ſe iſto cada dia ſe deſcobre:
Cantarei pelo mundo em alta rima,
Que naõ há mais vileza que ſer pobre.

Digitized by Google

SONETO

LXXIX.

Hia o Pastor Dalizo conduzindo
Por hum valle o rebanho, que guardava;
Quando alli n'hum regato, que passava
Vê Filena a brincar, na agua bolindo:

Altera-se o Pastor já prezumindo
Que os seus zelos alli dezabafava;
Mas ella, que aleivoza lhos causava
Lá de longe o conhece, e vai fugindo:

Brada o Pastor dizendo, espera impia:
Ella então apressando os leves passos
No peito lhe introduz nova agonia.

O cajado o Pastor faz em pedaços,
Com a dôr delirante se rompia:
De hum ferrem mortal tudo! ameaços.

SONETO

LXXX.

Cuidas talvez, Pastor, que excepto Flora
Já não há mais Pastoras nesta Aldêa?
Ou morreres penando te recrêa
Por essa que te mata de traidora?

Deixa, deixa Pastor essa Pastora,
Que suposto conheço não he fêa
He mais linda do que ella a linda Alcéa,
E suspira por ti a toda a hora.

Contra as paixões de amor he cómo effeito
O mais fixo remedio na verdade,
Empregar a affeição n'outro objecto.

Despreza pois de Flora a falsidade,
E porque Alcea viva no teu peito
Tira as leis da razão, não da vontade.

SONETO

LXXXI.

AS aves, que voando pelos ares,
Os Cordeiros saltando pelo monte,
O liquido crystal, que salte da fonte,
As frutas agradaveis dos pomares;

Dos contentes Pastores os folgares,
A Aurora quando rompe no Orizonte,
Tudo motivos só, porque defronte
De hum mortal fujaõ todos os pezares:

Dos Pastores a festa me agonia,
E igualmente da Aurora a gentileza,
Pômos, aves, cordeiros, e agua fria:

Pois tenho taõ perversa a natureza,
Que os maiores motivos de alegria
Infundem no meu peito mais tristeza.

Digitized by Google

SONETO

LXXXII.

Dizes, Florício meu, que Gil repára
Que eu mais versos não cáte ao som da lira;
Se elle o fundo das couzas reflectira,
Certamente que assim não repatára:

Se Jacob a Rachel não esperára
Sete annos, e outros sete não servira;
A Golias David não investira
Se a filha de Saul não dezejára:

He do trabalho o premio que se espera,
Para que hum homem gosse do exercicio,
Quem anima, dispoem, conduz, e altéra:

Eu sem premio trabalho, meu Florício;
Que se isto alguma couza me rendera
Muitos versos cantára por officio.

SONETO

LXXXIII.

Tenha mão? uy, Senhora, vosſê vem
Muito fóra dos eixos da razaõ;
Largue o ferro menina; pois entaõ,
Que tal hê o delirio que hoje tem?

Ora diga-me cá, diga meu bem,
Minha vida, amor meu, meu coraçaõ,
Se me quer fó ferir com má tençaõ,
Que mais duro punhal, que o ſeu deſdem!

Mas já vejo que irada contra mim,
Sem mais cauza, cruel, que eu ter-lhe amor,
Quer por amor lhe ter pagar-me aſſim:

Pois veja ſe executa eſſe furor,
Já depois de me dár a vida fim;
Em quem ha de empregar o ſeu rigor?

SONETO

LXXXIV.

QUem peitos feminís quizer tratar
Há de fazer a cama ao padecer;
Pois constancias naõ há de nunca vêr,
E mil enganos sempre há de encontrar:

Bem sei correspondencias póde achar:
Porém haõ de infalivel fenecer;
Que naõ póde em mulher permanecer
Affecto, que naõ venha a caducar:

E se acazo se alguma descobrir,
Que indicios de firmeza dando for,
De algum modo vir-se-há de a destroir:

Porque segundo alcanço do rigor
De mil cazos, que sei venho inferir
Que em mulheres durar naõ póde o amor.

SONETO

LXXXVI.

SE a Fortuna cruel me perſeguíra
Por ver que eu era bom, natural fora;
Porém ſendo eu taõ máo, naõ ſei agora
Como aſſim taõ contraria a mim ſe vira:

Contra os bons a deſgraça ſe conſpira;
Para os máos a ventura ſe melhóra;
E porque iſto ſe vê a toda a hora
Ninguem julgue que fallo com mentira:

Eſſe adágio por mim ſerá riſcado,
Que diz naõ há roim ſem ter ventura;
Se da ventura o mal naõ vir mudado:

Mas perſiga-me embora a deſventura;
Porque aſſim ficarei eſperançado
De meu genio tomar boa figura.

SONETO

LXXXVI.

ORa que faço eu só neste dezerto,
Para donde me trouxe huma loucura?
Que me importa de Laura a formozura,
Se eu achei no seu peito o amor incerto?

Eu aqui neste campo descoberto,
Onde sombras naõ há, nem cobertura!
De mim Laura esquecida, e bem segura.
De soffrer similhante desconcerto!

Se disto compaixaõ Laura tivera,
Ou cuidado lhe desse o meu cuidado;
Meu delirio desculpa ter podéra.

Porém isto he ser louco remirado;
Oh quem nesta razaõ mais cedo déra!
Ora quero tornar para o povoado.

Qual

SONETO

LXXXVII.

QUal relogio de Sol, que ſerventia
Ter naõ póde de alguma utilidade,
Quando o dia eſtá bruſco, e na verdade
Ninguem delle faz cazo neſſe dia:

Aſſim ſe da pobreza a maõ ſombría
Faz no homem qualquer eſcuridade;
Em lhe faltando do ouro a claridade,
He dos outros deſprezo, e zombaria:

Dos Planetas, mais nobre he o Sol louro;
O ouro dos metaes; e eſtá mais fuſco,
Que relogio ſem Sol, homem ſem ouro:

Diſto exemplos alheos eu naõ buſco;
Pois me vejo que eſtou, com vil deſdouro,
Qual relogio de Sol em tempo bruſco.

Dei-

SONETO

LXXXVIII.

Deixe estar, minha Mãi, já falta pouco
Para encher o volume encadernado;
Naõ se afrofine mais, basta de enfado,
Senaõ sem melhorar me fará mouco:

Bem sei que razaõ tem, que eu ando louco
Ás vezes pensativo e alucinado;
Que da inutil poezia arrebatado
Os muitos cantos lá me fazem rouco:

Porém veja o livrinho: olhe no meio
Tem seis fólhas em branco, e eu queria
Só por doze Sonetos vello cheio:

Poemas varios tem, olhe: e naõ vía
Tambem Mótes no fim; olhe este aceio,
Os doze sempre os fallo, e adeos Poezia.

Mi-

Digitized by Google

SONETO

LXXXIX.

Minha amada gentil, fazer ditóza
Pódes vir esta Aldêa descontente;
Pois no tempo, que estás daqui auzente
Nesta terra naõ há couza gostoza:

A fonte, que manáva caudaloza
Já sem ti lacrimando está sómente;
A verdura, que estava florecente
Se vai toda murchando de saudoza:

Até quando amanhece, os resplendores
Naõ mostra a rôxa Aurora taõ flamante;
Tudo saõ nesta auzencia dissábores:

Ora vê que fará hum peito amante,
Que, abrazado por ti, morre de amores,
Suspirando sem ti a cada instante.

Nem

Digitized by Google

SONETO

XC.

NEm duros esquadroens bem fornecidos,
Nem ardentes bombardas crepitantes,
Nem de Cupido as setas penetrantes
Inermes achaõ sempre aos combatidos;

Nem da forte razaõ os alaridos,
Nem da fortuna as forças mais possantes
Tem tanta valentia, que arrogantes,
Possaõ sempre vencer, sem ser vencidos:

He a sacra Pecunia quem sómente
Sobre as couzas da terra se avalia,
Com mais rijo valor onnipotente.

Tem seu braço neryozo tal valia,
Que as armas derribar sabe potente
De Amor, Razaõ, Fortuna, e Valentia.

Ref-

Digitized by Google

SONETO

XCI.

REſpira coraçaõ, vive contente,
Porque o noſſo deſtino ſe melhóra;
Chegou de noſſo bem a feliz hora:
Que nem ſempre he o mal permanecente:

A Paſtora gentil, que antigamente
Contra nós ſempre foi cruel traidora;
Já meiga nos eſtima, e diz agora,
Que de Amor nas prizoens por nós cõſente:

Mas ai coraçaõ meu! que he ignorancia
Confiar neſte mimo da ventura;
Sem haver outra fixa circunſtancia:

Temamos como certa a deſventura;
Porque ſe o mal nem ſempre tem cõſtancia,
Voluvel he do bem ſempre a figura.

SONETO

XCII.

ASsim como na doce Primavera
Os raminhos mais seccos brotaõ flores;
Assim n'hum peito izento, e sem amores
A vossa formozura amores géra.

Meu duro coraçaõ, que mais secco era
Do que hum trôco no Inverno sem verdores,
Já de amor florecêo entre os ardores
Que a vossa gentilleza nelle altéra:

He, bella Franceliza, o vosso rosto
Mais gentil, que esse tempo todo amavel;
Vós flores produzís de melhor gosto:

Fazei pois, lindo bem sempre amoravel,
Que de tal Primavera com disgosto,
Senaõ murche huma flor taõ deleitavel.

SONETO

XCIII.

EM materias de amor a tirania
Naõ digo que naõ he grande tormento;
Porém a hum peito nobre he mais violento
O vexâme da vil descortezia:

Eu disse a Franceliza lhe queria;
Na verdade foi leve pensamento!
Encarecido o fiz; mas fingimento
A efficaz expressaõ foi da Poezia:

Se acazo com rigores respondêra;
Já que amores lhe expuz, naõ me queixára;
Antes mil tiranias lhe sofrera:

Porém foi descortez: se eu a adorára,
Sómente esta vileza em mim fizera,
Que em odio todo o amor logo mudára.

Digitized by Google

SONETO

XCIV.

QUem será esta Ninfa rebuçada,
Que airoza vejo além vir caminhando;
Hum explendor mais lúcido mostrando,
Que o lúcido explendor da madrugada:

Como quando entre a nuvem prateada
O Sol intenso está reverberando,
Assim por entre o embuço rutilando
Ella a minha alma tem toda abrazada:

Taõ bem a sotil vista já me aviza,
Que adonde poem o pé rebentaõ flores:
Certamente naõ he senaõ Beliza.

Lá descobre do rosto os resplendores!
Ditoza a terra seja, que ella piza,
E ditozo eu taõ bem com taes amores.

He

SONETO

XCV.

HE questaõ entre muitos debatida,
E que eu hoje a defina he vosso intento,
Se melhor será ter merecimento,
Ou ter boa fortuna nesta vida:

O merito fózinho ennobrecida
A pessoa fará no abatimento;
He acazo a fortuna; eu nisto assento,
E póde no mais vil ser produzida:

Pois se o merito em si he nobre, e dino,
E a fortuna onde quer o acazo a géra:
Aquelle por melhor que esta defino:

Porém hoje a fortuna tanto impéra;
Que contra aquillo mesmo, a que me inclino
Antes esta, que aquelle em mim quizera.

Eu

SONETO

XCVI.

EU vos quero, Lorinda, tanto, tanto,
Que dizello naõ sei por mais que queira;
Pois naõ fora esta fé taõ verdadeira
Se coubesse nas vozes do meu canto:

Só sei que o meu amor he firme, quanto
A vossa formozura he lizonjeira;
E sendo tendes, bella feiticeira,
Praticado comigo algum encanto:

Da Gorgona Meduza convertia
A horrida cabeça, com effeito
Em duriſſima pedra a quem a via:

Mais duro que huma rocha era o meu peito;
Porém vós com melhor feiticaria
Mais brando que huma cera o tendes feito.

Vós

Digitized by Google

SONETO

XCVII.

VÓs homens, que zelózos, e imprudentes
Contra as juſtas mulheres, com baixeza,
Com razoens indiſcretas, com vileza
Huns verdúgos lhes ſois impertinentes;

Reparai, que os recreios, que decentes
Naõ manchaõ dos honrados a nobreza,
Prohibiveis naõ ſaõ; que á natureza
Por dezafogo ſaõ convenientes:

Naõ digo que deixeis hum paſſo aberto,
O qual no fragil ſexo facilite,
A fazer dos recreos deſconcerto:

Porém vede, que naõ as precipite,
Com ſofrivel deſculpa, o voſſo aperto,
Porque a prohibiçaõ cauza apetite.

Naõ

SONETO

XCVIII.

NÃO foi açazo, naõ, foi providencia,
Que Nêro nesse bronze retratado,
Imitando ao vivo nõ pintado
Podesse produzir nova inclemencia:

Quiz este Imperador com insolencia
Ser hum monstro de horrores declarado
Athé o claustro, adonde foi gerado
Se atreveo a cortar, sem ter clemencia:

Inda agora na lamina esculpido
Se impellio contra aquelle, que innocente
Porque a elle chegou sahio ferido:

Mostrou nisto o Destino providente,
Que para ser hum impio aborrecido,
Até a mesma sombra he insolente.

Digitized by Google

SONETO

XCIX.

Esse bronze, que estava pendurado
Com tanta segurança, quem diria
Que sobre o pobre Fabio cahiria,
Fazendo-lhe esse golpe desmarcado!

Porém o meu discurso he mal formado,
Pois quem bem discorresse o julgaria:
Bem feito o golpe foi, que elle bem via
Estar Nero no bronze retratado:

Mas o pobre talvez naõ saberia,
Que as entranhas de Nero depravado
Foraõ duro exemplar da tirania:

Porque a Fabello, em vendo esse treslado
Fugindo com razaõ, ser temeria
Das entranhas de Nero algum bocado.

SONETO

C.

ADeos, Muzas, adeos, Oh quanto, quanto
Me aflige deixar voſſo tratamento!
Que he hum golpe cruel o apartamento
Entre aquelles, que ſe amaõ tanto, tanto:

Inſpirado por vós, com doce canto
Eu de Amor já fiz grato o ſentimento;
Porém outros enleios de tormento
Já ſem vós ſó me inſpiraõ triſte pranto:

Quem com voſco tratar ha de contente,
Socegado viverá, ſem os diverſos
Trabalhos, que me cercaõ tijamente:

Eu laboro com males taõ perverſos,
Que deixando-vos, Muzas, deſcontente,
Nunca mais tornarei a compor verſos.

Digitized by Google

ODES.

I.

EU canto, eu canto agora,
Aquelle horrendo vicio corrigindo,
Porque no inferno fora
Sepultado Lusbel, do Ceo cahindo:
Oh práza ao meſmo Ceo, que eu tãbem cante,
Que dos peitos Chriſtãos tal vicio eſpante.

Por mim, por mim ſe veja
Taõ bem moralizado, e reprehendido
Tal vicio, que naõ ſeja
Mais da ſoberba o vicio conhecido.
Attende, attende pois homem errado,
Que a ſoberba te traz aluchado.

Qual Náo, que a todo o panno
Vai da furia dos ventos impelida,
Sem conhecer o damno,
Eſſes mares ſurcando embravecida;
Aſſim ſoberbo tu cheio de vento,
Largas velas ao leve penſamento.

Pre-

Prezumes-te mais digno
Do que o filho do Sol se prezumia;
Naõ conhecendo indigno,
Que a jactancia os defeitos te alumia:
Teme, teme soberbo, que te ameaça
Maior que a de Faetonte outra desgraça.

Nem serás como aquelle,
Que a esse Mar-Icário deo o nome,
Precipitado nelle,
Pois com azas voou, que o Sol consome:
Sobre as aguas Tartarias te condenas,
Se as azas da soberba naõ depenas.

Contra Jupiter logo
Que os Gigantes soberbos se conspiraõ,
O seu ardente fogo
Em destroço fortissimo sentiraõ;
E tu contra o Deos nosso incomprehensivel
Te conspiras Pigmeo soberbo horrivel.

Se de genealogia
Illustre descendeste, e vens gerado;
Refrêa a fantazia,
Attende que sempre es de pó formado;
E se nobre naõ es, dize-me louco,
Porque tanto prezumes se os taõ pouco?

Se

Se fundas na riqueza
A baze da arrogancia, temerario!
Oh! deixa eſſa avareza,
Com que talvez te aumentas uzurario:
E ſe rico naõ es, dize-me horrendo,
Porque em tanto te tens taõ pouco tendo?

Se acazo he a ſciencia
Quem com tanta altivez te enſoberbeſſe?
Oh vê que iſſo he demencia!
Só bem ſabe, o que a ſi bem ſe conhece:
E ſe douto naõ es, como ignorante
Vaidozo te exaltas arrogante?

Se em fim a valentia
He da tua ſoberba o firmamento?
Affrouxa eſſa mania.
Deixa, deixa taõ debil fundamento:
E ſe forte naõ es, como imprudente
Taõ ouzado te elevas fortemente?

Ou tenhas, ou naõ tenhas
Predicados quaeſquer, ſoberbo altivo,
Vê, vê que te deſpenhas;
Porque nunca terás juſto motivo.
He a ſoberba vil, por varios modos,
Torpiſſima raiz dos vicios todos.

Oh

Oh deixa hum tal peccado!
Naõ te dês da ſoberba ao exercicio;
Porque nella engolfado
Unirás culpa a culpa, vicio a vicio:
A humildade abraça, e naõ te mudes,
Que he a baze de todas as virtudes.

Vem, vem ſanta humildade;
Neſſes vis coraçoens raizes lança;
Affaſta a iniquidade
Louge, longe da noſſa vizinhança;
Que ás vezes do ſoberbo as inſolencias
Perturbaõ as alhéas conſciencias.

ODE II.

POis naõ póde a cruel maledicencia
Derribar de hum Poeta a preheminencia:
Aos ſatyricos vís ſatyrizando,
E aos que ſaõ bons Poetas applaudindo,
Hirei hoje cantando
A rouca voz ſubindo;
Novo canto farei, que ao ſom da lyra
A minha grata Muza hoje me inſpira.

Dos

Digitized by Google

Dos dentes de hum dragaõ já ſemeados
Naſceraõ noutro tempo homens armados,
Com tal ferocidade, que em naſcendo
Entre ſi guerreáraõ, taõ eſquivos,
Que os mais delles morrendo
Só ficaõ ſinco vivos;
Com que de Europa o Irmaõ, que os ſemeára
De Thebas a Cidade edificára.

Mas de ditos, que eſpalhaõ maldizentes
Naſcem mõſtros mais vís, que dos taes dentes;
Que entre ſi naõ batalhaõ, mas lá picaõ
Ás vezes benemeritos ſugeitos;
E noutros edificaõ,
Que ſaõ de ardentes peitos
Hum creſpo labyrinto mais damnado,
Que o que Dedalo fez tõ intrincado.

Porém todo o varaõ prudente, ſerio
Sóriente deve rir do máo criterio:
Huns do bem dizem mal por ignorantes,
Varios he por inveja o mal dizerem,
Alguns por intrigantes,
Outros ſó por quererem;
Pois com ſatyras taes de huma tal gente
Naõ ſe deve alterar quem he prudente.

Tem os nobres Poetas ſobre a pelle,
De Achilles a virtude, ou mais do que elle:
Naõ o digo por mim, que as minhas trovas
Naõ merecem louvor, naõ tem belleza;
E diſto dá bem provas
A ſua ſingelleza;
Mas por engenhos bons, que viſto tenho
Criticados por homens ſem engenho.

Da ſatyra bom fora o exercicio
Para ſer corrigido qualquer vicio;
O vicio, que por ſer couza terrivel
Banido ſer devia de entre a gente;
Porém ſer admiſſivel
A ſatyra imprudente,
Contra a gala melhor do entendimento?
He loucura vir tal ao penſamento.

Hum fecundo Poeta delicado,
Que louvor naõ merece agigantado?
Quanto delle he indigno quem retira,
Que louvores mereça todo o engenho,
Que armonico reſpira,
Com grato dezempenho;
Pois que illuſtra a naçaõ naõ tem inſtancia
Ter de engenhos felices abundancia.

Di-

Dizer dos verſos mal, por ſerem verſos,
He baixeza dos genios mais perverſos;
Sobrenatural dom, hum dom Celeſte
Conſtitue hum Poeta homem divino,
E nunca offende a eſte
D'hum monſtro o genio indigno;
Pois naõ póde a cruel maledicencia
Derribar de hum Poeta a preheminencia.

ODE III.

OUvi homens piedozos
A tragedia fatal, que me acontece;
Ouvi, que inda daquelles rigorozos
Compaixaõ hum mizerrimo merece:
Mas ai! que eu deſgraçado,
Da proſpera Fortuna abandonado,
Em vez da compaixaõ, que bem mereço,
Talvez que vos rireis do meu ſucceſſo.

Entre os ramos ſombrios
De hum boſque emmaranhado eu me aſſentava;
Alli dous caudalozos grandes rios,
De meus olhos, com lagrimas formava;

Digitized by Google

Porque allí discorrendo
Nas desditas crueis, que succedendo
Me vaõ, sem affroxar continuamente,
Com razaõ me affligia descontente.

Allí eu discorria
Se acazo até chegar a dura morte,
Raivoza sobre mim sempre estaría
A desgraça mordaz da mesma sórte;
Pois desde a infeliz hora,
Que do ventre materno saltei fóra,
Sem nunca da Fortuna ver o resto,
Sobre mim a desgraça se tem posto.

Ella mais me carrega
Do que a Sezifo a pedra formidavel,
Cevando-se em mim todo mais se emprega,
Do que em Ticio o abutre insaturavel;
Ella faz com que eu ande
Em huma viva roda, e que dezande,
Com maior rapidez dezordenada,
Que a roda de Ixion arrebatada.

Na memoria prezentes
Allí ás vezes muitas hia vendo,
Que estavaõ sobre mim frutas pendentes,
E logo por debaixo aguas correndo;

Mas

Mas se a chegar-lhe eu hia,
A agua se abaixava, a fruta erguia;
Abrazado ficando em fome, e sede
Da maneira, que a Tantalo succede.

Com estes pensamentos,
Em suspiros, e pranto então envolto;
Que culpas commetti Deozes cruentos,
Disse, soltando a voz ao ar revolto;
Furtei? fui menos casto?
Dei c'o tenro filhinho aos Deozes pasto?
Fiz algum execrando maleficio,
Qual Tantalo, Ixion, Sezifo, ou Ticio?

Dahi mais affrouxando
Nesta parte a fogoza fantazia;
Entrei de novo a hir delineando,
Porque modo a Fortuna encontraria;
Quando os olhos erguendo,
Pelo monte huma Ninfa vi descendo
Taõ bella, taõ rizonha, taõ formoza,
Que ainda naõ vi couza taõ mimoza.

De sedas furta-cores
Arregaçadas roupas a adornavaõ;
Aos dourados cothurnos, com primores
As perolas em fios enleavaõ;

Digitized by Google

Tambem tinha pendente,
De finiſſima ſeda tranſparente,
Tufado ſobre as coſtas, e revolto
Hum leve capilar ao vento ſolto:

Ella vinha coroada
Como em fórma globoza; fauſta idéa!
E na direita maõ tinha empunhada
A rica Cornocópia de Amalthea;
Tambem lhe vi naſcidas
Duas azas nos ombros encolhidas;
E ſem outros melindres, ou concertos
Trazia os alvos peitos deſcobertos.

Fiquei da vizaõ bella
Cá por dentro do peito alvoroçado;
E inferí que alegria foi de vella
Eſte impulſo, que tive dezuzado;
Pois como eu naõ ſabia
Os effeitos quaes eraõ da alegria,
Julguei que eſte alvoroço cá no peito
De alegria podeſſe ſer effeito.

Já quazi ella chegava
Para o ſitio donde eu occulto a via;
Quando nella de novo reparava,
Que huma tarja do braço lhe pendia;

Pa-

Digitized by Google

Para o letreiro applico
A viſta perſpicaz, e certifico,
Que dizia ſómente a letra amavel;
Sou a Deoza Fortuna favoravel.

Oh Ceos! dando hum ſuſpiro
De entre os ramos ſaltei para abraçalla,
Taõ veloz, taõ veloz commigo atiro,
Que dos ramos hum quebra, o outro eſtalla;
Mas ella mal me vio
Logo as azas bateo: de mim fogio:
Sem Fortuna fiquei no antigo eſtado;
Hei-de ſer thé á morte deſgraçado.

ODE IV.

MAnda-me Amor que cante
Em louvor de Lorinda,
A Ninfa mais diſcreta, pura, e linda,
Taes verſos de louvor, que ao Mundo eſpante;
Eu já pego na lyra altiſonante,
As cordas já lhe firo, e a voz erguendo
Vou a Amor, que me manda, obedecendo.

Mais

Mais que Venus formoza,
He Lorinda excelente;
Mais puta que Diana, e mais sciente
Do que a Deoza Minerva industrioza;
Tem a pulchra Lorinda primoroza
Mais nobres, mais sublimes predicados,
Que a Pandora dos Deozes forão dados.

A Deoza da belleza
Por Siques excedida;
De enveja pede ao filho embravescida,
Que huma seta lhe crave com destreza;
Que inclinada a quer ver, e com baixeza;
A cujo intento a frecha arma Cupido;
Porém vendo-a affrouxou, della rendido.

Cupido agora falle
Se he Lorinda mais bella?
Porque a esta bellissima donzella
Quem exceda naõ ha, nem quem iguale!
Cupido mesmo o diga, naõ se calle;
Porque eu sei que este Deos á Siques linda
Desprezára contente por Lorinda.

Lá

Lá foi na antiguidade
Adorada Diana;
E foſſe por eſquiva, ou por tyrana,
Ella foi da pureza a divindade:
Mas ah! que ella quebrando a honeſtidade
Do Ceo á terra vinha, e entre as rêzes
Buſcava Endemiaõ por varias vezes.

Porém, Lorinda amavel,
De todos venerada,
Se ſabe conſervar immaculada,
Intacta, pura, honeſta, e reſpeitavel;
Sem tirania uzar dezagradavel,
Ella ſabe izentar-ſe por taes modos,
Que honeſta adoraçaõ lhe fazem todos.

Taõ bem a antiga gente
Á Deoza, que naſcêra
Do cérebro de Jupiter, lhe déra
Adoraçoens por Deoza a mais ſciente;
Porêm iſto ſó foi, antigamente,
Do Cégo gentilliſmo pouco agudo
Adoraçoens erradas, erro tudo.

Digitized by Google

O nobre entendimento
Da discreta Lorinda,
Sem defeito, mais alto sóbe ainda,
Do que alcança o mais vivo pensamento
Ella desde o feliz seu nascimento
A mesma discriçaõ sempre conserva,
Com mais delicadeza, que Minerva.

Os Deozes com cuidado
Seus dons cada qual dava,
A Pandóra molher, que Jóve ornava
Para de Prometheo se ver vingado;
O mesmo Jóve os males simulado
Em hum vazo por dóte lhe cobría,
Para o espozo, a quem astuto a envia.

Mas, com feliz agouro,
Com Lorinda nascerаõ
Mais nobres predicados; naõ lhe derаõ
Os males para dóte em vazo de ouro;
Pelas mãos da Fortuna, sem desdouro,
Os abundantes bens lhe forаõ dados
Do corno de Achelóo derramados.

Digitized by Google

Oh quem, oh quem podéra
Lograr os seus amores!
Oh quem fora entre os finos amadores
Aquelle, a quem amante ella escolhéra!
Oh quem os seus affagos merecêra,
Que fora mais ditozo, e ennobrecido,
Que nos braços de Siques foi Cupido!

Eu mesmo, ainda que vira
Que Lorinda trouxera
De Pandóra os trabalhos; eu quizéra
soffrer esses trabalhos se a possuhira;
Nunca, qual Promotheo, della fugíra,
Como elle de Pandora, e a desprezára;
Mas qual Epimetheo meigo a abraçára.

ODE V.

DEpois da infeliz hora,
Que a Fortuna ligeira me fugia,
Inda naõ expelli de todo fóra
As imagens da louca fantazia;
Por illuzaõ julgava
A disgraça, que assim por mim passava,
E sobre o pensamento
Entrei de novo a armar torres de vento.

Co-

Como havia alguns meios,
Que se acazo a desgraça os naõ cortára
Eu surgindo de mizeros enlêos
A fins mais venturozos me exaltára;
Só esta razaõ toda
Me fazia o juizo andar á róda;
Formando a conjectura
De inda poder mudar minha ventura.

Huma tarde, que eu tinha
Sahido pelo campo, e me levava
A sede a buscar huma fontezinha,
Que de hum roto penedo rebentava;
Depois de haver bebido,
Em as minhas idêas embebido,
Fazendo hum canto agreste
Alli me assentei junto de hum cypreste.

Quando entaõ de repente
Hum venerando velho a mim chegava,
Vestido naõ com custo, mas decente
Era todo o vestido que trajava;
A grande barba espessa
Era branca, e os cabellos da cabeça;
Muito claro o semblante,
Porém de robustez era possante.

Teus

Digitized by Google

Teus varios penſamentos,
Elle logo me diſſe com brandura,
Taõ occultos naõ ſaõ, e a mim izentos,
Que delles a noçaõ me ſeja eſcura:
Nem te eſpantes de vêr-me
Com tigo aſſim fallar ſem conhecer-me;
Porque teu meſmo engano
Te faz naõ conhecer o dezengano.

Bem ſei que a pouca idade,
E que algumas razoens, em que te fundas
Deſculpa pódem ſer da variedade,
Para que como louco te confundas;
Mas o que tens paſſado
Te pódera já ter dezenganado;
Pois bem vês que traveſſas
Te correm ſempre as couzas ás avéſſas.

Tu inda que contaſſes
Em ſentidas endexas triſtes mágoas;
E qual Anfiaõ as pedras aballaſſes,
Ou como o Thracio Orfeo detendo as aguas;
Nada diſto podia
De teu mal remover a tyrania;
Quanto mais que por louco
Teu inſipido canto vale pouco.

Tu

Tu naõ tens para abrigo,
Ou amigo, ou parente affeiçoado;
Que parente naõ tem, nem tem amigo
Quem vive neſte Mundo deſgraçado;
Pois toda a creatura
He eſpûria, que vive ſem ventura;
Seus males a conſomem;
Porque quem naõ tem homem naõ he homem.

Se a diſtancia mais perto
Foſſe cá do cajado ao Diadema,
Haberta em teu favor viras por certo:
Aquella generoza maõ ſuprema:
Mas do pobre os gemidos
Nunca chegaõ dos Reis aos sãos ouvidos;
Pois taõ longe formados
Naõ pódem lá ſubir por defecados.

O dezengano forte
Eu ſou, me diſſe finalmente,
Que a pobreza há de ſer tua conſorte
Te vatecino. E foi-ſe em continente:
Entaõ qual náo velleira,
Que a Rémora a ſuſpende na carreira;
Aſſim neſte conflito.
Meu diſcurſo parou, fiquei ſupito.

Po-

Digitized by Google

Porém como he bem certo
Succede a quem dormindo eſtá ſonhando,
Que os eſpiritos vágos ſem concerto
De hum em outro veſtigio vaõ ſaltando;
Aſſim eu louco ainda
Lembrei-me da belleza de Lorinda;
Que ſe ella me quizéra
Eu do vil dezengano eſcarnecêra.

Mas quando n'eſta lida
De novo a fantazia ſe empregava,
Huma deſcalça moſſa mal roupida
Ao meu lado direito ſe chegava;
Os olhos azullados.
Trazia lacrimozos, e encovados;
Os dentes amarellos,
Eſtirados, e poucos os cabellos.

Nos braços deſcarnados,
E nas mirradas pernas ſe lhe viaõ
Ruivos pellos; por ſima arrepiados,
Os quaes inda mais hórrida a faziaõ;
A pélle ſobre o oſſo,
E groſſas cordoveas no peſcoſſo;
Os beiços denegridos,
Engelhádos os peitos, e cahidos.

Eu

Eu de medo tremendo;
Quem és triſte mulher? lhe perguntava;
A que ella prompta diſſe reſpondendo;
Eu a Pobreza ſou, que te buſcava,
Por ordem do Deos Fádo.
Venho comtigo aqui tomar eſtado;
E logo rijamente
Commigo ſe abraçou incontinente.

Fiquei de todo inerme,
Os ſentidos perdi, perdi a falla;
Sem ſaber em que havia rezolver-me,
Nem poude reziſtir, nem abraçalla:
Mas deſte vil conſorcio
Achar naõ poſſo meios de divorcio:
Depois da morte agora
Diſcorro taõ ſômente achar melhora.

ODE VI.

POr couza fabuloza
Eu tenho certa couza, que algum dia
Por verdade abraçava; porém era,
Porque do errrado Mundo naõ ſabia:

Eu

Eu tinha por verdade
Iſto a que chamaõ candida amizade;
Porém agora ſigo
Que naõ ha homem verdadeiro amigo.

Sómente o intereſſe
He quem lávra os fuzis, que ſe encadeaõ
Por modo taõ ſubtil como he o modo,
Com que huns homens á outros lizonjeaõ.
Só dura eſta aliança
Quanto dura a fortuna ſem mudança:
Havendo variedade
Quebra a cadêa, rompe-ſe a amizade.

Tu, douta experiencia,
Es hoje a ſacra Muza, que me inſpira;
Pois tu ſabes melhor que as outras nove
Como cá ſobre a terra tudo gira:
Comtigo acouſelhado
Eu farei o meu canto celebrado;
Porque comtigo o rudo
Fica ſabio, ſem ti naõ ſabe o agudo.

Eu vejo, eu vejo aquelle
Que groſſos rendimentos manejando,
Ou que deſpender póde beneficios
Sobre cargos honrozos dominando;

Digitized by Google

A hum, e outro lado
Eu o vejo de amigos rodeado,
Moldando-se-lhe ao gosto
Maxima, que a seu geito tem disposto.

Hum as acçoens lhe louva,
Sem que alguma ache indigna de louvar-lhe,
Outro graças lhe diz, e todos buscaõ
Exquizitas idéas de agradar-lhe:
O juizo he perfeito;
Cada palavra sua he hum conceito,
He nobre, he generozo,
Tem o rosto gentil, o corpo airozo.

Nenhum, nenhum lhe encontra
Hum minimo defeito, que reprove,
Até se vicios tem, por seus peccados,
Naõ deixa de encontrar quem lhos aprove:
Tudo he nelle bondade;
Mas tudo hypocrezia da amizade
He nesses, que acumulaõ
Maior ganancia, quanto mais o adulaõ.

E se acazo a Fortuna,
Que nunca permanece, em algum tempo
Faz que a róda voluvel lhe dezande
Ordindo-lhe algum leve contratempo;

En-

Digitized by Google

Então mais lizonjeiros
Essa corja fatal de interesseiros,
Com capa de amizade
Se levão nos seus bens mais á vontade.

Hum lhe aprompta dinheiro,
Outro pelo servir trabalho atura,
Tudo em fim por tal modo, que infalivel
Debaixo do favor lá vai a uzura:
Mas se elle desgraçado
De todo a cahir chega em baixo estado,
Então, com mão traidora,
Da sua sociedade o lanção fóra.

Bem como o que destilla
Em vidrado lambique, a fogo brando,
Da flor niinoza o suco proveitozo,
Que vai a pouco, e pouco decepando;
E prompto á obra attende
Em quanto a flor substancia alguma rende;
Mas não largando nada
Na rua a desta fórte desprezada.

Não obrão de outra fórte
Os chamados amigos; nunca o lado
Dezamparão daquelle, que destrutão,
E desprezão depois de desfrutado:

Mas com ſagaz intento,
Prevendo que ao ſeu vil procedimento
Algum juſto reziſte;
A murmuraçaõ ferve contra o triſte.

Que a ſua mà cabeça,
Dizem elles, o poz naquelle eſtado
Que a vergonha perdeo, o brio, a honra,
E que de todo eſtá prevaricado;
Até lhe já deſviaõ
Os dótes naturaes, que lhe applaudiaõ;
Como que ſe a pobreza
Repugnaſſe aos dons da natureza.

Hum compaixaõ fingindo
Da miſeria, em que o vê, diz ſe podeſſe
Lhe faria algum bem, outro publica
Que hum infame ſoccorro naõ merece:
Mas todos geralmente
Que do trato civil he indecente,
E que indigno ſe porta
De que hum homem de bem lhe chegue á porta.

Deſgraçada pobreza!
Quanto ſofres em triſte abatimento?
Mas ainda os perverſos te preparaõ,
Com que mais te apurar o ſofrimento;

Peior

Peior ainda agora,
O que provéra o Céo que assim naõ fora?
Contra o infeliz pobre
A malicia daquelles se descobre.

Porque se o decadente
Alguns licitos meios vai achando
Com que melhorar possa de fortuna,
Nelles logo a inveja vai picando;
Com furor, que os impéle,
Mil calumnias espalhaõ contra elle,
Maquinando-lhe enleios,
Que do bem lhe destrua os justos meios.

Já cuidaõ que os assombra
Surgir o mizeravel da indigencia,
Em que jaz abatido, e mover póde,
Ferinos coraçoens a ter clemencia:
Mas huns dissimulados,
Outros mais clamente arrebatados,
Naõ ha hum, que naõ obre
Tirano contra o pobre, porque he pobre.

Pobreza desgraçada!
Outra vez, e mil vezes clamo agora:
Perversissimo Mundo! quem venceria
De todo desprezar-te, e feliz fora.

Na patria da bondade
He que reina a candura da amizade,
Donde sempre em bonança
Naõ há receio de sentir mudança.

EGLOGAS.

I.

FILENO, E AGRARIO.

EM hum valle sombrio
De funebres cypestres rodeado,
Adonde com estrondo cahe hum rio
Lá de sima do monte despenhado,
Adonde naõ há flores,
Nem penetraõ do Sol os resplendores;
Hum sitio, que podia
Horrorizar a mesma hypicondria.

Alli tinha chegado
Fileno, que alegrias já despreza,
Por julgar este sitio acomodado
Para fartar-se hum homem de tristeza;
Porque depois que amante,
Da formoza Feliza está distante,
Da gente se retira,
E nos sitios mais funebres suspira.

Quando em seu seguimento
Lá de longe o Pastor Agrario vinha;
Porque a cauza fatal do seu tormento
Já Tircéa gentil dito lhe tinha;
E como por fadario
Parece dar conselhos tinha Agrario,
Com gosto se apressava
E a Fileno chegando assim falava.

AGRARIO.

Fileno, que paixaõ, ou que desgosto
Te tem prevaricado a natureza,
Que, das gentes fugindo, por teu gosto
Nos lugares suspiras da tristeza!
Porém bem manifesta o teu delirio,
Que de amores procede o teu martirio.

FI-

FILENO.

Se paixaõ amoroza me abrazára
Eu quizerá de mim meſmo eſcondella;
Dentro n'alma a ſoffrêra, e ſepultára,
Porque alguem naõ vieſſe a conhecella:
O fado, as operaçoens do iniquo fado
Saõ ſó quem me tem poſto neſte eſtado.

Tu, Agrario, naõ vês que no trafego
Deſta vida do campo me definho,
E que hũa dia hum carneiro, outro hum borrego
Me vai tudo levando máo caminho:
Quantas vezes de leite o tárro cheio
Se me tem já partido pelo meio.

No tempo da lavoura por acerto
Sempre caros os bois trago da feira;
Depois quebra o arado, e ſe o concérto
Quando naõ morre hum boi dá-lhe manqueira;
E ſe arado, e bois tenho juntamente
Sucede o Pegureiro eſtar doente.

Quando alguma ſeara faſſo a tempo,
Se ſucede eſtar bem principiada,
Ou nevoas naõ de vir, ou contratempo
Que na eira dá pouco mais de nada;
No tempo da vendima enchendo a dorna,
Huma adoella eſtalla, o moſtro entorna.

Eiſ-

Eiſaqui, meu agraſſol, o meu mal todo,
Eſta a menor paixaõ, eſte o cuidado;
Como daqui mudar naõ acho modo
Por iſſo andar me vês como paſmado;
Só da minha infeliz pouca ventura
He que naſce a paixaõ, que aſſim me apura.

AGRARIO.

Tu bem ſabes Paſtor, e he bem ſabido,
Que aos Ceos qualquer homem tentaria,
Se por ter infortunios padecido
Da vida naõ trataſſe qual devia;
Porque ſe Jove o quer, por derradeiro
A vontade de Jove eſtá primeiro.

Só de amor as paixoens mais fortemente
Fazendo da razaõ perder o tino,
Quando fêrem huma alma inteligente
A fazem tranſportar com dezatino;
Iſto conheço bem, deixa cautellas;
E bem ſei por Feliza, te diſvellas.

Tircéa por teu bem, teu mal ſobejo
Me diſſe, que inda que ella o naõ diſſera,
Vendo em ti os effeitos, que em ti vejo,
Que amor te maltratava conhecêra;
Ella dos teus amores me deo parte,
Pedindo-me viſſe conſolarte.

FI-

FILENO.

Se Tircéa meus males expozéra
A quem ella só sabe esta alma adora,
A sua compaixaõ lhe agradecêra:
E offendeo-me em dizer-te esta Pastora;
Mas em fim ella o disse, pódes dar-me
Esse alivio, que vens communicar-me.

Mas Tircéa se engana; e enganado
Te aconselha teu genio compassivo,
Que já mais poderei ser consolado
Em quanto de Feliza auzente vivo;
Nem eu della já mais alivio espéro,
E se haver outro póde, eu o naõ quero.

E conhece que o animo naõ mudo
De occultar a paixaõ, que me disvella;
Que se Tircéa em fim te disse tudo
Para ti já naõ vale esta cautella;
Ella deixar naõ póde de sabello,
Mas deixar bem podia de dizello.

AGRARIO.

Mais deves a Tircéa que imaginas
Mas dize me tu mesmo os teus pezares,
Porque ella me contou couzas mais dignas
De com gloria viveres, que penares;
Sim, diz que auzente está; porém que amante
Violentada se foi, virá constante.

Ora

Ora vê se hum milagre em ti agora
Amor obrando está; pois sendo a auzencia,
Do vil esquecimento productora,
Tens distante hum amor com prezistencia:
Que agrados te fará Feliza quando
Faminta de te ver a ti chegando?

FILENO.

Naõ espero, Pastor, tanta ventura,
Alivio naõ terei dessa esperança;
Pois se espero Feliza achar segura
Será naõ em amor, sim na mudança:
E porque me naõ julgues tanta gloria,
De meus tristes amores ouve a historia.

Já o Sol desse ponto, onde lustrozo
Reparte o dia ao meio, decahia,
Hum dia, que naõ sei se venturozo,
Ou se foi para mim infeliz dia;
Quando vi de Feliza o rosto bello
Por quem morro de amores já sem vello.

Acazo como Tircéa na cabana
Succedêo nesse dia então achar-me;
Donde hia algumas vezes na semana
Do calor pela festa retirar-me;
Porém sem recear a aguda calma
Feliza veio alli ferir-me n'alma.

Taõ

Taõ doce comoçaõ senti de vêlla,
Que á minha rude voz naõ se accommoda;
Dezejava poder, pegando nella,
Dentro no coraçaõ metella toda;
E esta ardente paixaõ, que em mim sentia,
Huma, e outra Pastora conhecia.

Mas entaõ com disfarse graciozo
Tircéa, para mim rindo-se disse;
Que por tempo a Feliza dar gostozo
Alguns versos dos meus lhe repetisse:
Contente obedeci; que aquelle rogo
Me dêo na obediencia dezafogo.

Alguns versos mais cheios de doçura
Defronte de Feliza repetia,
Dedicando-lhe a ella com ternura
As caricias, que nelles proferia;
E vi nella, mas julgo me enganava,
Que de lhas dedicar naõ desgostava.

Mas assim como o Sol sua luz pura
Só nos póde mostrar confuzamente,
Quando em opoziçaõ a névoa escura
Nos ares condençada lhe faz frente;
Assim em confuzaõ eu lhe móstrava
De amor a chama, que em meu peito estava.

Porém naõ me soffrendo o amante peito
Naõ moſtrar ſem rebuço a chama ardente,
Da minha comoçaõ o doce effeito
Como pude lhe diſſe brandamente;
Reſpondeo couzas taes, que a vil diſgraça
Julguei de mim fugira por tal graça.

Chegou a noute em fim, quando importuna
Tircéa me obrigou a retirar-me;
Outros dias porém tive a fortuna
Com Feliza tornar a encontrar-me,
Mas como com Tircéa ſempre eſtava,
Nunca como queria lhe fallava.

Mil vezes lhe roguei que ſó quizeſſe
Ouvir com atençaõ minha agonia;
Mil vezes prometteo; porém parece
Que ſó para mentir me promettia;
Até que hum dia já dezeſperado
Eſtes verſos lhe diſſe apaixonado.

ROMANCE.

Attende cruel Feliza,
Talvez por ultimo terno,
Deſte meu peito ſenvido
Os mais ternos ſentimentos.

Eu te quero tanto, tanto,
E tanto por ti padeço,
Quanto por bella és amavel,
E tyranna por extremo;
Porém este affecto puro
Ingrata naõ conhecendo,
Por isso tu naõ estimas
A pureza deste affecto.
Se a hum rochedo eu tivera
Tanto amor como te tenho,
Enternecido por mim
Se desfizera o rochedo.
Mas tu dezagradecida
Ás caricias do meu peito,
Mostras entranhas mais duras,
Que as entranhas de hum penedo.
Dentro no peito amorozo,
Cá no lugar mais interno,
Hum fogo de amor activo
Por ti me está desfazendo.
Porém tu sempre fugindo
De te veres de mim perto,
Por isso te naõ abraza
O fogo, em que estou ardendo.

Eu bem ſei, Paſtora ingrata,
Eu bem ſei, eu o confeſſo,
Que affectiva me tens dito,
Que eſtimas os meus affectos.
Taõ bem naõ poſſo negar,
Pois de tudo bem me lembro,
Que dizes me queres bem,
Muito mais que eu bem te quero.
Mas taõ bem já me enſinaraõ
Quazi por principio certo,
Que as cauzas ſaõ conhecidas
Sempre pelos ſeus effeitos.
Pois ſe amor lá te cauzaſſe
No peito algum movimento,
Por ti vira em meu favor
Os effeitos que naõ vejo.
Aſſim venho a concluir
Deſtes certos fundamentos
Que o meu amor deſperdiças,
E que o teu naõ ſera certo.
Taõ grande paixaõ me naſce
Deſte vil conhecimento,
Que o coraçaõ em pedaços
Do peito arrancar deſejo.

Digitized by Google

Eu te adoro, e eu te jura
Pelo teu ſemblante bello,
Que a meu extremo naõ póde
Haver outro igual extremo.
Pois ſe eu no teu peito vira
Alguns effeitos mais ternos,
Exceſſivo o meu obrára
Por ti maiores exceſſos.
Se eu fora Senhor naõ ſó
De campinas, mas de Reinos,
Perdido por ti de amores
Pouco fizera em perdellos.
Por te ver mais amoroza
Eu daria o Mundo inteiro;
E por ti de amor captivo
Me captivara a ti meſmo.
Porem de ti conſeguindo
Nada mais que fingimentos;
Chorarei por hum bem falſo,
Os meus males verdadeiros.
De teus olhos fugirei;
Naõ porque naõ goſte vellos;
Porém ſó por goſto dar-te
Para mim goſtos naõ quera.

Bem

Bem ſei me ha-de cuſtar muito
Naõ ver o bem, por quem peno;
Mas por muito que me cuſte
Saberei ſoffrer naõ vendo.
E crê Paſtora cruel,
Que entre os males mais horrendos,
Naõ ha tormento, que iguale
A meu ſem igual tormento.
Mas queira amor por caſtigo
Deſſe teu rigor ſevéro,
Que amante abrazar-te ſintas
Pelo mais torpe vaqueiro.
E quando a elle rendida
Com amorozos requebros,
Elle ſó te conreſponda
Com inſofriveis deſprezos.
Porém que digo? perdoa,
Perdoa que o triſte enredo
Da aguda paixaõ que ſoffro
Me fez delirar groſſeiro.
Queira amor que nunca os teus
Affectos mal pagos ſejaõ;
E menos mal empregados;
Pois merecem nobre emprego.

Tu

Tu que a Deos de amor és digna
Seja de ti digno apreço;
E talvez por esta causa
A mim trates com desprezo.
Mas se por algum acazo
Te prestar em qualquer tempo,
Bastará para servir-te
Vir desse acazo o sucesso.
E farei por agradar-te,
Feliza, tantos extremos,
Quantos excogitar pódes
O mais vivo entendimento.

AGRARIO.

Com taõ forte expressaõ outre os Pastores
Nunca versos ouvi, e eu desculpára
Que a formoza Feliza com rigores
Só por queixas te ouvir, te maltratára:
Mas em quem reina Amor, que dá alma nasce
Que muito com tanta alma se queixasse!

FILENO.

Pois mal sabes o effeito, que fariaõ
De repente a deixei, de paixaõ cego;
Mas logo me affligi, se a offenderiaõ
As minhas expressões, ou desapego;
Porque hum homem semprehe quãdo culpado
Da culpa acuzadora amofinado.

Á

Á choupana naõ fui o dia todo
Por valles e por montes delirando;
Do gado naõ cuidei, e deſte modo
Naõ dormi toda a noute ſuſpirando:
Triſtes gemidos por Feliza dava,
Ora bella, ora ingrata lhe chamava.

No outro dia de longe rodeando
De Feliza a cabana cuidadozo,
Ella á porta apparece, e acenando
Por mim chama, que a buſco tem erozo,
Taõ humilde naõ vai o fiel rafeiro
Quando o chama enfadado o Pegureiro.

Cheio de ſubmiſſaõ cheguei a ella,
Que já vinha a buſcar-me no caminho
Com ſemblante rizonho, toda bella,
Na maõ me péga, cheia de carinho:
Para a ſombra da balſa me guiava,
Que a cabana de róda lhe cercava.

Mil deſculpas me deo daquellas culpas
A que eu ingratidoens antes chamára;
Que inda que menos foſſem as deſculpas
Eu de boa vontade a deſculpára;
Porque a quem ſatisfeito ſe dezeja
A minima deſculpa lhe ſobeja.

Recebi novo alento das ternuras
Que a honeſta Paſtora me dizia;
Ás minhas ſem razoens chamei loucuras,
Mil perdoens carinhozo lhe pedia:
Ella entaõ por moſtrar-ſe a amor ſujeita,
Tambem logo ſe deo por ſatisfeita.

Mas ah meu bom Agrario! que a tyrana
Quiz a tanta ventura levantar-me,
Porém ſabes porque? por dezhumana
Lá de maior altura deſpenhar-me;
Pois ter principio bom, fim dezeſtrado
Sempre em tudo que he meu deſtina o Fádo.

Diſſe em fim que algum tempo habitadora
Hia ſer de outro monte lá diſtante;
Porque hia yizitar outra Paſtora
A quem devia amor ſempre conſtante;
Que deixar-me ſentia violentada;
Mas que o dia ſeguinte era a jornada.

Oh Ceos! dos triſtes olhos me faltava
O vivo lume quando tal ouvia;
Eu queria fallar, naõ acertava;
Eu queria morrer, e naõ podia;
Mas entaõ a fingida, em mim pegando,
Me foi com razoens novas affagando.

Digitized by Google

Ponderou-me os motivos que a obrigavaõ:
Que viria o mais breve que podesse;
E taes couzas me disse, que naõ davaõ
Lugar a que razaõ eu lhe naõ desse:
Porém julgo foi esta a vez primeira,
Que Amor pela razaõ guiar-se queira.

Chegou em fim o dia, que a Pastora
A alegria levou dos nossos vales;
O dia desditozo, a infeliz hora,
Que depressa chegou para meus males:
A rélva se seccou no valle, e monte,
Até se entristeceo este Orizonte.

As arvores froudozas despediaõ
As boliçozas folhas dos seus ramos;
Sobre as tortas vergontas naõ se ouviaõ
Dos ledos passarinhos os reclamos;
Só as aves nocturnas agoureiras
De meus males se ouviaõ pregoeiras.

Ora julga daqui como a saudade
Em meu peito obrará, que triste effeito?
Destroço menos faz a tempestade,
Que a auzencia de Feliza no meu peito:
Porém naõ me atrevendo a estar sem vella
Ao caminho me puz, fui ter com ella.

Digitized by Google

A penas aviſtei aquelles montes
Donde eſtá de Feliza a formozura;
Vi alegres aquelles orizontes;
Vi os campos cobertos de verdura,
Ouvi logo cantar os paſſarinhos
Das arvores frondozas nos raminhos.

A ſua habitaçaõ pela deviza,
Que ſabia, buſquei, e com effeito,
Por Feliza chamei, veio Feliza;
E minha alma ſe rio dentro no peito:
Naõ cauza quando naſce o Sol tal goſto,
Como eu tive de ver ſeo lindo roſto.

Naõ precizo contarte o que eu diria,
Das ſaudades, do amor, e das firmezas;
A que ella em recompenſa, inda que fria,
Lá me diſſe tambem ſuas finezas;
Mas vendo, que nas minhas me esforçava
Me dizia que as naõ acreditava.

E que de eſtar por mim de amor perdida,
Por louvar-me, Tircéa era a culpada;
Dando niſto a entender, que arrependida
Eſtava de me ſer affeiçoada;
Mas com goſto de a ver neſſe conflito
Naõ refleti na força do ſeu dito.

Per-

Perſuadio-me a tyranna que pedia
A razaõ, que dali me retiraſſe;
Porque ella brevemente voltaria,
E que do ſeu amor naõ duvidaſſe:
Eu me lembro que quazi na partida
Eſtes verſos lhe fiz por deſpedida.

SONETO.

Mette Feliza a maõ neſte meu peito,
O triſte coraçaõ me arranca fóra;
Pois ficando tu delle poſſuidora
Aſſim me auzentarei mais ſatisfeito:

Depois da tua auzencia, eu lá desfeito
Por te ver ſuſpirava a toda a hora:
A maõ beijarte vim, e volto agora
A ſentir da ſaudade o duro effeito.

Eu quizera neſta alma de amor chea
Levar-te, lindo bem, com alvoroço,
Para ſempre comigo á noſſa Aldéa;

Mas ſe tu contra amor, por vil deſtroço;
Sem mim queres ficar nã terra alhea,
Fique o meu coraçaõ, que mais naõ poſſo.

E lo-

E logo envolto em pranto agoniado,
Me apartei da Paſtora de repente;
Porque a naõ a deixar arrebatado
Naõ podéra apartar-me certamente:
No outro dia cheguei, e entre outras queixas
A Tircéa cantei eſtas endexas.

ENDEXAS.

Formoza Tircéa,
Linda Paſtorinha,
Mais bella que a Roza
Das flores Rainha.
Eu vos devo tanto,
Que nunca me atrevo
A recompenſar-vos
O quanto vos devo,
Feliza me diſſe
Que affeiçaõ me tem,
E que vós ſois cauza
De me querer bem.
Porque vós dizendo
Que ſincero vivo,
A querer-me veio
Por voſſo motivo.

Ora

Ora vede agora
Da divida o preço,
Que o que mais eſtimo
Por vós o mereço.
Mas ſe generoza
Premio naõ eſperais,
Agora dever-vos
Inda quero mais.
Naõ vos peſſo gados,
Nem hum ſó cordeiro,
Nem que maltrateis
O voſſo rafeiro.
Das voſſas ſearas
Naõ vos peſſo graõs;
Sómente vos peſſo
Nova compaixaõ.
Vós Divina ſois,
Sem penſoens altivas,
E ſempre as Deidades
Foraõ compaſſivas.
Quero que eſcrevais
A Feliza bella,
O que auzente vedes
Padeço por ella.

Digitized by Google

Porque assim que foi
A distantes lares,
Coberto fiquei
De tristes pezares.
Deixei da lavoura
O pobre exercicio,
Suspirar por ella
He só meu officio.
Naõ canto mais versos
Que tristes endeixas,
Que saõ versos proprios
De lamentar queixas.
Quando de saudozo
Fui beijar-lhe a maõ,
Deixar-lhe queria
O meu coraçaõ.
Naõ quiz aceitallo,
E naõ sei porque;
Vim desconfiado
Que me naõ tem fé.
Talvez s'outro amante
O seu lhe offertára,
Ella carinhoza
Logo o aceitara.

Mas

Digitized by Google

Mas ſe vós rogar-lhe
Podeſſeis alli,
O meu recebera
Quando lho rendi.
Mas ella miſtura
Na affeiçaõ rigor;
Porque eſſa affeiçaõ
Naõ he inda amor.
Por iſſo vos peſſo
Que já lhe eſcrevais,
Que por ella ſinto
Tormentos mortaes.
Qué a outro naõ queira
Rogai com agrado;
Porque ſe tal vejo
Morro exeſperado.
Taõ bem lá me diſſe
Que as minhas finezas
Naõ acreditava:
Vede que triſtezas?
Dizei-lhe, dizei-lhe
Como já fizeſtes,
Que o meſmo ſou ſempre
Que vós lhe diſſeſtes.

Digitized by Google

Dizei-lhe que aqui
Venho cada dia,
Venerar os ſitios
Donde ſempre a via.
Mas como a naõ vejo
Com afflita magoa,
Os ſaudozos olhos
Se me arrazaõ d'agoa.
Dizei-lhe que quando
Seus eſcritos vejo,
Que letra por letra
Com agrado beijo.
E ſe por acazo
Vejo outras Paſtoras
Que os olhos no chaõ
Ponho ſem demoras.
Dizei-lhe que creã
A minha fineza,
Que ſaõ meus affectos
Cheios de pureza.
Pedi-lhe que nunca
Vil eſquecimento,
Poſſa mais com ella,
Do que o meu tormento.

Nem

Digitized by Google

Nem que lá no peito
De a ſeu rigor,
Maior agazalho
Do que a meu amor.
E dizei que a vida
De amalla conforto;
Por iſſo as ſaudades
Me naõ tem já morto:
Mas em fim que venha
Que naõ ſeja ingrata,
Senaõ que a demora
De todo me mata.
Porém tudo, tudo
Dizei-lhe em ſegredo;
Porque de invejozos
Tenho muito medo.
E ao Deos vendado
Por tantos favores,
Rogarei por vós
Com ternos clamores.
Pedir-lhe-hei que nunca
De amores auzente,
Sintais dentro n'alma
O que eſta alma ſente.

Que as voſſas finezas
Sempre ſejaõ crídas,
E que nunca ſejaõ
Mal correſpondidas.
Porque aſſim vivendo
Sem deſconfianças,
Nunca vos enganem
Falſas eſperanças.
A Cupido rogo
Com empenho aſſim,
Rogai a Filiza
Taõ bem vós por mim.
Venerar-vos-hei
Por minha Madrinha,
Formoza Tircéa
Linda Paſtorinha.

Ora eu ſei que Tircéa com cuidado.
A Feliza fez diſto ſabedora;
Mas trez vezes a Lua tem míngoado,
E creſcido outras trez, e ella em demora;
Iſto me apouquenta, iſto me agonia,
Iſto me faz mortal melancolia.

Po-

Digitized by Google

Porém o mais naõ he que me faz louco
O ferir-me a saudade o amante peito;
He que o poder do tempo a pouco, e pouco
Esquecella de mim já terá feito;
He temer que a mim falsa, lá distante
Entregue o doce peito a outro amante.

AGRARIO.

Reconhece, Pastor, que huma alma chea
Da paixaõ dominante, que amofina;
Contemplando na cauza, que a enlea
O caminho do acerto naõ atina:
Ora discorre bem, discorre, adverte
Virás comtigo mesmo a convencerte.
Naõ vive no teu peito amor constante?
Aquelle amor, que assim te martiriza?
Pois acazo estás tu menos distante
Do que distante está de ti Feliza?
O tempo que lá corre, onde ella mora,
Aqui corre de menos alguma hora?
Pois se o tempo, e distancia naõ tem arte
De arrancar esse amor cá do teu peito,
Como pódes julgar da sua parte,
Nascer da mesma cauza o posto effeito?
Se hum pasto a duas rezes dado fosse,
Seria a huma azedo, a outra doce?

Eu

FILENO.

Eu tenho neſte peito huma alma forte
Contra o poder do tempo, e da diſtancia;
Firme ſempre ſerei da meſma ſorte,
Que he mais a fortaleza da conſtancia;
Das mulheres he fraca a natureza,
E he filha a inconſtancia da fraqueza.

Naõ tens que te canſar comigo agora,
Que eu proteſto daqui já naõ mudar-me;
Deixa, deixa-me ſó, vai, vai-te embora
Senaõ goſtas de mais amofinar-me;
Naõ me tires o tempo, que appeteço
Para contemplaçaõ do que padeço.

Vai dizer a Tircéa me fallaſte,
E que eu ſempre fiquei no meſmo enredo;
Porque vendo que fruto naõ tiraſte,
Talvez que aprenda a ter melhor ſegredo:
E embora a meu amor chamem delirio,
Que eu morrer quero ás maõs do meu martirio.

E quando com horror por eſtes prados
Minha tragica morte for notoria
Para exemplo de moços namorados
De meus triſtes amores conta a hiſtoria:
Dize a cauza da morte dezhumana;
Mas naõ digas o nome da tyrana.

EGLO-

Digitized by Google

ECLOGA II.

FILENO.

Fileno Paſtor, que era
Affavel, meigo, e brando;
Huma doce manhã da Primavera
O lanudo rebanho paſtorando;
Em louvor de Lorinda,
Serrana loura, e linda.
Pelo campo a que a Aurora borrifava
Eſtes verſos contente recitava.

Que aſſim, que aſſim vem chêa
De graça a bella Aurora!
A parda eſcuridaõ medonha, e fêa
Da triſtiſſima noute foge agora;
Os leves paſſarinhos
Já cantaõ nos raminhos;
Da malhada ſahindo lizonjeiros
Vaõ balando as ovelhas, e os cordeiros.

Como eſtaõ orvalhados
Os campos florecentes!
Como alegres ſe aviſtaõ matizados
De finiſſimas cores excellentes!

As

As boninas mimozas
Se moſtraõ mais vicozas;
Até as meſmas ruſticas ervinhas
Arrogantes levantaõ as folhinhas.

Porém naõ he taõ linda
A luz mais rutilante,
Como o ſereno roſto de Lorinda,
Da formoza Lorinda taõ brilhante:
As flores delicadas
Naõ ſaõ taõ engraçadas,
Como Lorinda; que he com mil primores
Mais pura que as eſtrellas, mais que as flores.

Nem cauza a luz do dia
A toda a creatura,
Alegria geral, como a alegria,
Que concebe quem vê tal formozura;
Os Serranos ſe alegraõ
Aſſim que a vella chegaõ;
Quando á campina vem; mal que apparece,
A meſma rélva ſecca reverdece.

Hum penedo, que eſtava,
No pé de hum monte quedo,
Porque acazo Lorinda alli chegava
Tres ſaltos eu vi dar ao tal penedo;

E

E já por varias vezes,
Eu vi a muitas rezes,
Com a relva na boca, e mal que a viraõ
Os bocados da boca lhe cahiraõ.

Naõ póde haver belleza
Em creatura humana,
Como a incomparavel gentileza
Daquella formoziſſima Serrana;
Nem pódem por Paſtores
Cantar-ſe os ſeus louvores;
Muito menos por mim, que ſou mais rudo
Que de hum toſco ſobreiro o tronco mudo.

Napéas amoraveis
Por boſques differentes,
Por valles, e por montes incançaveis
Concertai-lhe cantigas mais decentes;
Vós Faunos lá das covas
Cantai-lhe alegres trovas;
E vós Ninfas do rio ſobre a linfa
Louvores entoai a eſta Ninfa.

As nove Irmãs Caménas,
Vós Sacro Paſtor louro,
Com as voſſas divinas cantillenas
He que podeis louvalla ſem deſdouro;

E nós pobres Serranos,
Porque somos humanos;
Desta angelica Ninfa naõ cantemos,
Porém só mudamente a admiremos.

EGLOGA III.

FILENO, E ALCINO.

SE em verso humilde, e baixo ser cantado,
Naõ desluſtra hum Heróe alto, e ſubido;
Cantarei de Malheiros ſublimado.
De Malheiros, varaõ ennobrecido
Por ſangue, por accoens, e por engenho,
Que o completaõ Heróe eſclarecido.
Bem ſei que ſó de Apolo o ſacro empenho
Sua lyra affinando poderia,
De Malheiros cantar com dezempenho.
Pois da ſua immortal genealogia
Vir tecendo huma longa, e alta hiſtoria,
Na minha agreſte flauta eu naõ podia.
Nem pertendo cantando ter a gloria
De patente fazer ſua grandeza,
Porque a ſua grandeza he bem notoria.

AP-

Digitized by Google

Applaudir ſó dezejo a ſubtilleza,
Com que agora moſtrou neſte feſtejo
Seu engenho a maior delicadeza.
Que Paſtor haverá do noſſo Tejo,
Que o Author daquella opera famoza
Naõ dezeje louvar, como eu dezejo?
Com a maõ deſpendendo generoza,
Generozo o engenho deſcobrindo,
Illuſtrando a funçaõ, a fez luſtroza.
Oh quem fazer podéra ſobre o Pindo,
Com inveja de Apolo, em alto canto
De Malheiros o nome hir retinindo!
Mas ſe eu chego a lucrar o prazer tanto,
Que Malheiros attenda eſtes louvores
Apolo ficará cheio de eſpanto.
Nem ſupplico da Muza outros favores,
Baſta ſó que elle eſcute, e eu lhe repita
O que ouvi praticar a dous Paſtores.
Da cabana ſahindo adonde habita
Ontem já pela tarde o bom Fileno,
Quando do Sol o ardor ſe debilita.
Movia entaõ Favonio o ar ſereno,
E o Paſtor penſativo caminhava,
Por hum valle florido, e todo ameno.

Digitized by Google

E junto d'huma fonte, que ficava
No declive do outeiro, contemplando
Nas grandezas, que vira ſe aſſentava.
D'outra parte do monte apaſcentando
Vinha Alcino o ſeu gado; varias trovas
Em louvor de Malheiros concertando.
Porém como naõ tinha cabaes novas
Do luſtrozo brinquedo, naõ podia
Do ſeu canto bem dar notaveis provas;
E porque ſó Fileno á fonte via,
Para ver ſe lhe dava mais certeza,
A Fileno chegando aſſim dizia.

ALCINO.

Deos te guarde Paſtor: ſe com miudeza
A noticia me déres, que appeteço,
Nunca falſa te ſeja a tua Andreza.

FILENO.

Pois ſe a tua Amariles tanto apreſſo,
Como eu faſſo, fizer de obedecer-te,
Verás nella de amor hum grande exceſſo.

ALCINO.

Eu te creio Paſtor; e aſſim dizer-te
Meu dezejo começo, confiado
Neſſe agrado, que chego a merecerte.

Na

Na grande Santarem, he bem fallado,
Que hum brinco taõ notavel ſe fizera,
Qual nunca entre os Paſtores foi uzado.
Que o Illuſtre Malheiros deſpozéra
Eſta nobre funçaõ taõ nobremente,
Como outro homem algum nunca fizéra.
E pois tu já lidaſte com mais gente
Antes de Paſtor ſer, bem que a pobreza
Neſte eſtado te poz taõ decadente;
Tu por veres já couzas de grandeza
Tudo ſabes notar; de ti dezejo
Eſtas couzas ſaber com mais clareza.

FILENO.

Eu tive, Alcino, o goſto mais ſobejo;
Porque pude taõ bem lá ter entrada
A ver eſſe nobliſſimo feſtejo.
E pois goſtas ſaber como ordenada,
Por aquelle Varaõ eſclarecido
Eſſa feſta ſe fez taõ affamada;
Quanto tenho do cazo comprehendido,
Conforme o rude modo de explicar-me,
Alegre te direi: toma ſentido.

Digitized by Google

ALCINO.

Naõ tens, amigo, naõ, que encomendar-me
A attençaõ, com que devo eſtar attento,
Para melhor de ouvir-te conſolar-me.

FILENO.

Na antiga, e nobre Roma, que preſente
Foi do Mundo, ſegundo me contáraõ
Quando vi lá do brinco o luzimento,
Houve hum Imperador, que o ſublimaraõ
Tanto ſuas accoens, que dignamente
A delicia do Mundo lhe chamáraõ.
Affavel, liberal, ſabio, prudente,
Clementiſſimo todo, todo grato,
Generozo, benevolo, eloquente.
Eſte era o grande Tito, que relato
Do qual fez nobremente a natureza
A Malheiros nobliſſimo retrato.
Deſte Principe grande, com grandeza
Tóma o noſſo Malheiros a elemencia
Para a Opera ſua por empreza.
Deve ſer de hum Heroe alta excelleneia,
Nas accoens, que emprehẽder, ſempre previſto
Magnifico moſtrar magnificencia.

As

Ás idéas diſpoem, e depois diſto
Em verſo foi compondo, bem rimado
Huma Opera a melhor, que ſe tem viſto.
Intenta logo expolla no tablado;
E as figuras em ella introduzidas,
Figurou por huns ruſticos do prado.
De humas rudes Serranas mal polidas,
E huns agreſtes Paſtores, que enſaiando
Figurou as figuras mais luzidas.
Como da molle cera, ou barro brando
De hum artifice a maõ habilidoza,
Quaeſquer formas que idéa vai formando;
Aſſim com ſutileza artificioza,
Por Malheiros qualquer couza ideada
Nunca achou para obrar dificultoza.
Para as Arias, com que mais illuſtrada
A ſua opera fez, taõ bem compoſta
Foi a ſolfa por elle, e concertada.
Por elle com induſtria ſendo expoſta
Aos inertes Paſtores: já cantavaõ
Como antes naõ faziaõ por apoſta.
A chuſma de inſtrumentos, que tocavaõ,
Bem diverſos das flautas dos Paſtores;
Por Malheiros regidos encantavaõ.

Da

Digitized by Google

Da Corte mandou vir os tangedores,
Que em louvor de Malheiros sublimado.
Agora devem só cantar louvores.
Já do nobre Theatro, que exornado
Com ricos bastidores, naõ se falla;
Basta adonde, e por quem ser concertado.
Do seu mesmo Palacio em huma sála
Theatro, camarotes, e Platéa.
Ao primor, com que os fez nenhum se iguala.
Viste tu quando sahes da nossa Aldea
O campo matizado de mil flores,
Com que a vista dos homens se recrêa.
Pois melhor os Artistas, e pintores,
Que da corte alguns vir tambem mandára,
O prospecto fizeraõ dos melhores.
Porém tudo que a naõ delles obrára;
Com engenho melhor, com melhor arte
De Malheiros a voz lhe destinára.
A fala quazi ao meio se reparte;
E de huma parte se órma o bom Tablado;
Platéa, e camarotes de outra parte.
Apenas isto tudo preparado,
Como deixo em rezumo repetido
Se executa esse brinco taõ fallado

Eu

Eu lá fui na Platéa introduzido;
Eu a ventura tive, e tive o gosto
De a aquelle acto assistir esclarecido.
Vi o nobre Theatro bem composto,
Onde os bons bastidores se mudavaõ,
Conforme para a scena era disposto.
Ouvi os instrumentos, que acordavaõ,
E vi reprezentar cada figura,
A quem ricos vestidos adornavaõ.
Eu vi nos camarotes, que a pintura
Fazia bem vistozos com as côres,
A Ninfas de extremada formozura.
Eu vi cá na Platéa alguns Pastores
Pasmados; porque viaõ a belleza,
Com que reprezentavaõ taes Actores.
Eu vi homens alli, a que a nobreza
Distingue de nós outros Pegureiros;
Atonitos de ver tanta grandeza.
Porém vi, e notei, que de Malheiros
Falavaõ em louvor por toda a parte
Formozuras, Pastores, Cavalheiros.

ALCINO.

Suspenso estou, Fileno, de escutar-te;
Supposto algumas couzas mal cõprehendo,
Que tenho de tornar a perguntar-te.

Mas

Digitized by Google

Mas agora, primeiro ſó pertendo
Me expliques de Malbeiros a figura;
Que notavel ſerá, ſegundo entendo.

FILENO.

Naõ he alta, nem baixa a eſtatura,
Cabello, e barba preta; he alvo o roſto;
Os olhos com viveza, e cor eſcura.
Veneravel aſpecto, e bem compoſto
De membros, todo bem proporcionado;
Naõ he gordo, nem magro; he bem diſpoſto.
He gentil, e de prendas adornado;
De ſórte, que qual outro Deos Cupido
Parece pelas Graças foi criado.

ALCINO.

De cada vez eſtou mais ſuſpendido:
Mas repára, eu naõ vejo o meu rebanho;
Talvez em algum paõ ande mettido.

FILENO.

Pois vamos procurallo; eu te acompanho;
Porque juſto naõ he ſem dono páſte,
Seja em relva, ou em paõ de dono eſtranho:

Digitized by Google

E como iſto he já noute, á manhã baſte
Que para te explicar quanto quizeres
Mais tempo de converſa entaõ ſe gaſte.

ALCINO.

Acertos haõ de ſer quanto diſſeres:
Pois pelo raſto o gádo já buſquemos;
E á manhã, mal que tudo me expuzeres
Em louvor de Malheiros cantaremos.

EGLOGA IV.

ANFRIZO, E FRONDELIO.

TRiſte o Paſtor Anfrizo ſe abrazava,
Porque a loura Silvana, a quem amava;
A quem mais do que a ſi meſmo queria
O tratava com grande tyrania:
Declarou-lhe o Paſtor ſeu fogo amante,
Ella moſtras lhe deo de ſer conſtante:
Porém ſem cauza mais, que ſer-lhe ingrata
De repente mudavel o maltrata,
Moſtrando claramente, que ſe enclina
Ao vaqueiro mais torpe da campina;
Eſte mal, o Paſtor ſe bem o ſente,

Pa-

Digitized by Google

Para alivio naõ ter o eſconde á gente;
E por iſſo de todos fugitivo
Suſpira, e naõ declara o mal eſquivo;
Outras vezes de magoa arrebatado
Sem palavra dizer fica paſmado;
Mas Frondelio, que amigo era de Anfrizo;
Frondelio Paſtor velho, e de juizo,
Conhecendo do moço no ſemblante,
Que naſcia o ſeu mal de cauza amante,
Determina comſigo procurallo
Em parte, onde podeſſe conſortallo;
E huma tarde, que á bórda o vio do rio
Encoſtado ao cypreſte mais ſombrio,
Eſtava o triſte entaõ mudo, e ſuſpenſo
Á força do terrivel mal intenſo,
Pouco, e pouco o bom velho inteligente
Propinquando-ſe a elle manſamente;
Por hum braço lhe pega, balançando
Ao extatico moço, aſſim fallando.

FRONDELIO.

Em que cuidas Paſtor, que te amofina,
Quem te cauza tamanha deſventura;
Communica-me o mal, que te arruina,
Que talvez que te abrande eſſa loucura:
Tudo póde fiar-ſe de hum amigo
Se verdadeiro for, como eu contigo.

AN-

ANFRIZO.

Ai amigo Frondelio! essa amizade
Que sempre te devi bem a conheço;
Mas se obrigado sou fallar verdade
De agora aqui te ver cá me aborreço;
Porque hum triste, hum afflicto, hũ desgraçado
Naõ quer mais companhia, que o cuidado.

FRONDELIO.

Oh louca mocidade! como he certo
O que em ti hoje mostra a experiencia,
Que no peito mais terno, e pouco experto
Pega o fogo de amor com mais ardencia;
Devendo-lhe fugir com liberdade
A leveza da mesma mocidade.

Eu leio no teu pálido semblante,
Que he de amor a paixaõ, que te traz vario,
De teu gado esquecido, que anda errante:
E tu louco pensando solitario,
Sem veres que a tristeza mais insiste
Do muito imaginar na cauza triste.

De hum Pastor, que procura alegre ver-te
Naõ te aborreça naõ a companhia;
Que motivo naõ he de aborrecerte
Querer te naõ despenhe essa agonia;
Porque hum homem de magoa arrebatado
A morte louco vai precipitado.

Di-

Digitized by Google

Dize, dize Paſtor que te amofina
Quem te cauza tamanha deſventura?
Communica-me o mal, que te arruina,
Que talvez que te abrande eſſa loucura;
Eu farei por tornar-te á antiga graça
Tudo quanto poſſivel for que faſſa.

ANFRIZO.

Eu te exponho Frondelio as minhas queixas,
A que naõ poderás alivio dar-me;
Porém ſó para ver ſe ſó me deixas
De profunda triſteza conſolar-me;
Pois naõ quero outro algum contentamento
Que fartar de triſteza o penſamento.

FRONDELIO.

Oh louca mocidade! como he certo
O que em ti hoje moſtra a experiencia;
Que no peito mais terno, e pouco experto
Pega o fogo de amor com mais ardencia:
Dize, dize, rapaz, o teu mal grande,
Póde ſer finalmente que to abrande.

ANFRIZO.

Bem ſabes, meu Frondelio, que algum dia,
Oh dulciſſimo tempo, oh doce idade!
Como ſem as pençoens de amor vivia,
Me gozava da doce liberdade:
De meu gado cuidava com preſteza;
Naõ ſabia que cauza era triſteza. Quan-

Digitized by Google

Quando a luta jogava, eu abraçando
Ao contrario no chaõ logo lançava;
Quando a barra expelia, forcejando,
Muito da riſca além ſempre a deitava;
Na carreira veloz, ſempre ligeiro,
Em chegar á baliza fui primeiro.
Se acazo algum ſeraõ hia aos folgares,
A qualquer dos Paſtores dava eſpanto;
Tocava a doce avena ſem dezares,
A todos excedia em baile, e canto:
As Paſtoras o digaõ, que as mais dellas
De flores me teciaõ as capellas.

FRONDELIO.

Eu tambem o direi; porque bem via
Quando neſſas paleſtras me ajuntava,
Que nenhum dos Paſtores te excedia;
De que dentro no peito me alegrava;
Tambem via nos olhos das Serranas
Hum modo de te olhar, nada tyranas.

ANFRIZO.

Naõ duvido aſſim foſſe; porém juro
Que a couzas de amor naõ attendia;
Porque ſó eſtimava o goſto puro
De liberto nutrir-me de alegria;
Mas oh! quanto mudado hoje ſó vejo
De triſtezas faminto o meu dezejo!

O

O canto em triſte choro convertido,
A ligeireza, e força defecada;
Da liberdade o goſto já perdido;
A natureza em fim deſconcertada;
Todo, todo diverſo de algum dia
Me poz do triſte amor a tyrania.

Eſſa filha de Gil, eſſa Paſtora
Mais bella, que tem vindo á noſſa Aldèa;
He aquella cruel, he a traidora
Por quem me move Amor guerra taõ feia;
Eu a vi, eu a vi ſem recear-me
Demorei nella a viſta, e foi matar-me.

Como de huma faiſca deſprezada,
Que aquecendo a materia combuſtivel,
A pouco eſpaço em chama levantada,
Hum incendio ſe atêa irremeſſivel;
Aſſim de huma affeiçaõ, que mal ſe ſente
Pega o fogo de Amor em chama ardente.

De outra ſórte naõ foi quando eu olhava
Para a linda Silvana, e della via
A ternura, com que ſe demorava
Quando os olhos a mim tambem volvia;
Pouco, e pouco aquecendo aſſim meu peito
Fez o fogo de Amor ardente effeito.

Se

Se o ſeu gado levava para o monte,
Para o monte guiando hia o meu gado
Quando paſſar a via para a fonte,
A fonte beber vinha disfarçado;
Em fim, o meu cuidado era ſó todo
De encontrar-me com ella buſcar modo.

Alguns dias andei irrezoluto
Sem falar-lhe em amor, cheio de pejo;
Até que a declarar-me rezoluto
Huma tarde lhe expuz o meu dezejo:
Andava pelo prado a colher flores,
Quando a ella cheguei morto de amores.

Deos te guarde, Silvana. Se mereço,
Eu lhe diſſe com modo carinhozo,
Que a dita me concedas, que apeteço
O Serrano ſerei mais venturozo!
Eſcutou ſem deſdem minha propoſta,
E me deo com affago eſta repoſta.

Que podes tu querer que eu te permita
Que naõ alcance o teu merecimento?
Se de mim naſcer póde a tua dita,
Eu a tenho no teu contentamento;
Em ti minha vontade tenho póſto,
Como tua diſpoem della a teu goſto.

Digitized by Google

Qual huma ſementeira já naſcida,
Por falta de humidade pouco creſce;
Mas ſe hum chuveiro vem, humedecida
De repente ſe aumenta, e reverdeſce;
Tal daquella razaõ fiquei de modo,
Que naõ cabia amor dentro em mim todo.

Belliſſima Paſtora, eu lhe tornava,
Naõ quero nada mais, ſaber queria
Se eſta chama de amor, que me abrazava
A teu nevado peito abrazaria:
Saber ſe a mim te enclinas com ternura,
Que naõ quero do Mundo outra ventura.

Reſpondeo-me rizonha eſta traidora;
Que logo a vez primera, que me vira,
De amor a aguda ſeta paſſadora
O coraçaõ amante lhe ferira;
Que morria por mim, que me adorava,
E com mil juramentos o affirmava.

Mas ah! que hoje me diz o meu tormento,
Hoje ſó me faz crer meu mal tirano,
Que em materias de amor hum juramento
Naõ merece mais fé do que hum engano;
E creio das mulheres certamente,
Que aquella que mais jura, eſſa mais mente.

To-

Digitized by Google

Toda a tarde com ditos amorozos
Praticámos alli, de amor effeito;
Entrancei-lhe os cabellos primorozos,
De flores lhe adornei o falſo peito;
Dei-lhe hum beijo na face, e de improvizo
Vergonhoza ella entaõ deo hum ſorrizo.

A tarde ſe acabou, mas alguns mezes
Entre nós eſte amor naõ ſe acabava;
Eu buſcava a Silvana algumas vezes
Outras vezes a mim ella buſcava:
Até que antes de hum anno ſer paſſado
Em Silvana o amor vi acabado.

Qual a rôla, que auzente do conſorte
Pela confuza balſa anda gemendo
Em maior confuzaõ, da meſma ſorte
Por Silvana eu gemia padecendo:
Sem poder hum encontro achar com ella,
Para ſó de perjura reprehendella.

Affirmaraõ-me, que ella bem queria
A Montano Vaqueiro torpe, e enorme;
Mas eu capacitar-me naõ podia
De huma couza á razaõ taõ deſconforme;
Pois della conhecia a formoura,
E do feio Paſtor a má figura.

Por fallar-lhe eu andava vigilante;
Porém sempre a cruel se me escondia;
Inda quando me via lá distante
Para maior distancia me fugia;
Até que hum dia achei que esta tirana,
Sem ninguem se detinha na cabana.

Entrei-lhe pela porta de repente,
Sem que então de fugir tempo tivera;
Perguntei-lhe a razaõ, porque inclemente
Para assim me deixar se rezolvera;
Chamei-lhe desleal, dezamoravel,
Inconstante, mulher, falsa, mudavel.

Em quanto lhe falei esteve muda
Assentada fiando junto ao fogo;
E sem olhos erguer muito sizuda
Assim me respondeo com dezafogo;
Querer-te eu a ti mal, isto era injusto,
Do proximo o amor sempre foi justo.

Mais então quiz dizer-lhe; porém vinha
Chegando quazi á porta Daliana;
E como para mais tempo naõ tinha
Assustado cheguei á vil Silvana;
E com tremula voz balbuciente
Me lembro, que lhe disse finalmente.

Ahi

Ahi vem Daliana; adeos traidora
Inimiga da minha tranquillidade;
Deixa beijar-te a maõ, deixa, que agora
Na face já naõ tomo a liberdade:
Beijei-lhe a branca maõ, cheio de magoa,
E meus olhos taõ bem ſe encheraõ de agoa.
Naõ me diſſe palavra, e eu ſahindo
Pela porta, a que a outra já chegava,
Maior pezo no peito fui ſentindo
E hum ſuor todo frio me banhava;
Mas naõ parou aqui o meu tormento;
Que guardado me eſtava o mais violento.
Por tornalla a encontrar no dia todo
Naõ me eſcapava alguma diligencia;
Até que hum a encontrei, mas foi de modo
Que a dizello me falta a paciencia:
Eu a vi, eu a vi d'huma abrigada
Com Montano em affagos abraçada.
Como já quando vem o raio aduſto
Da regiaõ Celeſte deſpedido,
Que dando no pinheiro mais robuſto,
Com deſtroço por terra o poem cahido;
Aſſim proſtrado logo c'hum deſmaio
Deſta viſta me poz o triſte raio.

So-

Sobre a terra eſcabroza amortecido
No letargo fiquei tempo baſtante;
Atê que, recobrando algum ſentido,
Já naõ vi a traidora, nem o amante:
Diſto naſce o meu mal, que naõ tem cura,
Meu pezar, minha dôr, minha loucura.

FRONDELIO.

O coraçaõ me move a ſentimento,
A tragedia fatal que repetiſte;
O vexame cruel do teu tormento
Compaixaõ me produz no peito triſte;
Porém póde o teu mal fazer mudança
Se riſcares a cauza da lembrança.

Torna, torna Paſtor, torna aos folgares
Como d'antes alli tocando a avêna;
Dança, joga, converſa, e dos logares
De alegria naõ fujas, que iſſo he pena;
Em rebanho ajuntar vai o teu gado,
Que ainda todo na ſerra deſgarrado.

Dá-lhe o páſto de dia, que aproveite,
De noute na malháda o poem ſeguro;
Ordenha-lhe a ſeu tempo o branco leite,
De que o tarro encherás, eu to aſſeguro;
Depois faze o bom queijo ſaborozo,
O freſco requeijaõ, que he bem goſtozo.

Em-

Emprega neſta lida o teu cuidado,
Deſterra da memoria tal Paſtora;
Que viveres por ella magoado
Bem vês que o naõ merece huma traidora:
Por teu bem a verdade te aconſelho,
Porque ſou teu amigo, e ſou já velho.

ANFRIZO.

Eſſa tua razaõ lugar teria
Se a paixaõ naõ venceſſe a natureza;
Mas he maior que as cauzas da alegria
O motivo da minha vil triſteza;
Quereres que me eſqueça o meu ciume,
He querer ſeja frio o queante lume.

FRONDELIO.

Eu entendo, Paſtor, que eſſe motivo
De chegares em braços de outro a vella,
Em lugar de cauzar-te hum mal taõ vivo
Obrigar-te devia a aborrecella;
Se iſto bem ponderaſſes na memoria
Tua magoa ſeria tranzitoria.

ANFRIZO.

Naõ tens que te cançar, bom velho amigo,
Que abraçar já naõ poſſo algum conſelho;
Deixa, deixa-me ſó, porque inimigo
De mim meſmo, a morrer já me aparelho:
A tua compaixaõ ſó de outra ſórte,
Servir-me poderá depois da morte. Quan-

Digitized by Google

Quando meu corpo achares eſtirado,
Deſte alento vital deſtituido;
Que em lugar ha de ſer lá retirado,
Donde em vida me vá da dôr ferido;
Para o ſitio, que achares mais patente
Te rogo que o conduzas paciente.

Que ſepultado ſeja allí eſpero
O meu frio cadaver macilento;
O modo te direi, porque aſſim quero
Poſſa a todos ſervir de documento,
A cóva me abrirás por caridade,
E depois lança o corpo com piedade.

Coberto que já for de terra dura,
Buſca entaõ huma pedra denegrida,
Que logo firmarás na ſepultura
Em fórma, que ſe veja ao alto erguida;
Na frente lhe abrirás por derradeiro
Com letras cór de fogo eſte letreiro.

Aqui jaz o Paſtor mais deſditozo,
Que peitos de mulher alimentáraõ;
Anfrizo ſe chamou: por extremozo
Rigores de Silvana o acabáraõ:
De amor o grande pezo em vida teve,
No ſepulcro lhe ſeja a terra leve.

EGLO-

EGLOGA V.

DALIZO, E FILENA.

ERa o tempo no qual mais rutilante
Raios vibra de Febo a flama ardente;
Quando esperar que mais o ardor quebrante
Abrigo vai buscar todo o vivente;
Qualquer féra dos montes habitante,
Á frescura do bosque vai contente;
O gado as sombras busca, e os passarinhos
Vaõ buscando o amparo dos seus ninhos.
Neste tempo, que tudo repouzava
Só Dalizo descanço naõ sentia;
O som alegre já naõ entoava
Como d'antes, na flauta, que tangia;
Em busca de Filena o arrastava
Huma falsa noticia, que sabia;
Mas quando em busca della vai penando,
Ella o vinha tambem já procurando.

En-

Digitized by Google

Encontra-ſe hum com outro, e de repente
O Paſtor perturbado de zelozo,
Já queixar-ſe naõ ſabe do que ſente,
Já ſentido nem ſabe eſtar queixozo;
A Paſtora, em quem vive amor ardente
Devizando-lhe o geſto pezarozo,
Encendida em amor, de pena eſtálla
Ja lhe pega na maõ, já lhe affim falla.

FILENA.

Que novo eſtillo he eſte dezuzado?
Que nova ſuſpençaõ agora he eſta?
Naõ ſaõ eſtas as horas, que o cuidado
Te levava a buſcar-me na floreſta?
Agora, que deſcança á ſombra o gado,
Os Paſtores tambem dormem a ſeſta,
Naõ me buſcavas ſempre terno amante?
Naõ me achavas na fé ſempre conſtante?
Pois como, vindo agora a procurarte,
Naõ ſoffrendo demora o meu cuidado,
Taõ confuzo te encontro, que encontrar-te
Deſta ſórte me tem confuzaõ dado?
Chegou algum Paſtor a injuriar-te,
Ou furtaraõ-te acazo algum do gado?
O motivo me explica deſſa pena,
Que a quanto te magóa me condemna?

DA-

Digitized by Google

DALIZO.

Ah Filena! ah cruel! falsa, aleivoza;
E como vens traidora simulada,
Destas penas mostrando-te penoza,
Como se tu naõ foras a culpada?
Naõ foi para mim naõ, injurioza
De outro Pastor a furia arrebatada,
Pois na carreira a todos excedendo,
Na luta, e barra os fui tambem vencendo.

De todos alcancei sempre a victoria;
Mas a maior victoria, que alcançava
Era nisto lucrar aquella gloria,
Com que ao teu genio assim lizonjeava:
Mas ai! que se recordo na memoria
Finezas que por ti amante obrava,
Naõ sei como inda vivo em tal estado,
Vendo-me hoje taõ mal galardoado.

Perguntas-me se o gado me furtaraõ?
Ha loucura maior? dize, tyrana,
Que importava que o gado me roubáraõ,
A seres tu constante, meiga, humana?
Ah cruel! que estas penas ordenáraõ
As tuas inconstancias; pois ufana
A outro Pastor sei, que firme adoras
Por ignorancia vil entre as Pastoras.

Algum dia affirmavas tu: primeiro
Produzirá o campo, e o boſque eſtrellas;
No Ceo flores verás por derradeiro,
Brancas, roxas, azuis, mais amarellas;
Verás aves no mar, rio, e ribeiro;
Verás peixes voando em lugar dellas;
Mas naõ verás em meu conſtante peito
Contra a fé, que te juro algum defeito.
Pois os peixinhos na agua ainda ſe agitaõ;
As aves no ar tem ſeu movimento;
As boninas no campo ainda habitaõ;
As eſtrellas no Ceo tem ſeu aſſento;
Mas em teu falſo peito ſe exercitaõ,
Oh que a pezar do meu contentamento!
Falſa fé, falſo amor, falſa fineza,
Contra amor, contra mim, contra a firmeza.

FILENA.

Eu aſſento, Dalizo, que perdeſte
A antiga diſcriçaõ: tu com loucura,
Quando o meu puro amor ſó mereceſte,
Fazes delle eſſa infame conjectura:
Verás luzir primeiro a ſombra agreſte,
Verás o Sol brilhante ſombra eſcura;
Mas deſta pura fé a claridade,
Já mais padecerá eſcuridade.

Se

Digitized by Google

Se neſſe juramento de algum dia
Eſcrupulizas poſſa ſer perjura,
Mil vezes jurarei, ſe entaõ fazia
De minha fé conſtante huma ſó jura:
Deſterra já de ti tal fantazia,
Que offende no meu peito a fé mais pura;
Quando ſabes, que ja na melhor parte,
De minha alma cheguei a collocarte.

DALIZO.

Já me diſſeraõ tudo claramente,
Inda naõ haverá nem duas horas;
Que outro Paſtor por ti ſe abraza ardente,
E com ardente amor tambem o adoras:
A penas iſto ſube, de repente
Aſſaltado de penas taõ traidoras,
A cabana deixei, deixei o gado,
A buſcar-te me trouxe eſte cuidado.

Naõ porque de outro bem tenha eſperança
A procurar-te vim, nem por queixar-me;
Porque vendo taõ livre eſſa mudança
De que podia a queixa aproveitar-me?
Mas como quazi tenho a ſegurança,
Que eſtas penas a vida haõ de acabar-me;
Como a morrer me vejo deſta ſórte,
Noticia te quiz dar da minha morte.

As

FILENA.

As innocentes mãos, quando assim morras
Sincera lavarei, por naõ ter parte
Na disgraça fatal, naõ, naõ discorras
Acreditando enganos de tal arte.
E porque a doce vida já soccorras
Quero Dalizo agora assegurar-te,
Que se o meu puro amor naõ acreditas
Mais que a tua esta vida precipitas.

DALIZO.

Perder pouco me déra a vida grata
Se arriscando-a por ti perdéra a vida:
Sinto mais que matando-me de ingrata
Por escandalo vivas conhecida:
Essa fé, que me affirmas, quando máta
Mais te aviva, e descobre fementida;
Em fim por certo sei o como és firme:
Precizaõ ninguem tinha de mentir-me.

Eu bem vejo terá maior rebanho
Do que o meu, o Pastor de ti querido;
Mas ao constante meu amor tamanho
Nem tua ingratidaõ tem excedido;
Será muito aninhado em seu amanho,
Seu genio, seu primor muito crescido;
Porém naõ poderás contra mim triste,
Negar quanto por ti obrar me viste.

Quan-

Digitized by Google

Quantas vezes, ſe acazo te fugia
Alguma das ovelhas do teu bando,
Eu ſó por te ſervir logo corria
Procuralla, o meu gado ſó deixando.
E ſe em quanto a buſcalla cá ſe me hia
O meu rebanho todo deſgarrando,
Por veres que ſervir-te dezejava
Eſte meſmo deſmancho me agradava.
Que goſtozo taõ bem te offerecia
Da fruta que encontrava mais goſtoza?
E ſe acazo no laço me cahia
Naõ te dava a perdiz delicioza?
Quantas vezes, por dar te ſó colhia
Aquella flor do prado mais viſtoza?
Quantas vezes ſe á fonte te encontrava
O cantaro á cabana te levava?
Quantas vezes por ti..... Porém que digo?
Em que delira agora o meu cuidado?
Se na morte he que eſpero achar abrigo,
Que eſperallo de ti he eſcuzado:
Eu bem ſei que em queixar-me naõ te obrigo,
E julga que iſto que eu tenho contado,
Dezafogo foi ſó da minha pena,
E naõ por me queixar de ti, Filena.

FI-

Digitized by Google

FILENA.

Eu cauza te naõ dei para queixarte,
Nem já mais a darei ao meu Dalizo,
Naõ vês que para n'alma apozentarte
Dedicar-te a minha alma foi precizo;
Quem já mais poderá della apartarte,
Deturpando de amor o trato lizo?
Olha que tudo quanto te differaõ
Enveja a noſſo amor foi que tiveraõ.

Tu naõ vês que ha Paſtores taõ manhozos,
Que envejando o querer de outros Paſtores;
Hum cuidado maquinaõ cautelozos
Por quererem talvez os ſeus amores?
Eſſes ditos, que ſabes enganozos,
Acredita que ſaõ perturbadores,
Ou de cáuto Paſtor, que a mim adora,
Ou Paſtora ſagaz, que te namora.

Mas naõ verá nenhum deſſes traidores
Lograda tal induſtria dezhumana;
Agora alcançarás de meus primores
Se desleal te fui, ſe ſou tyrana;
Satisfaçoens naõ quero dar melhores
Que aquellas, que verás lá na cabana,
Anda comigo, vem, deixa eſſa pena,
Que ſatisfeito ſó te quer Filena.

Eu

DALIZO.

Eu me dou já, Paſtora, ſatisfeito;
Inda que naõ ſei bem ſe te acredite;
Porém como de amor vivo ſujeito,
Quer amor que de ti me capacite.
Eu te ſigo fiel, e por effeito
Que já mais teu rigor me precipite,
Eſta naõ ſó me aperta, em confiança
Da firmeza, da fé, da ſegurança.

FILENA.

Mas eſpera; que além deſta campina
Hum Paſtor para aqui lá vem de roſto;
Que ſempre a oppoziçaõ de huma moſina
Fatal eſtorvo encontra ao maior goſto:
He Silvandro: ſe a ſorte aſſim deſtina,
Forçozo he ſeparar-nos deſte poſto;
Mas antes que de todo acabe a feſta
Com fadiga te eſpero na floreſta.

DALIZO.

Pois faze tu que vaz ſeguindo o gado
Para a ponta acolá deſte ribeiro;
Porque a Silvandro agora disfarçado
Á ſombra guiarei de hum freſco ulmeiro;
E logo lá no ſitio coſtumado,
Ficando elle do ſomno prizioneiro,

Digitized by Google

A procurar-te hirei; com Deos vai hindo.
Elle comtigo vá: diſſe ella rindo.
Apartados aſſim os dous Paſtores.
Cada qual nas vontades conformados:
Proteſtando ambos vaõ firmes amores;
Nos proteſtos hum de outro confiados:
Mas ah, Dalizo incauto! Se os rigores
No feminil naõ foraõ coſtumados;
Confianças melhor ter poderias,
Mas olha que te enganas, ſe confias.
Confiado vivia o triſte Albano,
Paſtor neſtes contornos habitante,
Na perjura Damiana, que em ſeu damno
Já falſa lhe affirmára o ſer conſtante
Lamenta-ſe o Paſtor do trato inſano
Aos impulſos da magoa exorbitante;
Cujos écos por Matos repetidos
Ferem os coraçoens, quando os ouvidos.
A penha mais robuſta comovia
Quando os queixumes d'alma dezenſerra;
Mas Damiana, que ingrata a fé mentia
Dura ficava mais que a dura ſerra:
Diz-lhe em fim que a Fileno ſó queria;
Vaga Albano com dor a alhea terra:
Tome exemplo, pois, todo o affeiçoado;
Que nunca há em amor ſeguro eſtado.

EGLO-

Digitized by Google

EGLOGAS VI.

FLORIANO.

O Pastor Floriano impaciente,
Porque a bella Matilde, a quem amava,
Agora por cruel se lhe occultava
A busca diligente;
Sem descanço, sem tino, modo, ou termo,
Por vales, montes, povoado, e ermo,
Chegando junto ao Tejo donde fora
O sitio, em que primeiro lhe fallara;
Conhecendo o lugar, suspenso pára,
Suspira, geme, e chora;
E por força da magoa, que o não deixa
Com tenuissima voz assim se queixa.
Aqui donde a agoa fez esta quebrada,
Espando pouco, e pouco a ribanceira;
Aqui foi, aqui foi a vez primeira,
Que vi a minha amada;
Tanto de amor fiquei por ella prezo,
Quanto agora lamento o seu desprezo

Digitized by Google

Qual o ſimples cordeiro, que balando
Pelo mato, da mãi anda perdido,
Aſſim ando tambem eſpavorido
Por ella ſuſpirando;
Mas por mais que ſuſpiro, e que lamento
Nunca tem meus ſuſpiros valimento.

Sem ter outro cuidado, eu algum dia
Cuidadozo guardava o meu rebanho;
Naõ tinha maior goſto, nem tamanho,
Se gordo o gado via;
Porém depois que vi Matilde bella,
Naõ tive mais cuidados do que nella.

Em quanto deſta ingrata fui querido
Nada mais que ſervilla me lembrava;
Mas agora que vi que me deixava
Cuidadozo mais ſentido;
Cuidados com amor, e ſem amores
Mais cuidados crueis, mais crueis dores.

Ah tirana Matilde! Se eu podera
A tua ſem razaõ vencer agora;
Neſte mal, que padeço hum bem me fora
O maior que tivera;
Mas por mais que me canſo, e que trabalho,
Nada alcanço de ti, já nada valho.

Por-

Digitized by Google

Porque foges de mim, bella Matilde?
Se de longe me vês corres esquiva,
Só por naõ attenderes compassiva
A hum Pastor humilde
Escuta, escuta ingrata as minhas queixas;
Bem vês a sem razaõ, com que me deixas.

Em toda esta campina fresca estancia,
A qual banhaõ do Tejo as patrias agoas,
Naõ haverá Pastor com tantas magoas,
Nem que ame com mais ancia;
E tu cauza do mal, que estou sentindo
Ha tres dias de mim que andas fugindo.

O lobo no redil com mortandade
Faz estrago fatal, perda crescida,
Porque apenas voraz deixa com vida
Do gado nem metade;
E o Pastor, que isto vê quando amanhece,
Amofina-se, chora, e se entristece.

Mas oh que pouca perda a minha fora
Se metade do gado me morrera?
Eu perdêra hum rebanho, e mais perdera
Se vira esta traidora;
Se Matilde já vira, como d'antes
Ouvir-me, e responder ditos amantes.

Po-

Digitized by Google

Porém já naõ me attende, nem reſponde
A cruel desleal, que ſe me occulta,
Dizei-me adonde eſtá, ó rocha inculta,
Dizei, dizei-me adonde?
Mas ai que eu já deliro! agora cria
Que póde reſponder-me a penedia.
Vagando correrei, hirei ao povo,
Á ſelva, ao boſque, ao campo, e ao outeiro
Naõ fique pedra, rama, nem rigueiro,
Que naõ buſque de novo;
Hei de ver ſe a encontro, ou quem me diga
Donde achar poderei eſta inimiga.
Se acazo cá de longe a vella chego,
Por mais que ella na fuga, me reziſta,
Logo hirei, porque a naõ perca de viſta
Correndo ſem ſocego;
Tanto forcejarei neſta carreirra,
Inda que a vida exale de canceira.
Porém ſe eu de repente logo déſſe
Com eſta desleal ſem que me víra;
E pudéra fazer, com que me ouvira
Sem que fogir podeſſe;
Expreſſoens taõ ſentidas lhe formára,
Que as entranhas ferozes lhe abrandára.

Digitized by Google

EGLOGA VII.

MARINO, E CHROMIS.

BRilhando no Orizonte
Vinha a luz matutina;
A neve criſtalina
Alvejava de longe lá no monte;
Quando ja porque o vento
Amainava de todo o ſopro lento,
Para a praia remando
No batel vinha Chromis forcejando.
Á terra já chegava,
E a vêlla recolhendo;
Do ſeu batel deſcendo
N'um curto tronco o atou, que alli eſtava;
Entrou na area enxuta
E huns gemidos triſtiſſimos eſcuta;
De magoa entaõ ferido;
Applicou ſocegado o terno ouvido.

Dal-

Dalli d'entre huns penedos,
Que eſtaõ fóra das aguas
Percebe as triſtes magoas,
Que logo de amor vio ſerem ſegredos;
Os paſſos encaminha
Para a parte, que a voz ouvido tinha;
E que he Marino achando
Logo a pár delle aſſim lhe vai fallando.

CHROMIS.

Ah Marino, Marino, aqui tu poſto
No meio deſta dura penedia!
Aquî ſem alegria,
Em lagrimas banhado o triſte roſto!
Vem cá, Peſcador, vem, que cazo he eſte?
Naõ ſabes que as triſtezas mais conſomem,
Derrotaõ mais a hum homem,
Que a huma embarcaçaõ o vento agreſte?
A bonança naõ tem melhor valia
Para bem navegar o meu ſaveiro,
Como hum pobre barqueiro
Neceſſita viver com alegria.
Tu bem ſabes, que eu fui já da compânha
Do teu meſmo batel; ſôu teu amigo,
Alivia comigo,
Dize a cauza, que tens a dôr tamanha.

Po-

Digitized by Google

Porém, senaõ me engano, nessas dores
De que vejo Marino lamentarte,
Creio tem grande parte,
Da ingrata Panopea os disfavores.

MARINO.

Provéra a Deos, amigo, fosse engano
Essa tua acertada conjectura;
Que fora menos dura
Outra perda qualquer, ou qualquer damno.
Viste tu, Pescador, n'uma tormenta
Sobre as ondas hum barco navegando,
Mas logo sossobrando
Hir a pique, se o leme lhe rebenta;
Assim ando, meu Chromis, já sem rumo
Vagando nestas praias descontente;
E cá internamente
Me desgosto, me affliijo, e me consumo.
Nunca foi mais amada Galatéa,
Com mais ancia, mais fé, ou mais extremo
Do torpe Polifemo,
Que de mim adorada Panopéa.
Se ao longo do Tejo hum companheiro
Lançar na agua a fateixa precizava,
Ou lá do Sul portava,
Para o Norte a nadar vinha ligeiro.

En-

Entaõ essa cruel me apparecia
Gritando cá por mim mesmo da praia,
E eu antes que saia
Muitas vezes de lá lhe respondia.
Outras vezes tambem mergulhos dando,
Em cada maõ trazia hum vivo peixe;
E sem que o nado deixe
Lhos vinha logo dar inda pulando.
Alli me assegurava mil certezas
Chegando de excessivo a criminar-me;
Dizendo para amar-me
Bastava já de obrar tantas finezas.
Outras vezes na Aldêa a procurava,
E para offerecer-lhe sempre tinha
O barbo, ou a tainha,
Que sempre agradecida me aceitava.
Mas depois que pesquei huma lamprêa,
(Começou nesse dia o meu agouro)
Vim dar lha, e por desdouro,
Naõ achei como d'antes Panopêa.
Foi de entaõ para cá a pouco, e pouco
Fugindo de tratar meu peito amante;
Até que naufragante
De todo me deixou afflito, e louco.

Co-

Digitized by Google

Como contra a maré por mais cuidado
Com que os homens do mar os remos forçaõ;
Mas por mais que se esforçaõ
Nunca chegaõ ao porto dezejado.
Assim, depois que a falsa já naõ vejo,
Por mais que em vaõ trabalho, e que me canço
Naõ posso ter descanço;
Que naõ pode alcancalla o meu dezejo.
Bem podéra a meu mal fazer presagio
A penas de amor vi farta a vontade;
Porque á serenidade,
Muita vez sobrevem triste naufragio.
Porém vivia entaõ com tanto gosto
Confiando na fé dessa traidora,
Quanto sentindo agora
Consumir-se-me a vida com desgosto.

CHROMIS.

Ah! naõ queiras, Martino, dessa sórte,
Os dias consumir da amada vida;
Que em magoa taõ crescida
Será por tuas mãos buscar a morte.
Viste tu huma noute, que os fulgores
Da trevoada a todos causa espanto;
Mas no outro dia tanto
Nos alegra do Sol os resplendores.

Assim posso tambem assegurar-te,
Que has de ver em bonança a tua queixa;
Correr o tempo deixa,
Que ha de vir Panopéa inda a buscarte.
Naõ sabes, da mulher he natureza,
Se n'hum homem amor grande conhece,
Que vã se ensoberbece,
E o mesmo que dezeja entaõ despreza.
Desprezada porém, qualquer que seja,
Perversa condiçaõ! juizo vario!
Entaõ pelo contrario,
O que mais se lhe affasta mais dezeja.
Téme em fim que a perder-te o pezar deite;
Que inda que eu de conselhos necessito,
Talvez que este meu dito,
Quando menos cuidares, te aproveite.
Quando assim te naõ busque, se quizeres
Ninfas ha nesse Tejo, que tem fama;
E se essa te naõ ama
Pouco perdes, ou nada se a perderes.

MARINO.

He a tua razaõ de tal valia,
Que os cuidados de amor já naõ tolero;
E já sómente quero,
Como d'antes, cuidar na pescaria.

CHRO-

Digitized by Google

CHROMIS.

Pois ſe acazo te agrada vem comigo,
Porque eu vi derrotado o teu ſáveiro;
Serás meu companheiro,
O meu ganho ſerá igual comtigo.
Aſſim aconſelhado
O Peſcador Marino,
Cobrando novo tino
Foi a Chromis ſeguindo conſolado:
Deſpreza o bom conſelho
O teuaz, ſeja moço, ou ſeja velho;
A quem diſcorrer ſabe
Hum conſelho prudente muito cabe.

EGLOGA VIII.

SALICIO, E AGRARIO.

HUma noute, que a porta já fechada
Tinha Agrario da ruſtica pouzada,
Com o ſeu coſtumado dezafogo
Quebrando a ſecca lenha para o fogo,

Em

Em que no pobre lár, para o ſuſtento
Cozia o neceſſario mantimento;
Quando o Paſtor Salicio, Paſtor moço,
Cheio de huma ternura, e alvoroço,
Naſcida eſta paixaõ, porque excellente
Tinha viſto na tarde antecedente,
Huma Ninfa gentil, deſconhecida,
Por quem perder quizera a doce vida;
Com acerto buſcava o velho Agrario;
Porque naõ dezejava temerario,
Com alguma loucura arrebatár ſe,
Sem com elle primeiro aconſelhar-ſe;
Pois que bem conhecia deſte velho,
Que era próvido o ſeu conſelho;
Cuja certeza tinha elle alcançado
De outras vezes o ter aconſelhado:
Era Salicio moço, mas louvavel
O genio tinha docil, e domavel;
E reprimindo o ardor, que em poucos annos
Coſtuma ocazionar perverſos damnos,
Naõ julgava maior conveniencia,
Que pelas mãos reger-ſe da prudencia.
Aſſim pois rezoluto á porta chega
Do velho reſpeitavel, que naõ nega
Dar-lhe goſtoza entrada, quando ouvia
Que Salicio de fóra lhe dizia.

SA-

Digitized by Google

SALICIO.

Abre-me a porta Agrario: o teu Salicio
Eu sou; que venho aqui necessitado
De teus sabios concelhos; beneficio
Com que muito me tens aproveitado.

AGRARIO.

Naõ só a porta, amigo, mas os braços
Abertos tenho prompto a receber-te;
Dá-me os teus, que me saõ gostozos laços:
Mal sabes quanto estimo sempre ver-te.
Porém tu por aqui, tendo a taes horas
Das minhas direcçoens necessidade;
Certamente que alguma das Pastoras
Te traz fóra de ti; isto he verdade.

SALICIO.

Tu pareces que tens conhecimento
Das internas paixoens, que amor reparte;
De amor procede todo o sentimento,
Que agora aqui me traz a incommodar-te.

AGRARIO.

Naõ me incomodas naõ, antes gostozo
Dezejo te utilizes do que valho:
Inda em cazo, que fosse trabalhozo
Por servir-te gostara do trabalho.

Digitized by Google

Eu te louvo Paſtor, que nada faças
Que as primeiras paixoens te perſuadirem;
Toda a hora naſcendo eſtaõ deſgraças
Dos homens as paixoens naõ reprimirem.
Naõ falo das paixoens ſó amorozas,
De que naſcem no Mundo mil fracazos;
Precizas ſempre ſaõ liçoens virtuozas
Para bem proceder em quaeſquer cazos.

SALGIO.

Venero os teus ditames; eu me enlevo
Na ſua ſegurança, e o mal adoço;
Naõ digo que os eſtimo quanto devo;
Porém ſei que os abraço quanto poſſo.

AGRARIO.

Dezejo pôr-te longe de moſmas;
Livrar-te de máos paſſos, e traveſſos;
Porque tem muito mais do que imaginas
O caminho da vida mil tropeços.
Porém vamos ao cazo ſucedido;
Que agora te perturba novamente;
Naõ te demores mais, Paſtor querido,
Que eſtou já por ouvir-te impaciente.

SALGIO.

Eſta tarde, já quando ſe eſcondia
Por de traz da alta ſerra o Sol brilhante,
A beber para o rio eu conduzia
O meu farto rebanho vigilante:

E

E por vir fatigado, e com ſecura,
Como a fonte em caminho me ficava,
Por hir ſatisfazer-me de agua pura
Os paſſos para a fonte encaminhava.
Neſte tempo da parte lá da Aldea
Huma Paſtora vi deſconhecida
Que vinha juntamente com Altéa
Pela eſtrada, que á fonte vai ſeguida.
Seguro na cintura delicada
Altéa hum novo cantaro trazia;
Movendo os leves paſſos engraçada
Como tu a tens viſto cada dia.
Mas chegados que fomos já mais perto
Vi a nova Paſtora taõ perfeita,
Que por bella naõ poſſo encarecerto;
Aſſim Ceres nos dê boa colheita.
Mais puro do que a neve era o ſeu roſto
A face rubicunda, os olhos pretos.
Tinha o lindo cabello em tranças poſto
Que era tudo hum enleio dos affectos.
Trazia com alinho toda airoza
A ſaia, que era azul naõ muito curta;
Seu juſto Jubaõzinho cor de róza,
E hum cajado na maõ de páo de murta.

Tu bem sabes que Altéa he das melhores,
E julgada por muitos a mais bella;
He encanto da vista dos Pastores,
Mas naõ tinha que ver á vista della.

Chegamos todos tres á fresca fonte,
E depois da primeira cortezia,
Pasmado emmudeci, vendo-a defronte
Em quanto á bica á outra o pote enchia.

Como aquelle Pastor, que em fonte secura
Buscando a rez perdida, e desejada,
Lá depois de emprenhado na espessura
Naõ acha a rez, que busca, nem a estrada.

Assim cá dentro em mim achei o estrago,
Sem buscar tal encontro, e deste passo
Naõ sabia sahir que mudo, e quedo
Nem tive de fallar desembaraço.

Altéa disse então com desafogo:
Daliana gentil bebe, se queres,
E vamo-nos daqui, que, este Serrano
Se envergonha diante das mulheres.

Daliana então soube se chamava
A bella encantadora, que primeiro
Do que fosse beber vi que encostava
O bem feito cajado a hum salgueiro.

Sucedeo por acazo que bolira
O vento com mais força, e de repente
O leve cajadinho lhe cahira
Sobre a relva, que estava florecente.
Fuí prompto levantallo com despejo,
E depois de cortez o haver beijado,
A dona o entreguei, que logo hum beijo
Adonde eu mesmo o dei, deo no cajado.
E olhando para Altéa ambas sorrindo,
Por modo que zombavaõ deste ponto,
O caminho da Aldea vaõ seguindo,
E eu immovel fiquei hum grande espaço.
Até que me lembraste, amigo Agrario,
E no peito senti mais dezafogo,
Conheci os effeitos de amor vario,
Porem sempre confuzo me fuí logo.
Ajuntei o meu gado, que já tinha
Espalhado-se algum; porque eu faltava,
A beber o levei como convinha,
E depois ao cutral, que perto estava.
Mas, ah meu bom Agrario! que dezejo
Em que amor me meteo, naõ sei tirar-me;
Se do gado cuidei, foi com receio
Da certa correçaõ, que havias dar-me.

Mas apenas amigo que a cancella
Apreſſado fechei, ſem mais aninho
Por vir em ti buſcar ſábia cautella,
Mais tempo naõ gaſtei, que o do caminho.
Iſto he que me ſucede; expoſto tenho
O motivo do enredo, em que labóro,
A ſeguir teu conſelho, amigo, venho,
O teu ſabio conſelho, amigo, implóro.

AGRARIO.

Oh quanto he de louvar, q̃ hum moço venha
Os dictames buſcar dos homens velhos!
A quantos mais creſcidos naõ deſpenha
O deſprezo, que fázem dos conſelhos?
Provém a Deos Paſtor que toda a gente,
A quem falta a preciza madureza,
Procure ſe hum varaõ juſto, e prudente,
Que as acções lhe regule com pureza.
Atentto eſtive ouvindo a cauza urgente,
Que da tua paixaõ me tens expoſto;
Porém vê que ſó ſabe ſer prudente
Quem ſabe reprimir o proprio goſto.
Daliana gentil, por quem ſuſpiras
Conheço muito bem, tudo te exponho,
E inda que melhor fora nunca a viras,
Já que a viſte ſuppoem que foi hum ſonho.

He filha de hum Irmaõ da mãi de Altéa
De quem Laura, e Natercia foraõ Tias;
Hoje soube chegou á nossa Aldéa
A prima vezitar por alguns dias.
O pai della chamado foi Sileno,
Que astuto rapaz era na verdade;
Desta terra se foi sendo pequeno,
E cazou muito bem lá na Cidade.
Aquella filha teve taõ perfeita
Quanto foi por formoza desgraçada;
Pois com torpe marido, e mal aceita
Na Cidade vivendo está cazada.

SALICIO.

Ó Ceos! e consentis que inda eu respire
Este alento vital! Pastor amado,
Deixa que eu a morrer já me retire
Na minha confuzaõ amortalhado.
Em alheas prizoens, mal empregada,
A belleza melhor, que se tem visto!
A sorte nisto andou dezordenada,
Em mim quéro vingar a pena disto.

AGRARIO.

Tem maõ, Pastor, errado; por ventura
Tu cuidas que com esse dezatino;
Poderás impedido da loucura
Emmendar as dezordens do destino?

So-

Sócega por hum pouco, e terás logo
Metigado o frenetico delirio,
Eu te quero mostrar com dezafogo
A louca sem razaõ do teu martirio.
Naõ te fora peior, se em livre estado
A Pastora gentil por quem padeces,
Teu amor della viras desprezado
Por mais, e mais serviços que fizesses!
As finezas, que faz a cada instante,
Tu naõ sabes, Eulino por Silvóza;
Porém quanto o Pastor he mais amante,
Mais se mostra a Serrana rigoza.
Naõ te fora peior se livre aquella,
Que hoje captiva está se te enclinára;
E depois de amoroza conhecella,
Lá por outro Pastor te desprezara?
Aquelle pobre Anfrizo, que sofrido
Naõ terá por Silvana? huma Pastora
Taõ bella quanto sabes, e tem sido
Das mais vis falsidades aggressora.

SALICIO.

Parece teus razaõ; porém naõ posso
Cá do peito arrancar este tormento;
E se quero desfalla mais engrosso
Os laços, com que estou no pensamento.

AGRA-

AGRARIO.

Meu amado Pastor, nas cabeçadas,
Que vemos dar aos outros reparemos;
E de exemplo nos sirvaõ taes pancadas,
Porque as nossas cabeças naõ quebremos.

SALICIO.

Porém que hei de fazer amigo Agrario?
De Amor em fogo todo estou ardendo;
He incendio este meu extraordinario,
Quando quero apagallo mais o acendo.

Eu venho os teus ditames supplicar-te,
Por elles acertar sempre dezejo;
Porém posso tambem assegurar-te,
Que naõ sabes o enleio, em que me vejo.

AGRARIO.

Livrar-te-has desse enleio taõ sómente
Fugindo de encontrar essa Pastora;
O pensamento della pondo auzente,
Que nunca nella o ter melhor te fora.

Suppoem que tal mulher naõ ha no mundo,
Que esse encontro passado naõ tiveste;
Porque assim o fazendo cá me fundo
Naõ terás mais paixaõ, que te moleste.

Ella tem de Hymeneo a ligadura,
Que bem sabes he nó irremessivel;
E bem sabes he mais do que loucura
Hum homem pertender hum impossivel.

SALICIO.

He cazada, bem sei; mas se eu podesse
Pela força de amor, com algum meio...
Talvez, que ella amorosa então quizesse.
Porém não sei que digo, isto he enleio!

AGRARIO.

Não discorras, Pastor, com tal idéa;
Porque a fé conjugal nunca se offende;
Abomina huma couza, que he tão feia,
E de taes pensamentos se defende.

SALICIO.

Conheço me aconselhas a verdade:
Vejo a grande loucura, em que estou posto,
E já contra os impulsos da vontade
Por seguir a razão desprezo o gosto.

AGRARIO.

Ora pois, isto he tarde, na palhoça
Esta noute ficar podes comigo;
Vê que o medonho escuro já se engrossa,
Ceemos, e durmamos neste abrigo.

Não tens necessidade de hir agora,
Que lá teus no curral seguro:
E à manhã tu verás de toda fórta
A paixão, que te tinha allucinado.

SALICIO.

Não posso rezistir aos teus favores:
Eu fechei do curral bem a cancella,
E por causa dos lobos roubadores
Ficárão dous cães de sentinella.

EGLOGA IX.

ALMENO.

HUma tarde, que o vento descompasso
Soprava lá da parte do Nordeste,
No mez outavo do anno, o mez de Agosto,
Quando Almeno por huma encosta agreste
Para o vale o rebanho conduzia,
Buscando melhor pásto, que lhe preste,
Ao huma balsa chegou, que alli havia,
E encontrando-se em hum duro penedo,
Já ixento de amor assim dizia.

Que

Que bello abrigo achei: este balsedo,
Do vento dezabrido me repara,
Que ramalhando vem pelo aryoredo.
Em todo este orredor naõ há seara
A que possa offender meu pobre gado;
Inda que todo o dia aqui pastára.
Aqui descançarei; porque acertado
Naõ he que hum homem ponha a doce vida
Entregue ás tem razoens de hum vil cuidado.
Sem socego o discurso andar em lida,
Consome huma pessoa lentamente,
Thé que acaba de todo consumida.
Bem haja o bom Agrario, que prudente
Taes conselhos me deo, que vivo agora
Sem ter de amor paixaõ, que me apoquente.
He certo que mais hora, menos hora,
Mais dia, menos dia, mez, ou anno
Amor o peito abraza, adonde mora.
Os que bem naõ conhecem este engano,
Sem receio lhe daõ gostoza entrada,
Mas tá choraõ no fim o dezengano.
Elle he muito ardiloso, naõ faz nada,
Que naõ pareça grato, e deleitoso
A aquelle, donde quer fazer morada.

Mas

Mas depois que se apanha poderozo
No peito, donde fez seu apozento,
Logo mostra o vil genio rigorozo.
Porque o fogo ardentissimo, e violento
Vai no peito lançando, e vaõ subindo
Logo as chamas subtis ao pensamento.
Outras vezes as setas impellindo
No peito donde está, com dezafogo
O triste coraçõ lhe vai ferindo.
Naõ vále contra amor manha, nem rógo,
Esforço, ou valentia rezistente,
Que vence com ardiz, com ferro, e fogo.
He o braço de amor muito potente,
E naõ há meio algum de rezistir-lhe
Senaõ delle fugir, fugir sómente.
O cauteloze Agrario, que fugir-lhe
Soube sempre, he que assim me aconselhava,
E as liçoens com proveito eu sube ouvir-lhe.
Mil exemplos alheios me aponsava,
Que a elle tinhaõ sido proveitozos,
E por isso de amor sempre zombava,
Com alguns pensamentos amorozos
Eu andava inquieto, louco, e vário;
Porém sempre os julgava deleitozos.

Mas assim que o Pastor discreto Agrario
Da condiçaõ de amor me deo noticia,
Naõ quiz mais com amor ser temerario.
Conheço já de amor bem a malicia,
Por isso contra amor armo cautellas;
Que he viver sem amor huma delicia.
Quando vejo as Serranas gentis, bellas
Sim lhe fallo, porém acautellado,
Nunca demoro muito os olhos nellas.
Eu sei já muito bem que apadrinhado
Se vale o astuto amor destas Madrinhas,
Para se introduzir bem disfarçado.
Conjecturas naõ saõ, nem couzas minhas
Agrario me ensinou, que isto se passa,
E que saõ as mais bellas mais daninhas.
Que he sempre enganadora a sua graça,
Que as promessas saõ vans da formozura;
E que saõ dos Pastores a desgraça.
Por isso cuido só da semeadura,
Pastorar cuidadozo o meu rebanho;
E os cuidados de amor julgo loucura.
Naõ acho maior bem, nem bem tamanho
Como viver hum homem sem mais lida,
Que esta lida do campo, onde tem ganho

Mas

Mas agora, que o abrigo me convida
Dormirei sem paixaõ, que me atormente;
Que o descanço tambem sustenta a vida.
E nunca deve o homem, que he prudente
Sem juizo reger-se, e como hum tonto
Desprezar o que lhe he conveniente.
Pois já que o sitio he bom, está o ponto
Que chegue o subtil sono com descanço;
O rebanho andar só naõ tem desconto,
Que a relva aqui he boa, o gado he manço.

POEMA JOCO-SERIO.

CANTO UNICO.

CAntando espalharei entre os leitores
Do Lavrador Anfrizo a trabalheira,
A quem ampara a Deoza dos amores,
Contra os ardis do Deos da borracheira?
Para que eu faça rir estes Senhores
Inspira-me tu, Muza galhofeira,
Hum som joco-sonante, e hum desvario,
Qual meu canto requer. Eu principio.

Em-

Enfurecido Bacco, de que hum anno,
Em que o seu licor sacro tanto abunda,
Possa haver cá no Mundo ventre humano,
Que do santo licor se naõ infunda;
Ou sagaz contra Anfrizo, já tyrano
Por lhe ser licor tal, couza injucunda,
Do Ceo á terra vem, mais que damninho,
Mettido n'huma nuvem côr de vinho.

Cá no Mundo parou sobre huma terra,
A qual eu nunca vi em mapa exposta;
Onde intenta espalhar astuto guerra,
Contra Anfrizo, dispondo-a de maõ posta;
Lá no búxo de alguns por dentro berra
O summo sacrosanto, que elle gosta;
E tanto que deo fé da sua gente
Alegre á caza vai adonde os sente.

Em sima do fogaõ toma apozento,
Para ser mais bem visto, e bem ouvido;
Logo todos o attendem; n'hum momento
Céssa todo o rumor, todo o alarido:
Como lá quando Enéas do alto assento
Narrava o que lhe manda a bella Dido,
Assim todos se calaõ, e applicados
Os rostos se lhe vem como pasmados.

Eu

Eu sou, expunha Bacco, o Deos rizonho
Amigo de que os ventres se refaçaõ;
Naõ aprovo nenhum genio bizonho;
Que gosta que galhofas se naõ façaõ;
Vós que pello gargallo estais, eu ponho
Sobre vós huns taes dons, que delles naçaõ
Huns furores com graça taõ destinta,
Que huns com outros marreis, e outro o sinta.

A penas isto disse: de improvizo
Dezaparece o Deos, e os circunstantes
Sem tino, sem acordo, e sem juizo
De furor ficaõ cheios delirantes,
De remetter com gestos, mas com rizo
Huns com outros se abraçaõ já lutantes;
Mas a força maior de seus furores
He chamar huns a outros marradores.

Eraõ estes huns pobres pegureiros
Do lavrador Anfrizo, que prudente
Escutando-lhe os seus altos berreiros,
Socegallos foi logo incontinente:
E inda que de Bacco prezioneiros,
Com ridiculos gestos, de repente,
Mal que Anfrizo conhecem, se renderaõ,
E prostrados por terra adormeceraõ.

Mas

Mas achava-se alli naõ indigente
Hum leve executor de Aſtrea Santa,
Que da meſma que ſerve negligente
As Leis Sacras naõ ſabe, e a tudo eſpanta;
Eu para retratallo, reverente
A Aſtréa liberdade peço tanta;
E beijando-lhe a maõ, ſem dezacato
Farei melhor que Apéles o retrato.
Os hirſutos cabellos denegridos
Lhe adornaõ do compoſto o mais ſupremo;
A côr pállida, os olhos retorcidos
Mais que o olho fatal de Polifemo;
Os membros deziguaes, e entorpecidos,
Cada braço mais longo do que hum remo;
Carrancudo o ſemblante, e pouco falla,
O genio quer levar tudo á eſcalla.
Delle Bacco ſe vale embravecido
Para o ſeu vil intento começado;
A Sumâno implorando, que valido
De Erinnis, eſta o deixe alucinado.
Diſtante, pois, do cazo ſucedido,
Alta noute, já tudo apaziguado;
Vai aquelle incivil entre furores,
E prende o Capataz dos bebedores,

Apo-

Apolo, que isto soube, diligente
Os cavallos fustiga arrebatado;
E de hum salto aparece refulgente
Lá no patrio Orizonte sublimado,
Naõ consente o Deos Louro, naõ consente
Por mais tempo no escuro amortalhado
Hum cazo o mais infando; e sem ter medo
Nesse dia sabio muito mais cedo.

Levantava-se Anfrizo do conchego
Onde dorme, onde engorda, onde descança;
Pois naõ he duvidozo que o socego
Nutre mais, que o manjar a quem se cança
Quando vem hum Pastor de choro cego,
E noticia lhe dá, que sem mudança
O seu bom Maioral, por naõ injusta
Em costodia se vê, sem cauza justa.

Víra Anfrizo de roda, e pensativo
Por hum pouco ficou suspenso, e mudo;
Sem que possa lembrar-lhe hum meio activo
De livrar da prizaõ ao pobre rudo:
Até que lhe occorreo, mysterio altivo!
Huma Deoza invocar, que póde tudo;
Era Venus gentil, que lhe occorria
A quem cheio de affecto assim dizia.

Cytherea gentil, Deoza formoza;
Tu que as iras quebrantas do Deos Marte,
Sofrendo por lhe seres carinhoza
Do zeloso Vulcano o enredar-te;
Tu que és de hum filho a Mãi, que poderoza
Para a todos vencer lhe enfinas arte;
Tu ramo florecente de Saturno,
Fizeste com que Enéas venceo Turno.

Tu por terras, e mares lá ignótos
Amparavas os mizeros Troyanos;
Tu nas Indias por climas taõ remótos
Protegias os fortes Luzitanos:
Faze agora tambem, que sejaõ rotos
Estes laços injustos, dezhumanos,
Faze agora, que eu vença, e que eu desfaça
Daquelle pobre prezo a vil desgraça.

Apenas isto disse, lhe apparece
A bellissima Deoza dos amores;
De Anfrizo todo o peito se enternece,
Mal que vê de Erycina os resplendores:
Ella entaõ se sorrio; porque conhece
As internas paixoens destes ardores;
Mas como Divindade naõ se aballa,
Antes chêa de affecto assim lhe falla.

Vai

Vai á terra de Abidis, vai contente,
Que eu em tudo prometto de ajudarte;
E ſe foſſe precizo aqui prezente
Traria em teu ſoccorro ao meſmo Marte;
Mas eu te guiarei a quem prudente
A juſtiça rectiſſimo reparte;
Hum Miniſtro acharás em teu conforto,
Que direito bem ſabe, e naõ he torto.

Encobrio-ſe-lhe a Deoza, e mais ligeiro
Que ſe acazo no Pégazo voára;
Anfrizo parte logo lizonjeiro,
E a Deoza occulta o guia; couza rara!
Ao miniſtro ſciente, o cazo inteiro
De facto lhe propoz, como paſſára;
Elle recto juſtiça logo applica;
O prezo manda em paz, e em paz ſe fica.

Màs o gordo Liéo todo indignado,
Contra Anfrizo diſpoem novos rigores;
Contra Anfrizo, por ter tranquillizado
De ſeu forte licor os vís furores,
Maquina por hum modo naõ penſado
Poderes, que lhe ſejaõ vingadores;
E logo turbulento aſſim exclama,
Aſſim brada, aſſim grita, e aſſim chama.

Vós ó Pléades minhas, e vós Noto;
Soccorei-me, dizia o Déos mesquinho,
Contra aquelle mortal, pouco devoto,
Que se oppoem aos effeitos do meu vinho;
Venha do vendaval rápido móto,
E tanta agua lhe dê pelo fucinho,
Que eu me alegre de o vêr, e elle com magoa
Assoutado do vento, e farto de agua.

Assim aconteceo, pois rebelados
Esses dous elementos nesse dia;
Contra Anfrizo se oppoem arrebatados,
Que nem mal reziſtir, nem bem podia:
Junto á noute dos membros já cançados
De agua tanta abundancia lhe cahia;
Que olhando para ſi, em tal mizeria
Arethuza lhe lembra, e o fim de Egeria.

Quando logo de hum frio dezabrido
Se sente o pobre Anfrizo treſpaſſado;
Que pareçe lhe deixa por creſcido,
Nas matrizes o ſangue congelado:
Mas logo de hum calor mais deſmedido
Sente os languidos membros fatigado;
Rematando-ſe em fim taes agonias
Com fezoens, que lhe daõ todos os dias.

Neſte aperto infeliz, o terno Anfrizo
Exclama pela ſua valedora;
Venus bella, lhe diz, vê que he precizo
Mais do que nunca foi valer-me agora;
Vem, ó Deoza amoroza, de improvizo;
Vem, ó Paſia gentil, jà ſem demora,
Vem valer-me, ai de mim! de alguma ſórte
Antes que Atropós triſte o fio córte.

Eſculapio, que he Deos da Medecina
Convoca em meu favor, oh Mãi do affecto;
Pede ao filho de Apolo, pede fina,
Que hum remedio me applique o mais ſelecto:
Eu prometto, gentil Venus Divina,
A penas melhorar, grato prometto,
Hum templo te erigir mais admiravel,
Que o que fez Tizifónio taõ notavel.

Apparece-lhe em fim Idalia bella,
Taõ affavel, taõ meiga, e taõ galante,
Que nenhum dos mortaes chegou a vella.
Como entaõ quiz moſtrar-ſe a Anfrizo amãte:
Competir naõ podia alguem com ella.
Na belleza, no garbo, e no ſemblante;
No peito claramente ſe lhe vira
Dar pulinhos amor quando reſpira.

Com

Digitized by Google

Com ſigo traz Mercurio diligente,
Que ao mandado dos Deozes ſe conforma;
E por elle de Anfrizo o mal que ſente
Para o Deos Eſculapio logo informa;
Como o Filho de Maia he eloquente
Naõ preciza da queixa fazer norma,
Sobre as azas dos pés parte ligeiro
O Deos, que he dos mais Deozes menſageiro.

Porém naõ muito tempo era paſſado
No qual Venus, e Anfrizo praticava,
Quando logo o Deos Medico apreſſado
Á Deoza obedecendo alli chegava:
Por ſua propria maõ traz preparado
O próvido remedio, que lhe dava;
Anfrizo o recebeo com tal denguice,
Como couza da Deoza da meiguice.

Mas o grande Eſculapio, que ſabia
Da mézinha a virtude, que lhe déra,
Como o enfermo a tomou ſe deſpedia,
Porque vê neceſſario alli naõ era:
Por lizonjeiro a Venus deſſe dia
Para ſempre favor lhe promettera,
Na face a Deoza beija, e reverente
Parte logo Eſculapio incontinente.

Eu

Eu me vou, diſſe entaõ a Salamina,
Vou mandar que te venhaõ lizonjeiras
Mil dons communicar logo Eufrozina,
Com as duas Irmãs, e companheiras;
Conhece Anfrizo meu, que ſou benigna,
Que ſempre me acharás quando me queiras;
Nos Paſtores tambem, com doce effeito,
De paz Iris ſerei por ſeu reſpeito.

Julgando neſte cazo o meigo Anfrizo,
Que a tanto beneficio, a tanto agrado,
Da ſua gratidaõ era precizo
Expreſſoens tributar-lhe de obrigado;
Neſte tempo ſe eſconde de improvizo,
A bella protectora; e elle paſmado,
Por hum pouco ficou; mas de repente!
Torna a ſi, cobra alento, e diz contente.

Vai, ó Deoza gentil, que eu bem conheço,
Que naõ ſó de meus males tens piedade;
Mas que ſabes o quanto te agradeço
Soccorrer-me com tua Divindade:
Agora finalmente o que te peço,
Por mercé, por amor, por caridade,
Que me livres propicia de outra aguada,
Do Deos bebado, e gente atraveſſada.

EPI-

EPICEDIO.

DAquella amada Irmã, q̃ eu mais quera
A mão ſecca da parca macilenta;
Cortou com tyrania
O fio, com que a vida ſe ſuſtenta;
Motivando à meu peito compaſſivo
A penoza ſaudade, com que vivo.
Oh quem poderá agora levantando,
Sem embargos da dôr, a voz robuſta,
Com goſto hir publicando
Os dons ſantos daquella vida juſta!
Mas ſoffocada a voz em magoa tanta
Como preza me fica na garganta.
Oh rigoroza pena inextinguivel!
Inconſolavel dôr! dôr inceſſante!
Como ſerá poſſivel
Com acerto fallar? ſe delirante
O juizo me falta, a voz me treme,
O coraçaõ me eſtalla, o peito geme?

Ai

Ai Irmã dezejada, Irmã querida!
Eu de pura saudade perco o alento;
Se bem da tua vida
Julgar posso subiste ao ethereo assento,
Naõ me póde o que he só moral certeza
As paixoens impedir da natureza.
Naõ fui merecedor, naõ era eu digno
Da companhia amavel lograr tua;
O Deos, o Deos benigno
Para si te chamou, porque eras sua;
Parece que já antes de nascida
Para a gloria por Deos fosse escolhida.
De teu rosto sereno o lindo gesto
Sempre, sempre mostrou desde menina,
Taõ grave, como honesto,
Que toda, mais que humana, eras divina;
Sobre os dotes gentis da natureza
A virtude te dava mais belleza.
De prudencia adornada, meiga, e pura
Em tudo que dizias acertavas;
A toda a creatura,
Naõ sei que agrado tinhas, agradavas;
Eu naõ sei, eu naõ sei como decente,
Levavas a attenção de toda a gente.

Naõ

No tempo da cruel enfermidade
Com ſanta paciencia conformada;
A dôr, e a anxieadade
Por Chriſto padecias conſolada;
E porque tudo a Chriſto offerecias
Mais dores dezejavas, e agonias.
Contrita na moleſtia recebeſte
Duas vezes Jezus ſacramentado;
Até que a alma deſte
Nos braços de Jezus crucificado:
Naõ eras cá do Mundo, eras do Ceo
Bemdito ſeja Deos, que te eſcolheo.
Oh que aſſim eſtarás lá glorioza
Já no coro das Virgens deſcançando;
Como eſtarás formoza
De gloria chêa, a Deos louvores dando!
Como a Virgem das Virgens te viria
Receber toda chêa de alegria.
O Pai, que cá te amou, e á pouco fora
Talvez que ao Ceo ſubindo a Deos rogaſſe,
Como te amou, que agora
Do valle de mizerias te levaſſe:
Porque de amor o vinculo he taõ forte
Como o poder fortiſſimo da morte.

Tu

Tu agora tambem que, lá ſubiſte
Para o Reino Celeſte alegremente;
Se cá do Mundo triſte
Lembrança pódes ter, ou ſe conſente;
Roga a Deos que depois da final hora
Vá minha alma lá ſer habitadora.
E ſe acazo a dor minha, o meu tormento
Lá ſouberes na Patria da alegria,
Deſculpa o ſentimento,
Com que choro por tua companhia;
Pois ſó ſaõ eſta mágoa, eſta ſaudade
Producçoens da melhor fraternidade.

EPISTOLAS

I.

REcebo, grande amigo, os voſſos verſos,
Por ſublimes dos meus todos diverſos;
Eu vejo, eu nelles vejo na verdade
A quanto obriga a força da amizade;
Porque bem claramente reconheço,
Que taõ altos louvores naõ mereço

Sou

Sou hum rude Paſtor, e entre os Paſtores
Apenas cantar poſſo os ſeus amores;
Outras vezes louvar a formozura
Da Serrana, que tem melhor figura;
E iſto tudo por modo taõ raſteiro,
Que aplauzo naõ mereço verdadeiro.
Vós porém, como a Aguia remontado
Junto a Apóllo ſois delle illuminado;
Vós ſois aquelle, o qual Sabio, e Prudente
Voſſa lyra affinando intelligente,
Com voz armonioza, e levantada,
Que por mim nunca póde ſer louvada,
Fazeis com que a mentira ſe eſcureça,
E que a pura verdade reſplandeça;
Miſturando por modo deliciozo,
A agradavel doçura, e o proveitozo.
Agóra articulais queixas decentes
Daquelles, que por genio maldizentes;
Contra os patricios ſeus, que amar deviaõ
Da ſatyra mordaz a eſpada afiaõ;
Criticando por modo dezuzado
O meſmo que he por elles praticado.
Eu, amigo Aguiar, como naõ poſſo
O meu canto igualar ao canto voſſo,
E agora me propondes eſta empreza,
Bem diſtante da minha ſingeleza;

Di-

Digitized by Google

Direi por obrigado a obedecer-vos.
O que bem me parece reſponder-vos.
Pelos bons ſempre foi a patria amada,
Diga-o a antiga Roma celebrada:
O General Camillo deſterrado
A veio ſoccorrer de amor forçado:
Mucio Scévola em quanto a maõ queimava
No peito o amor da patria o abrazava:
Marco Attilio depois de prizioneiro
Para os patricios foi bom conſelheiro;
Deſprezando o morrer ſem liberdade
Por á patria cauzar utilidade:
O que fez pela patria Viriato,
Porque vós o ſabeis o naõ relato;
Até que por traiçaõ aborrecida
Eſte bom Luzitano acaba a vida:
Outros muitos varoens ſempre amoraveis
Fizeraõ pela patria acçoens notaveis.
Logo ſe os bons á patria amor tiveraõ,
Daquelles que direi, que a vituperaõ?
Mas como vós dizeis, que elles criticaõ
Eſſas meſmas acçoens, em que claudicaõ:
Fazendo reflexaõ neſta figura,
Só reputo os ſeus ditos por loucura.
Julgo a ſatyra boa, e por doutrina
Se a corrigir os vicios ſe deſtina;

Po-

Digitized by Google

Porêm ha de ſer feita de tal fórte,
Que em geral taõ ſómente os vicios córte.
A peſſoa ferir determinada
Entaõ nunca ſerá dos bons louvada:
O ſatyrico córte o vicio todo,
Ferir ſugeito algum, por nenhum modo;
Que o punir a peſſoa viciоza
Pertence a outra maõ mais poderoza.
Vós a Patria illuſtrai com voſſos verſos;
Aſſumptos eſcolhei bons, e diverſos;
E entre os ſabios Paſtores habitante,
Cantai ao ſom da lyra altiſonante;
Imitando aos Poetas, que cantáraõ
Os verſos de louvor, que a patria honráraõ;
Que eu diſtante da minha, neſta Aldêa
Entre alguns Pegureiros ſem idêa,
Paſtorando aqui vou meu pobre gado
O que he principalmente o meu cuidado.
Aqui eu canto ſó com ſingeleza
Aquillo que me dicta a natureza;
Naõ eſpero louvor, nem o appeteço,
Porque ſei muito bem que o naõ mereço;
A vós dezejo ſim cantar louvores,
Que em vós meritos há mais ſuperiores;
Porém já que naõ ſei bem applaudir-vos,
Quanto poſſo dezejo bem ſervir-vos.

EPIS-

Digitized by Google

EPISTOLA II.

AMigo Vigier, eu ja naõ posso
Soportar por mais tempo o rigor vosso;
Pois tendo-vos escrito algumas vezes,
Letras vossas naõ vejo ha muitos mezes;
E he notavel rigor assim tratares
O vosso muito amigo Valadares.
Já que em proza naõ posso comover-vos,
Em verso determino de escrever-vos;
Porque os versos virtude tem forçoza
De attrahir, muito mais que tem a proza;
Mas os meus por mal feitos, e perversos
Naõ teráõ a virtude dos mais versos;
E por isso outro acordo me persuade
Apellar para a força da amizade.
Quando eu lá nessa Corte rezidia,
He certo vos buscava cada dia;
Outras vezes tambem vós por honrar-me
Me daveis o prazer de procurar-me;
Em quanto fui Cadete em Olivença,
Mal vinha para a Corte com licença,
Muitos dias tambem da mesma sórte

Naõ

Naõ buſcava outra rua, que a do Norte;
Nas caſas que fazeis nobre apozento
Ás vezes na janella, outras de aſſento
Me dizieis entaõ voſſos pezares,
E eu a vós meus crueis particuláres;
Porque aſſim mutuamente relatados
Parece que ficavaõ ſuavizados.
Já depois que o Major, meu Pai querido,
Foi da vida prezente fallecido,
E me poz neſta Aldêa o duro Fado
Sem maïs arrimo algum que hum vil cajado;
Quando me leva a vil neceſſidade,
Sem fruto, ás dependencias da Cidade,
Deixei já de ſeguir o meſmo norte,
E vós de me tratares deſta ſórte?
Depois que o Coronel Pai voſſo illuſtre
Deſta vida ſubio ao melhor luſtre,
Naõ me tendes mil vezes relatado
Que ſempre vos ſeguio iniquo o Fado?
Pois ſe iguaes contra nós ſaõ ſeus furores,
Sabei que a ſimilhança cauza amores.
Verdade he quanto deixo repetido,
E certo que por vós he bem ſabido;
Mas eſta repetencia agora deixa
Melhor juſtificar a minha queixa:

Pois

Pois onde de amor ha razoens forçozas
Saõ as ingratidoens mais rigorozas;
E falando-me ha tanto o voſſo trato,
Culpar-vos com razaõ poſſo de ingrato.
Se acazo vós mudando de ventura
Prezente vos naõ he minha figura,
Porque he proprio no Mundo aos venturozos
A lembrança apartar dos deſditozos,
Eſtimarei que ſeja eſte o motivo
Porque na voſſa idéa já naõ vivo;
Mas naõ poſſo julgar para o queixume,
Que ſeguis o commum deſte coſtume,
Talvez, talvez que ſó naõ me eſcreveres
Será por occupado o tempo teres.
Mas ſe a triſte moleſtia vos affalta
Sendo cauza penoza deſta falta,
Cá hirei apreſentando o ſentimento,
Porque me ha de abrazar eſſe tormento.
Ora dai, dai-me já voſſas noticias,
Que eſtimarei que ſejaõ de delicias,
Mas ſe de qualquer ſorte vos veneró
Dai-mas boas, ou más, que ſempre as quero.
Se boas, para ter eſte bom gosto,
Se más, para ſentir voſſo deſgosto,

EPISTOLA III.

EM quanto o duro Fado naõ conſente
Que eu chegue a voſſos pés, e reverente
Pondo em terra o joelho, e a maõ nevada
Vós mè deis a beijar, formoza amada;
Ouvi meu lindo bem deſte meu peito
O que as feras ſaudades me tem feito.
Mal que ſem vós me viraõ neſta terra,
Contra mim publicáraõ viva guerra;
Ellas meſmo, as ſaudades, ordenadas
Em fatal eſquadraõ, todas armadas
Me pozeraõ batalha, e pela frente
Me eſtaõ fogo a fazer continuamente:
Para vós quiz fugir, poſs naõ podia,
Reziſtir a taõ forte bataria;
Mas a minha deſgraça, que aliada
Com as meſmas ſaudades, de emboſcada
Mal as coſtas voltava, logo logo
De outra parte me ſaõ fazendo fogo;
E ſem ter reziſtencia neſta aperto
Para a fuga naõ acho hum paſſo aberto:

He taõ forte o poder, e eu ſem conforto
Que naõ ſei como já me naõ tem morto.
Ora o que hei de fazer neſte conflicto
Mais que auxilio pedir-vos triſte, e afflicto?
Eſta carta he a minha embaixadora,
Conſultai lá com ella, e ſem demóra,
Pois ſem voſſa aliança por vós morro,
Dai-me voſſas noticias por ſoccorro:
Eu com ellas, meu bem, mais alentado
Brigarei como já dezeſperado;
A ferro frio então hirei potente
A deſgraça cortando rijamente,
E para vós marchando pela estrada
As ſaudades porei em retirada,
Offertando-vos logo ahi devóto
Este peito aſſim meſmo todo roto
E por fim triunfador deſta conquiſta
Lá terei bom quartel á voſſa viſta.

ROMANCES

I.

JOCOSERIO.

EU quero dictar agora,
Dem-me os discretos licença,
Em duas regras geraes
Para a Poezia as regras.
Saõ sómente os dous preceitos,
Que quem ser Poeta intenta,
Estude em cantar amores,
E cuide em chorar pobreza.
Andaõ estas circunstancias
Á Poezia taõ anexas,
Que naõ ha Poeta ingrato,
Nem algum, que rico seja.
E sem outros predicados
Mais do que amor, e mizeria
Pode em muito pouco tempo,
Qualquer homem ser Poeta.

Se-

Seja sempre encarecido
Quando louvar gentilezas
E por isto aos Castelhanos
Por exemplares eleja.

Os Comicos Calderon,
Salazar, Montalvan lêa,
Moreto, com outros muitos,
Juntos com Lope de Vêga.

Nas obras de Garcilaço
Verà, que com louca idéa
Para ouvir cantar-lhe amores
Fez escutar as ovelhas.

Latinos, e Portuguezes
Tambem louvaõ Ninfas bellas
Que na boca desta gente
Naõ ha nunca moças fêas.

O nosso immortal Camoens
Cantou de varias bellezas
O Latino desterrado
Deo arte de pertendellas.

Tambem o doce Bernardes,
O Sà, o Lobo, Ferreira
Horacio, e Virgilio todos
De amores trazem Poemas.

Os nossos contemporaneos
Todos daõ na mesma teima,
Quita, Melizeu, e Costa,
E o Pina tambem na mesma.
O meu estimavel Matos,
Quando em amores se emprega,
Qual Cisne espirando canta
Com voz sonoroza, e merga.
Pois quem quizer este officio
Sua moça logo eleja,
Louve-a sempre de formosa,
Que eu lhe affirmo que ella o creia.
Mas se for taõ desgraçado
Que nenhuma bem lhe queira,
Fingida, qual Dom Quixote,
Procure outra Dulcinea.
Pois para amores cantar
He precizo moça tenha;
E das duas regras ditas
Esta he a regra primeira.
A segunda agora vamos
Com exemplos fazer certa;
Porque naõ cuidem que eu dou
As regras com incerteza.

O mesmo Camoens, que foi
O Rei das cadentes vêas;
Viveo pobre, e desgraçado
Como elle mesmo se queixa.
O terno jucundo Matos,
Que diz com elle conversa;
Na patria terra preciza
Viver na cabana alhêa.
De outros muitos tenho ouvido
Que a parca forte os colhera;
Huns cobertos de piolhos,
Outros cheios de carêpa.
Instituto tem de pobres
Feito pela natureza;
E se alguns o naõ publicaõ,
Ou he bazofia, ou modestia.
Da mesma chusma, que exponho
Naõ me consta que a oppulencia,
Fosse lá entre abundancias,
Couza de maior grandeza.
Quando os leio, vejo em todos,
Tratando varias materias,
Que elles se queixaõ do fado,
Da sorte, e fortuna adversa.

Pois

Pois he certo, se tivessem
Bem dinheiro na aljubeira,
Que a fortuna, a sorte, o fado
Lhes fariaõ fraca guerra.

Disto pois capacitado,
Seguindo os meus dous systemas,
Na Poezia fazer póde
Qualquer trovista, proezas.

E se tiver seus testoens,
Ou suas quatro moedas,
Naõ se desgoste; porque isso
Naõ constitue riqueza.

Mas se por escrupulozo
Julgar nisto offende a regra,
Dê-me as louras, deixarei
De Poeta a vida negra.

Ora lá me lembra agora,
(Tenho bem tardonha idéa)
O Pinto mais dezazado
E de vida pirangueira.

Foi guerra crua da sogra
Com desbocada largueza,
Mas pobre alegre do Pindo
O louco pedinchaõ era.

Agora por conclusaõ
Desta taõ comprida, e longa,
Confirmar quero comigo
A prova das minhas regras.
Pois se acazo, eu posso entrar
No numero dos Poetas,
Que sou amorozo, e pobre
Nas minhas obras se leu.

ROMANCE II.

HUm amor, que logo entrou
Confuzaõ todo o principio
Parece que era forçoso
Vir a parar n'hum martirio.
Naquella serra escabroza
Naquelle aspero caminho,
Alli perdendo a vereda
Nos vimos de amor perdidos.
Alli parece que amor
Nos mesclava o dezabrido
Pois do trabalho a igualdade
Nos fez iguaes no carinho.

Alli o vento soprando,
Alli os ares bramindo,
Quanto o pavor se aumentava,
Amor crescia mais fino.
Neste dia todo espanto,
Confuzoens, e precipicios,
Perigrinando montanhas,
Foi nosso amor perigrino.
Mas parece que este acazo
Já força foi do Destino,
Que vos amasse entre assombros,
Se assombros me vaõ seguindo.
He possivel dezhumana?
Dizei, ingrata, que he isto?
Póde mais que aquelle affeto,
Outro fantastico indicio?
Se me naõ credes, cruel
As finezas, que repito,
Vede que indicios me dais,
Que em vossa fé ha delirios.
Por hum martirio me veres,
Huma flor, hum desperdicio,
Logo julgais de outra dama
Isto he prenda, ou foi capricho.

Naõ fizemos mutuamente
Lá entre nós sacrificio
De coraçoens, peitos, almas,
Fé, potencias, e sentidos?
Naõ sois meu perfeito amor?
Dizei? Pois naõ he delito
Julgar, que hum amor perfeito
Desprezo por hum martirio?
Naõ queirais precipitar-me,
Naõ queirais, meu bem querido,
Os meus suspiros naõ creendo,
Dar-me cauza a mais suspiros.
Acreditai desta fé
As desculpas, que vos digo!
De que posso desculpar-me
Se vos naõ tenho ofendido.
Acreditai, só vos peço
Que daquelle amor antigo,
Já mais meu peito fiel
Contra as leis há delinquido.
Acreditai; porque assim
Dando á minha pena alivio,
Entre amores abrazado
Serei Fenis renascido.

Alli o vento soprando,
Alli os ares bramindo,
Quanto o pavor se aumentava,
Amor crescia mais fino.
Neste dia todo espanto,
Confuzoens, e precipicios,
Perigrinando montanhas,
Foi nosso amor perigrino.
Mas parece que este acazo
Já força foi do Destino,
Que vos amasse entre assombros,
Se assombros me vaõ seguindo.
He possivel dezhumana?
Dizei, ingrata, que he isto?
Póde mais que aquelle affeto,
Outro fantastico indicio?
Se me naõ credes, cruel
As finezas, que repito,
Vede que indicios me dais,
Que em vossa fé ha delirios.
Por hum martirio me vereis,
Huma flor, hum desperdicio,
Logo julgais de outra dama
Isto he prenda, ou foi capricho.

Naõ

Naõ fizemos mutuamente
Lá entre nós sacrificio,
De coraçoens, peitos, almas,
Fé, potencias, e sentidos?
Naõ sois meu perfeito amor?
Dizei? Pois naõ he delito
Julgar, que hum amor perfeito
Desprezo por hum martirio?
Naõ queirais precipitar-me,
Naõ queirais, meu bem querido,
Os meus suspiros naõ crendo,
Dar-me cauza a mais suspiros.
Acreditai desta fé
As desculpas; mas que digo!
De que posso desculpar-me
Se vos naõ tenho offendido.
Acreditai, só vos pesso
Que daquelle amor antigo,
Já mais meu peito, fiel
Contra as leis há delinquido.
Acreditai; porque assim
Dando á minha pena alivios,
Entre amores abrazado
Serei Fenis renascido.

RO-

ROMANCE III.

SEntado sobre hum penado
Junto ao Tejo vandaloso,
Tristissimamente afflito
Suspirava o Pastor Floro.

A corrente o mesmo Tejo
Suspendia pezarozo;
Como quem se condohia
De pasmo, e tristeza absorto.

Até huns frostos salgueiros
Naquelle sitio despostos
Os verdes ramos debruçaõ
De compaixaõ lastimozos.

Oh prodigio nunca visto
Mas que muito que hum desgosto
Suspender as aguas fasse,
Obrigue a mover os troncos.

As cabras, que n'outro tempo
Foraõ seu cuidado todo;
Pelos montes desgarradas
As traz á furia dos lobos.

Dois

Dous cabritinhos malhados
Em que fazia mais gosto;
Hum de gafeira morreo
E naõ apparece o outro.
Cheio de tristeza sempre
Até foge dos mais mimosos;
Hum Pastor, que era a alegria
Destes vizinhos contornos.
Mas como a tirana Alberta
He cauza deste desconto,
Por mais que em gemidos grite
Nada valerá seu choro.
He Alberta a mais galante
Pastora dos campos nossos;
Mas a mais cruel, que lindo
Ainda os humanos olhos.
Por ella rompendo os ares
Geme o Pastor sem consolo;
Mas para ser desgraçado
Basta-lhe ser extremozo.

ROMANCE IV.

DOce Filena adorada,
Naõ sei que brandas violentas,
Apenas vos vi, abrasou
Neste triste peito brecha.
O coraçaõ trespassado
Senti de taõ grandes ancias
Penetrando-me agudas
Sentia as feridas meigas.
Rendido mais, que dos golpes
Amada Filena bella,
Eu fiquei da suavidade
Com que a ferida foi feita.
He possivel! disse então
Vendo esta doce experiencia,
Que menos vença o rigor
E mais a brandura vença?
Porém como o rigor tem
Hum naõ sei que, que molesta;
Tem hum encanto a brandura,
Com que os affectos violenta.

Oh ditozo seja o dia
Em que vos vi? mas naõ seja;
Pois vendo meu peito roto,
Vos fazeis a meu mal cêga.
Infeliz pois seja a hora,
Que avistei vossa belleza;
Incentivo do dezejo,
Quando o dezejo attormenta.
Mas seja a hora ditoza
Que vos vi; se o peito em essa
De amor ferido rendi,
E vos rendi por offerta.
Bem sei, Filena, parece
Tributar-vos indecencia,
Hum peito humilde rasgado,
Que vós desprezais soberba.
Mas se da victima o baixo
Naõ he á Deidade offensa,
Attendei só á vontade
Que este rendido protesta.
Reparai que o rendimento
A perfeiçaõ taõ suprema,
He hum tributo, que fora
Naõ tributar-lho offendella.

Inda a taõ bella naõ seres
Eu attento me rendêra,
A prendas taõ atractivas
Quanto saõ as vossas prendas.
Da natureza hum prodigio
Sois de graças taõ perfeita,
Que sois sem industria, da arte
Milagre da natureza.
Naõ desprezeis pois traidora
Hum peito sem resistencia,
Que amor ferio com brandura,
E por vós rendido pena.
Mas ai! ó Filena ingrata!
Quanto, quanto me atormenta
Ter tanto amor, e naõ ter
Este amor correspondencia.
Deixai, deixai os rigores,
Tyrana, porque eu quizera
Ver huma vez desapidos
O rigor da gentileza.
Vede, vede compassiva
Por esta ferida aberta,
Meu coraçaõ cá do peito,
Que a desfalecer começa.

RO-

ROMANCE V.

CUidareis talvez Senhora,
Que eu nesta terra assistindo
Entre alegrias, e festas
De vós esquecido vivo.
Pois enganais-vos de assim
Formais errado juizo;
Porque hum martyrio no peito
Não póde ser esquecido.
Com justa razão meu bem
Sois de meu peito o martyrio,
Porque, depois que vos amo,
Sempre em tormentos me visto.
Não fallo das vis enredos,
Que entre nós se tem cometido,
Pois fora desnecessario
O que sabeis repetido.
Só depois da infeliz hora
Que á pressa nos despedimos,
He que eu dezejo soubesseis
O quanto por vós me afflijo.

Porque a tyrana ſaudade
Que n'alma me eſtá ferindo
Nem me conſente que de
Com dezafogo hum ſuſpíro.

Quanto dezejo apreſſar-me
Por hir ver o meu bem lindo
Com mais eſtoavos me vejo
Ser da Fortuna impoſſivo.

Mas para melhor expor-vos
Da minha ancia o exceſſivo
Para aquelle tempo eſpero
Doce tempo appetecido.

Entaõ eſpero tambem,
Se naõ me engana o Deſtino
Que quem meu martyrio he hoje
Seja entaõ meu doce alivio.

E tambem eſpero entaõ
Que vejais que por vós vivo,
Qual Salamandra no fogo
Em amor todo incendido.

E agora bem amado
O Romance finalizo
Pois naõ quero quando o leres
Vos enfade por comprido.

ROMANCE VI.

GRaças a amor; já chegou
Hum dia, que a vil desgraça,
Contra o seu costume antigo,
Vi que de mim se affastava.
Ja chegou a feliz hora,
Que a minha Nerina amada,
Toda chêa de ternura,
Quiz deixar de ser tyrana.
Entre meiga, e vergonhoza,
Entre carinhoza, e grata
Movêo os olhos formozos
Para mim menos irada.
Então cheio de respeito
Á minha bella adorada
Peguei-lhe na mão com mimo,
E ella deixou beijalla.
Deste favor concebi
Cá por dentro gloria tanta,
Que não morri de alegria,
Só por mais tempo adoralla.

Naõ ſei, eu naõ ſei dizer
O que ſinto dentro d'alma,
Depois que de mim ſe allonga
A deſdita deſcórada.
Eu algum tempo queria
Morrer por Nerina ingrata;
Hoje por Nerina meiga
Quero viver de adoralla,
Por fineza taõ diſtinta
Eu lhe darei vida, e alma,
O coraçaõ: e inda he pouco
Para bem remuneralla.
Mas ai! quanto temo, e tremo,
Que maquine a dezhumana,
Que em ſima de mim raivoza
Salte outra vez a deſgraça.
He nos peitos femininos
Taõ natural a inconſtancia,
Quanto ella dantes vivia
A ſer cruel coſtumada.
Mas eu hei de lhe dizer
Quando tornar a encontralla;
Que já que huma vez ſe meiga,
Que naõ torne a ſer tyrana.

Porque hum bem, que ſe dezeja
Cuſta ſe ſe naõ alcança;
Mas conſeguillo, e depois
Tornar a perdello, mata.
E ſe quizer que eſta vida
Com magoas ſe naõ desfaça,
Póde dar-lhe gloria tanta
Quanto poſſa conſervalla.
Mas quem quer firmes
Glorias mundánas,
Há de achar ſempre
Firmes taes glorias ſó em ter mudança.

Adverte-ſe que todos os Motes, que ſe ſeguem ſaõ albeios, e ſó as Glozas ſaõ feitas pelo Author.

MOTES.

I.

Abre meu peito conſtante
Verás nelle o teu retrato;
Que he todo meu por amante,
E todo teu por ingrato.

GLO-

GLOZA.

Que te amei, posso affirmar
Com fé tanta, e verdadeira,
Que inda que o teu rigor queira
Já mais o póde negar;
Dei-te em meu pei o lugar,
O teu me foi inconstante;
No coraçaõ por amante
Teu retrato quiz fazer;
E se ainda o queres ver
Abre meu peito constante.

Rasga meu peito leal,
Que o naõ julgarei rigor,
Verás a cópia melhor
Desse infame original;
Verás a belleza igual
De teu rosto a teu vil trato
E verás que sempre grato
Meu amor te foi perfeito;
Pois se romperes meu peito
Verás nelle o teu retrato.

Da memoria naõ fiei,
Cruel, tua imagem bella;
Para no peito trazella
No coraçaõ a estampei;

Por

Por tua sempre a tratei,
Com affecto relevante;
E se inda agora inconstante
Tem toda a veneraçaõ,
He que está n'hum coraçaõ,
Que he todo meu por amante.
Eu bem sei que o teu rigor
Este trato dezatende,
Mas amar a quem offende
He maior timbre do amor
E se te faz dissabor,
Por meu, este amante trato;
Deixa amar só no retrato
A similhança de teu;
Seja por amado meu,
E todo teu por ingrato.

MOTE II.

NEste monte solitario,
Onde a desgraça me tem;
Chamo, ninguem me responde:
Olho, naõ vejo ninguem.

GLO-

GLOZA.

Aqui me vou consumindo,
Aqui me consumo ardendo,
Aqui ardo padecendo,
Aqui padeço sentindo,
Aqui me estou affligindo,
Aqui de afflicto estou vasio,
Aqui o bem me he contrario,
Aqui o mal me persegue,
Aqui nada bom me segue
Neste monte solitario.

Aqui em magoa fatal
Desconheço como vivo,
Pois vejo que o bem esquivo
Se naõ oppoem a meu mal:
Neste dezamparo tal,
Como se naõ vê ninguem
Aqui alheio do bem,
Sopoſto que o bem dezejo,
Neste desterro me vejo,
Onde a desgraça me tem.

Aqui como vagamundo
Pasmado pelo monte ando,
Como louco vacillando
No desconcerto do Mundo:

Aqui

Aqui triste me confundo,
Vendo que o bem se me esconde;
E se considero donde
Me vi, e me vejo assisto,
Delirante brado, grito,
Chamo, ninguem me responde.
E dahi, como assombrado
Palpitando o coraçaõ;
Á testa erigindo á maõ
Me fico hum pouco encostado:
Entaõ como perturbado
Do assombro, que assim me tem,
Levanto os olhos além
Do monte, no qual rezido;
E assim como espavorido
Olho, naõ vejo ninguem.

MOTE III.

NAõ me culpem de adorar
A quem meritos naõ tem;
Que o amor, quando se emprega
Nunca faz reparo em quem.

GLO-

GLOZA.

Ter naõ póde amor perfeito
Quem a meritos attende,
Pois o que a estes se rende
Mostra naõ ama o sugeito;
E se amor tem por effeito
Os que se amaõ igualar,
Alguem, que nescio julgar
Corina menos que eu sou;
Como amor nos igualou
Naõ me culpem de adorar.

Porque em dous, que amantes saõ
Obra amor com tal violencia,
Que parece hum fez na essencia
Sendo dous por distincçaõ;
E se ao meu coraçaõ
Uni o de hum doce bem;
Para que he dizer ninguem,
Offendendo amor, que adoro,
Que amo, que quero, e namoro
A quem meritos naõ tem.

Sigo a minha inclinaçaõ,
He lei de amor, obrigou-me;
Pois como he Rei, e mandou-me
Rendi logo o coraçaõ:

Bem

Bem sei que alguns, sem razaõ,
A lei de amor chamaõ cega:
Porém aquelle, que chega
Ser vassallo deste Rei,
Naõ reconhece mais lei,
Que o amor, quando se emprega.
Nem eu sei que possa vir
Lei com mais docilidade;
Pois o que pede a vontade
He que amor manda seguir:
Nem me culpe quem me vir
A Corina querer bem;
Porque se outra lei naõ vem,
Nem Decreto mais bem posto;
Como a lei de amor he gosto
Nunca faz reparo em quem.

MOTE IV.

Vossos olhos maretinhos
Os meus mettem tanto a bulha,
Andando sempre a matar-me,
Pesso que ninguem me acenda.

GLO-

GLOZA.

Cançado já das verduras
De amor, as julguei doudices,
Porém essas marotices
Puxaõ por novas loucuras:
Eu farei mil travessuras
Por esses olhos danninhos;
Obrarei tantos carinhos,
Ora serio, ora brincando;
Quanto me estaõ incitando
Vossos olhos marotinhos

Naõ sei se diga, que saõ
Travessos; porque elles tem
Hum tal geito, com que vem
Muito a geito da affeiçaõ;
Por isso alma, e coraçaõ,
Com potencia de patrulha
Tudo em amante barulha
Os busca sem fingimentos;
Inda que elles turbulentos
Os meus metem tanto a bulha.

Porém perguntára agora
A vossos olhos traidores,
Para que saõ matadores
A quem na vida os adora?

O To-

Todo o tempo, toda a hora
Por elles vejo acabar-me;
E isto faz admirar-me,
Por elles ver-me a morrer,
E de adorallos viver.
Andando sempre a matar-me.

Ha carinho mais esquivo,
Ou traveſſura mais grata?
Que viva pelo que mata,
E morra pelo que vivo?
Mas se alguem por compassivo
Sentir minha sorte aguda;
Entenda que me não muda
Nada desta extravagancia,
E por isso com instancia
Peſſo que nimguem me acuda.

MOTE V.

SE te eu não tivera amado
No mais superior ſentido,
Nunca tu agora foras
De minhas penas motivo.

GLO-

GLOZA.

Se he paixaõ d'alma o amor,
E do amor naſce o penar,
Aquelle, que mais amar
Terá tormento maior.
Amei-te, e vi o rigor
Do tormento em mim gerado;
Porém eu fui o culpado
Que te amei; pois naõ ſentira
O mal, que a mim ſe conſpira,
Se te eu naõ tivera amado.

Com aquelle acatamento,
Que caber em mim podia;
Te idolatrei cada dia,
Te adorei cada momento.
Elevei o penſamento
Com affecto o mais ſubido;
Foi eſſe amor taõ creſcido
Com que a ti me affeiçoei,
Que por extremo te amei
No mais ſuperior ſentido.

Deſte amor a perfeiçaõ
Bem me paga o peito teu;
Ah falſa! a culpa foi minha
Que em ti puz tanta affeiçaõ!

Entreguei-te o coraçaõ,
Lucrei só penas traidoras;
Porém se eu todas as horas
De amor naõ fora o progresso;
Tambem do rigor o excesso
Nunca tu agora foras.

Eu fui, eu fui quem leal
Te adorou com tanto empenho,
Mas és mulher, já convenho
Que a má paga he natural.
Eu fui, eu fui por meu mal
Quem te amou taõ excessivo;
Por isso a teu peito esquivo,
Culpar naõ tenho de que,
Eu te amei, meu amor he
De minhas penas motivo.

MOTE VI.

Maior que a gloria da dita
Hé a magoa de perdella;
Porque nunca chega o gosto
Donde o sentimento chega.

GLO-

GLOZA.

Depois de cahir em graça,
Descahir nos desfavores,
Entre as disgraças maiores
Esta he a maior disgraça:
Passa a gloria; mas naõ passa
Della acabar a desdita;
Porque a magoa, que infinita
Rezulta de hum bem perder,
Em todo o tempo há de ser
Maior que a gloria da dita.

Naõ há gloria superior
À posse de hum bem amado;
Porque hum dezejo alcançado
He das ditas a maior:
Porém se perdida for
Desse bem a posse bella,
Sentirá o peito aquella
Magoa atroz, cruel desdita;
Pois maior, que a maior dita
He a magoa de perdella.

Depois de alcançado hum bem
Por natureza mesquinha,
A desgraça, se encaminha
Até que depressa vem:

Mas

Mas a Fortuna, que tem
Natural a este opposto;
Depois que chega o desgosto
De perder a prenda amada,
Fica a magoa eternizada:
Porque nunca chega o gosto.
O bem depois de perdido
He que melhor se conhece;
O mal só quando apparece
He por maior conhecido:
Da posse do bem querido
O mesmo prazer nos cega,
Mas o mal como não nega,
Que o vejamos com desgosto,
Por isso não chega o gosto
Donde o sentimento chega.

MOTE VII.

EU hei de morrer de firme
E viver n'huma esperança
Ser leal, a quem adoro
Sem ter nenhuma mudança.

GLOZA.

Que lhe fez meu peito graso,
Tyranno para matar-me?
Se sabe que com deixar-me
Me deixa sem vida, ingrato:
Se intenta com esse trato
A vida só concluhir-me?
Saiba, cruel, que fugir-me
Será apressar-me a morte;
Mas sempre em amallo, forte
Eu hei de morrer de firme.

Cuida, que sempre ha de ser
O feminil inconstante?
Hei de morrer de constante,
A pezar de ser mulher:
Viva ingrato a meu querer,
Que eu morrerei sem mudança;
E se da morte a esquivança
Me dér algum intervallo;
Hei de nesse tempo amallo,
E viver n'huma esperança.

Se por timbre de traidor
Dezeja a vida acabar-me,
Cruel, se quer só matar-me
Mate, mas seja de amor:

Mas

Mas ſe a ſeu duro rigor
Nada abranda o quanto choro;
Mate de traidor, lhe imploro,
Já que me obriga a ſer fero,
Sendo-me falſo quem quero,
Ser leal a quem adoro.

Continue o rigor forte
Se a matar-me eſtá diſpoſto:
Porque eu morrendo a ſeu guſto,
Que mais venturoſa ſórte?
Mas talvez, que a minha morte
Lá lhe horrorize a lembrança,
Quando com perſeverança
Me vir o ſeu peito izento,
Até ao ultimo alento
Sem ter nenhuma mudança.

MOTE VIII.

Lembra-me o tempo paſſado
Eſtranho o que agora vejo,
Naõ digo nada a ninguem,
Comigo proprio pelejo.

Digitized by Google

GLOZA.

Se no principio do gosto
Se finaliza a desdita,
Tambem no fim de huma dita
Se principia o disgosto:
Diga-o eu; pois ja deposto
Todo o bem, me traz o Fado
De cuidado em mais cuidado,
Sentimento em sentimento;
Em fim, e por mais tormento
Lembra-me o tempo passado.

Veja que mal mais vehemente
Se poderia forjar-me,
Que hum bem perdido lembrar-me
Entre tanto mal prezente?
Eu logrei antigamente
Quanto pedia o dezejo;
Mas para mal taõ sobejo
Me passou o Fado esquivo,
Que confuzo, e pensativo
Estranho o que agora vejo.

Em disgostos sempre trato,
Aborrece-me o recreio,
E já de mim mesmo alheio,
Ando a modo de insensato:

De

De mim mizero dezato
Tudo que póde ſer bem,
Até como alivio tem
A pena em communicalla,
Eu ſó por naõ alivialla.
Naõ digo nada a ninguem.
Quando a recordar me ponho
O que logrei algum dia,
Perturbada a fantazia,
Tudo me parece ſonho:
Horrivel, triſte, medonho,
Desfigurado me vejo;
Sempre em delirios forcejo,
Melancolico lamento,
E dentro no penſamento
Comigo proprio peleja.

MOTE IX.

QUem ſe auzentia do ſeu bem
Em nada póde ter gloria;
Pois de verdugo lhe ſerve
A ſua meſma memoria.

GLO-

GLOZA.

A gloria de mais agrado,
Que hum amante peito ſente,
He viver continuamente
Á viſta do bem amado;
Mas ſe á força do fadado
Que tirano poder tem,
Pozer em diſtancia a quem
Á viſta do bem vivia
Hirá morrer de agonia
Quem ſe auzenta do ſeu bem.

Eu bem ſei que huma alma amante,
Que o ſeu doce bem eſtima,
Mais donde ama, que onde anima
Vive quando eſtá diſtante:
Porém he razaõ conſtante,
Que ſe á força da memoria
Paſſa huma alma tranzitoria
Para o bem, que eſtá querendo,
Quem ſem alma vai vivendo
Em nada póde ter gloria;

A força da fantazia,
Que as imagens faz prezentes;
Entre os amantes auzentes
Serve de mais tyrania;

Pois

Pois quem triſte ſe deſvia
No peito a magoa lhe ferve;
E por mais que o bem conſerve
Retratado na memoria;
Naõ lhe ſervirá de gloria,
Pois de verdugo lhe ſerve.

Gloria a hum ſaudozo déra
Da fantazia o poder,
Se em eſſencia alli trazer
O bem diſtante podéra;
Mas ſe toda eſta quimera
He huma illuzaõ notoria;
Aquelle amante, que gloria
For buſcar no penſamento
Verá dar-lhe mais tormento
A ſua meſma memoria.

MOTE X.

VEnha cá: para que fez
Tanta fineza fingida
Para agora me deixar,
Depois de me ver rendida.

GLO-

GLOZA.

Minha amada venha cá,
Venha cá, doce inimiga;
Para quem reserva, diga,
Carinhos, que me fez já?
Era cega quando lá
Me vio a primeira vez?
Pois se então meiga, e cortez
De mim fez gostozo apreço?
Se via que a não mereço
Venha cá, para que fez.

Imagina que achará
Outro amor, como eu fiel?
Pois engana-se cruel
Algum dia o saberá:
Eu lhe affirmo que será
A Hum tyranno rendida:
E talvez por offendida
Desse a quem render o peito;
Tenha dó de me ter feito
Tanta fineza fingida.

Se foi só por logração,
Que disse bem me queria;
Parece que não devia,
Carinhos fazer-me então:

Mas

Mas já vejo que a raçaõ
De aſſim meiga me tratar,
Foi ſó para me moſtrar
O bem que me izenta agora;
Tudo fez por ſer traidora,
Para agora me deixar.
Mas eu já deziſto em fim
De queixar-me, ingrata bella;
Attenda a minha alma, que ella
Lhe falla dentro de mim.
Arminda, meu ſerafim,
Que he iſto, prenda querida,
Se me vê taõ affligida
Dentro de hum peito fiél,
Porque me trata cruél,
Depois de me ver rendida?

MOTE XI.

VE, amor, quanto me deves
Neſte empenho de querer;
Porque perdendo-me aſſim,
Só ati naõ ſei perder.

GLO-

GLOZA.

Se de meu peito, alma, e vida
Foste doce roubadora,
Porque me negas traidora
Divida taõ conhecida?
Mas se por ser taõ crescida
Pagalla te naõ atréves,
Naõ pagues, inda que lêves
De ingrata o nome, porém
Repara ao menos, meu bem,
Vê, amor, quanto me deves.

Naõ só vida me levaste,
Alma, e peito ingrata, vê;
Mas os sentidos, a fé,
As potencias me roubaste,
Tudo que em mim livre achaste,
Tens senhora, em teu poder;
E se agora a escurecer
Tanta divida te applicas;
Olha que sempre me ficas
Neste empenho devedor.

N'este furto, por te amar
Consenti, e com rigor
A mim perdí todo o amor
Só por em ti o empregar:

Vê

Vê pois se quando roubar
Eu te deixei tudo assim,
Se extremo fiz; mas em fim
Naõ julgo de extremo acçaõ
Perder a tudo, senaõ
Porque perdendo-me amim.
De amor por ti sou perdido:
Tu desprezando este amor,
Há mais cruél dezamor,
Mais atróz, mais dezabrido,
Deixa pois, meu bem querido
Esse feroz procedet:
Renda-te ingrata saber,
Que só em amar-te estudo:
Pois perdendo o amor a tudo
Só ati naõ sei perder.

MOTE XII.

OH que venturozo dia
Meu bem, que te chega a ver!
Fuja, fuja o desprazer,
Que vejo a minha alegria.

GLO-

Digitized by Google

GLOZA.

Bem vinda lejas, meu bem,
Minha amada toda linda,
Mas da tua boa vinda
Da-me a mim o parabem:
A tua auzencia me tem
Dado a maior agonia:
Mas hoje que de alegria
Os braços te venho dar;
Dá-me os teus; fuja o pezar;
Oh que venturozo dia!

Dize-me, sentias lá
As ancias, que eu cá sentia?
Agora teus alegria,
Como eu tenho, em vêr-te cá?
Eu naõ me atrevia já
Tantas saudades soffrer:
Se mais tardas, mais viver
Naõ podia desditozo.
Mas hoje sou venturozo;
Meu bem, que ta chego a vêr.

Resta que! da auzencia effeito
Venhas hoje desleál;
Se tal succede, hum punhal
Hei de cravar no meu peito:

Mor-

Digitized by Google

Morrerei por teu reſpeito,
E goſtozo hei de morrer;
Mas quando aſſim ſucceder,
O que de ti naõ infiro;
Como á tua viſta eſpiro
Fuja, fuja o deſprazer.
Eu duvido o que a demora
Terá em teu peito obrado;
Tira-me deſte cuidado,
Reſponde, gentil Paſtora?
Dize ſe em teu peito mora
Aquelle amor de algum dia?
Porém ſe a auzencia deſvia
As vezes de amor o acerto;
Tambem ſe vieſte he certo,
Que vejo a minha alegria.

MOTE XIII.

ARdo em chamas amorozas
Sacrificios taõ mal pagos;
Porque quem cauza os incendios,
Naõ remedea os eſtragos.

GLO-

GLOZA.

Daquelle divino roſto
A quem amante me inclino,
Quer ingrato o meu deſtino,
Que em diſtancia viva poſto:
Cauza da auzencia o diſgoſto
As magoas mais rigorozas:
Eu o ſinto, pois ſaudozas
Taes ancias tenho no peito,
Que cá por dentro deſfeito
Ardo em chamas amorozas.

Quando eſta belleza amei,
Para ſentir ſeus rigores,
Meu peito cheio de amores
Logo lhe ſacrifiquei:
Mas della me queixarei,
Que goſta dos meus eſtragos;
Pois deſprezando os affagos
Deſta minha adoraçaõ;
Os meus ſacrificios ſaõ
Sacrificios taõ mal pagos.

Se lá de mim ſe lembrára
Eſta ingrata formozura,
Talvez de amor a ternura
O coraçaõ lhe abrazára:

Se

Se ella em meu peito eſtimára
De amor os doces compendios;
Talvez, que com vilipendios
Me naõ tratára; porque
Bem ſabe me abrazo, e he
Porque quem cauza os incendios.
Nem ſe quer neſte retiro
A cruel, que me conſome,
Quer que nomeie o ſeu nome
Quando por ella ſuſpiro:
Naõ ſei como naõ deliro,
Vendo extremos naõ mal pagos;
Pois quando meigos affagos
Amante lhe vou render;
Ella ſó porque naõ quer
Naõ remedea os eſtragos.

AO MESMO

GLOZA.

AMar Ninfas ardilozas!
Em poſtas quero ſer frito,
Se por alguma eu afflito
Ando em chamas amorozas:

Que

Que importa, que carinhozas
Ellas digaõ mil affagos;
Dos ſacrificios eſtragos
Saõ para os amantes ſeus,
E eu naõ quero ver os meus
Sacrificios taõ mal pagos.
Por mais que amantes compendios
Manifeſtem, lá no peito
Naõ faz eſte fogo effeito
Porque quem cauza os incendios;
Vozes ſaõ os ſeus diſpendios
Que ſaõ nada, e querem pagos;
Por iſſo naõ quero affagos,
Que nada ſaõ; e de gente,
Que atiçando o fogo ardente
Naõ remedea os eſtragos.

MOTE XIV.

OS duros grilhoens de amor
Arraſto com tal vaidade,
Que aborreço aquelle tempo,
Em que tive liberdade.

GLO-

Digitized by Google

GLOZA.

De Marcia o bello rigor
Me cativa de tal ſórte,
Que por ella arraſto forte
Os duros grilhoens de amor;
Se outros mais pezados fór,
Tecendo amor, com maldade:
Eu por ella na verdade
Os ſoffrerei taõ vaidozo,
Como eſtes, que já goſtozo
Arraſto com tal vaidade.

Triſte foi; foi contratempo
O tempo, que a naõ amei;
Hoje, amando-a, clamarei
Que aborreço aquelle tempo:
Taõ amavel paſſatempo
Logro neſta ſociedade,
Que cheio de tal vaidade,
Todo em amor empregado,
Choro o tempo mal paſſado,
Em que tive liberdade.

Digitized by Google

MOTE XV.

PErmita o Ceo por caſtigo,
Ja que me pagas taõ mal,
Que aquelle que mais adoras
Te ſeja o menos leal.

GLOZA.

Que os homens ſejaõ comtigo
Mais do que as féras tyranos,
Já que me tratas enganos
Permita o Ceo por caſtigo.
Seja-te mais inimigo
Eſſe a quem és mais leal;
Pois ſe com rigor fatal,
Porque te amo és contra mim;
Praza a Deos te pague aſſim,
Já que me pagas taõ mal.
He bem certo naõ ignoras
Quanto amor te conſagrei;
Pois ſempre mais te adorei,
Que aquelle, a quem mais adóras:

Mas,

Digitized by Google

Mas, já que assim com traidores
Entranhas me és desleal,
Para que sintas meu mal
Gritarei, aos Céos rogando,
Que esse, que estás adorando
Te seja menos leal.

MOTE XVI.

SE este amor, em que me inflamo
Podesse ter mais aumento,
A pezar do meu tormento,
Mais te amára do que te amo.

GLOZA.

Das lagrimas, que derramo
Naõ sei qual he a razaõ;
Se he a tua ingratidaõ,
Se este amor, em que me inflamo?
Sei que igual ao muito que amo
He o teu rigor violento,
E julgo que em crescimento
Inda fora o teu rigor,
Se acazo meu grande amor
Podesse ter mais aumento.

Dou ſuſpiros cento a cento,
Porque és ingrata, e te adoro;
E com goſto por ti choro
A pezar do meu tormento:
He o teu rigor cruento
Porém goſtozo lhe chamo;
Pois taõ ardente me inflamo
Neſte affectivo querer,
Que ſe podeſſe crefcer
Mais te amára do que te amo.

MOTE XVII.

Alem da eternidade
Ha de durar eſte amor.

GLOZA.

Dentro n'alma vos fechei,
Por ſer o peito mortal,
Logo ſe a alma he immortal
Eſte amor eternizei:
Tanto aſſim conglutinei
A voſſa, e minha vontade,
Que de uniaõ a unidade

He

Paſſou, e ſe ſer podéra,
Noſſo amor inda excedéra
Além da eternidade.
He taõ forte a ſympathia
Deſte amor, que n'alma eſtá,
Que a voſſa me anima já,
A minha a vós, que alegria!
Em nós goſto, ou agonia,
He a meſma gloria, ou dôr;
E ſe do infinito for
Poſſivel paſſar alguem,
Do infinito ainda além
Ha de durar eſte amor.

MOTE XVIII.

Contai ſempre izenta aos damnos
Annos bons, felices dias.

GLOZA.

Senhora, da natureza
Sois hum milagre perfeito;
Pois ſó ordinario effeito
Naõ póde ſer tal belleza:

Creſ-

Crefce em vós a gentileza
Pelo compaſſo dos annos;
E ſe vinte ſem enganos
Agora feliz contais,
Todos os que dezejais
Contai ſempre izenta aos damnos.
Inda que da flor da idade
Lograis agora o vigor,
Sempre em toda a idade flor
Brilhareis com propriedade;
Bem ſei tudo na verdade
Gaſtaõ do tempo as profias;
Mas ſe vós em alegrias
Ides o tempo gaſtando,
Brilhareis ſempre cantando
Annos bons, felices dias.

MOTE XIX.

SE há ſarafins cá na terra,
He Lorinda hum ſerafim.

GLO-

GLOZA.

A belleza peregrina,
Que no meu bem reſplandece,
Couza humana naõ parece,
Parece couza divina:
Em ſi toda eſta menina
Dons celeſtiaes encerra;
E ſe vella ſó deſterra
Toda a triſteza de mim,
Digo que he hum ſerafim,
Se há ſarafins cá na terra.

Eu naõ divizo entre as flores
Huma, que igualle com ella;
Nem nos Aſtros huma eſtrella
Linda como os meus amores;
Entre as bellezas melhores
Naõ acho nenhuma aſſim;
Niſto diſcorrendo, em fim,
Com juſta razaõ me fundo,
He Lorinda hum ſerafim.

MOTE XX.

Morro por viver com tigo.

GLO-

GLOZA.

Cruel, como naõ ponderas
Que por ti vivo morrendo,
Por iſſo izenta vivendo,
Matas com tantas quimeras;
Porém ſe amante attendêras
De meu peito ao doce abrigo;
Talvez por viver comigo
Tu morrerias conſtante;
Aſſim como eu por amante
Morro por viver comtigo.

MOTE XXI.

QUen amas quero adorar.

GLOZA.

Depois que o odio conheço,
Em que contra mim te inflamas,
Por naõ amar quem naõ amas,
A mim proprio me aborreço;
E como naõ deſconheço,
Que a ti meſma te has de amar;

Eu

Eu para amante moſtrar,
Que em tudo teu goſto eſtimo,
Quem naõ amas dezeſtimo;
Quem amas quero adorar.

MOTE XXII.

A Dor que ſentis no peito.

GLOZA.

Entre os exceſſos da dor,
E os extremos de adorar,
Só ſabe fino penar
Quem mais fino amante for;
Da pena he forte o rigor,
Quanto o amor he perfeito;
Logo ſe firme conceito
Do meu puro amor fazeis,
Como ſutto ſabereis
A dor, que ſentis no peito.

Digitized by Google

MOTE XXIII.

Naõ porfie que naõ vence.

GLOZA.

Para que obra tanto excesso,
Para que saõ taes agrados?
Se isso me dá mais enfados
Se delles naõ faço apreço:
Em fim, sabe o que lhe peço,
Que a outro Numen incensa;
Porque tudo o que pertence
A sacrificios, que obrar,
Se eu os hei de desprezar
Naõ porfie, que naõ vence.

MOTE XXIV.

Sou firme; mas receozo.

GLO-

Digitized by Google

GLOZA.

Quem receoza naõ for
Naõ póde conſtante ſer,
Pois quem naõ téme perder
O bem, naõ lhe tem amor:
Confeſſo que he deſprimor
Sem motivo ſer zelozo;
Mas eu que ſó amorozo
O meu receio he perder-vos;
Porque ſou fino em querer-vos
Sou firme, mas receozo.

MOTE XXV.

Acabou-ſe, já lá vai.

GLOZA.

Tirce, depois que alcancei
Que o meu amor vos enfada,
Por vos naõ ver deſgoſtada
No peito o amor ſoffoquei;
Callando vos amarei
Sempre firme; e ſe algum ai

Triſ-

Triſte me ouvires, deixai,
Naõ vos cauze diſſabor,
Suppondo que aquelle amor
Acabou-ſe, já lá vai.

MOTE XXVI.

QUal das duas he melhor.

GLOZA.

De Anna a belleza excellente
Os coraçoens roubaria;
Pois os olhos de Maria,
Os olhos levaõ á gente:
Irmãs ſaõ, e ſe irmãmente
Ambas tem gentil primor,
Quando o agradavel rigor
De huma, e outra chego a ver,
Naõ me atrevo a rezolver
Qual das duas he melhor.

MO-

AO MESMO.

GLOZA.

TEm Maria, ſem defeito,
Olhos bons, roſto tambem;
Mas Anna naõ ſei que tem
No bello roſto perfeito?
Ella a quem a vê, no peito
Faz movimentos de amor;
Porém ſeja como for
Eu, por nenhuma aggravar,
Nunca poſſo declarar
Qual das duas he melhor.

MOTE XXVII.

CUpido as ſetas quebrou

GLO-

GLOZA.

Vendo os Deozes huma vez
De Nerina o bello roſto,
Cada qual delles por goſto
Seu rendimento lhe fez:
Jupiter depos-lhe aos pés
Raios, que Brontes forjou;
A lyra Apolo atrojou;
Poſtrou Neptuno o tridente;
Marte a eſpada, e reverente
Cupido as ſetas quebrou.

AO MESMO.

GLOZA.

EM applauzo de Nerina
Cantando as furias eſtaõ,
Que até louvores lhe daõ
No reino de Prozerpina:
Do Deos de amor a ferina
Condiçaõ ella domou,
E como o que naufragou
Leva ao Templo o maſtro rôto;
Para offertar-lhe devoto,
Cupido as ſetas quebrou.

MO-

Digitized by Google

AO MESMO.

GLOZA.

VEndo Venus lhe excedia
Nerina na gentileza,
E Cupido vendo a illeza
Das setas, que despedia;
Com a Mãi o filho hum dia
Meios de a render buscou;
Mas como naõ rezultou
Desta conferencia nada,
Venus suspirou irada,
Cupido as setas quebrou.

AO MESMO.

GLOZA.

COm outras Ninfas brincando
A gentil Nerina andava;
Cupido, que occulto estava,
Setas lhe hia disparando:

Via-o

Via-o Nerina, e gritando
Que quebre as ſetas mandou,
Elle os joelhos dobrou,
E com profunda humildade
Tremeo; e contra vontade
Cupido as ſetas quebrou.

MOTE XXVIII.

Reſto da minha paixaõ.

GLOZA.

Arrancar-te do vil peito
Com a propria maõ quizera
Eſſe coraçaõ de fera,
A quem o meu foi ſujeito:
Sem fé, ſem lei, ſem reſpeito,
Sem amor, e com traiçaõ
Tu me deixas; mas na maõ
Eſtás deſſa, que em rigor
Vingará tudo, que for
Reſto de minha paixaõ.

AO

AO MESMO.

GLOZA.

SE algum tempo enfurecida
Contra ti falso, traidor,
Quiz por impulsos da dôr
Tirar-te essa infame vida?
Hoje mais bem advertida
Desta louca indignaçaõ,
Conhecendo que a traiçaõ
Só infama ao delinquente,
Nem já conservo sómente
Resto da minha paixaõ.

AO MESMO.

GLOZA.

ALgum dia arrebatada
Contra hum vil, que me deixou,
No meu peito se gerou
Huma paixaõ dezesp'rada;

Exclamêi ao Ceo irada
Vingaſſe aquella traiçaõ;
Mas agora, que a razaõ
Tem o meu ardor ſereno,
Naõ conſervo o mais pequeno
Reſto da minha paixaõ.

AO MESMO.

GLOZA.

GRaças a Deos! já cheguei
A ver-me izenta de amor;
A troco do teu rigor
O meu ſocego comprei:
Se mil pragas te roguei,
Hoje cahi na razaõ;
Porque a interna confuzaõ,
Que a culpa ao culpado dá,
Tu terás, naõ tendo eu já
Reſto da minha paixaõ.

MO-

Digitized by Google

MOTE XXIX.

Deixa-me, cruel saudade.

GLOZA.

Deixa, deixa pensamento,
Deixa já de atormentar-me
Naõ queiras mais renovar-me
A cauza do meu tormento:
Sinto neste apartamento
A maior rigoridade;
Pois se a dura atrocidade
Da memoria aumenta a queixa,
Deixa-me lembrança, deixa
Deixa-me, cruel saudade.

MOTE XXX.

Mais sublime se remonta.

Digitized by Google

GLOZA.

Até á roza Princeza
Murcha o tempo gaſtador,
Que he pençaõ de toda a flor
Caducar por natureza;
Mas de Marcia a gentileza,
Que hum luſtro, e hum anno conta,
De taõ illuſtre vergonta
Naſceo flor, que bela ſendo,
Quanto em annos vai creſcendo
Mais ſublime ſe remonta.

MOTE XXXI.

PAra mim, que vivo ſó.

GLOZA.

Dize-me, Fado traidor,
Sempre contra mim irado,
Dize, para quem guardado
Tens de Lorinda o penhor?
Faze, faze que o Amor
Nos enlace, e aperte o nó;

Ora

Ora tem, tem de mim dó,
Naõ o dês a mais ninguem,
Concede-me aquelle bem
Para mim, que vivo só.

MOTE XXXII.

HE, naõ he, paſſou, exiſte.

GLOZA.

Ser, e naõ ſer juntamente
Natural naõ póde ſer;
Pois que cauza póde haver,
Que paſſe ſendo exiſtente?
Logo ſe naturalmente
O ſer ao naõ ſer reziſte,
Se paſſar o que preziſte
couza incompativel he;
Que couza póde ſer, que
He, naõ he, paſſou, exiſte.

MO-

Digitized by Google

MOTE XXXIII.

Depois que se foi Belisa.

GLOZA.

Por não ver contentamento
Os olhos trago no chaõ,
Com anguſtia o coraçoõ,
Sem ſocego o penſamentõ,
Neſta alma o maior tormento
A vida me tyraniza,
Pois tanto me martyriza
Deſta auzencia a pena forte,
Que andõ hum retrato da morte
Depois que ſe foi Belisa.

MOTE XXXIV.

Com mais diſarſe o engano.

GLO-

Digitized by Google

GLOZA.

Tyranna já vos naõ peço
Que meiguices me façais;
Pois naõ devo pedir mais
Do que o pouco que mereço:
O voſſo goſto appeteço,
Inda que ſeja em meu damno;
Mas ſe o voſſo goſto ufano
Só enganar-me dezeja,
Enganai-me, porém ſeja
Com mais disfarſe o engano.

MOTE XXXV.

QUal de nós falla verdade?

GLOZA.

He tua doce expreſſaõ
Naſcida do entendimento;
A minha ſem fingimento
Só naſce do coraçaõ:
Tu com engenhoza maõ
Enfeitas a falſidade

Eu

Eu só com fidelidade.
Escrevo o que ensina amor;
Vê agora, sem rigor,
Qual de nós falla verdade?

MOTE XXXVI.

Beijar-te-hei a cruel mão.

GLOZA.

Quanto foste dezejada
Beliza, bem vinda sejas;
E se descanço dezejas
No meu peito faze entrada;
Vive nelle reclinada
Sobre hum meigo coraçaõ
Mas se tu vens com tençaõ
De entregar a outro o teu;
Arranca-me antes o meu
Beijar-te-hei a cruel mão.

Digitized by Google

MOTE XXXVII.

Neſta anguſtia ſem igual.

GLOZA.

Huma febre abrazadora,
Que no pulſo ſe naõ ſente,
Sinto cá internamente
Na minha alma, que te adora;
Naõ eſpero ter melhora,
Nem que me mate eſte mal;
Pois minha deſgraça he tal,
Que me naõ deixa morrer;
Só para infeliz viver
Neſta anguſtia ſem igual.

AO MESMO.

GLOZA.

INda que oppoſta a meus goſtos
A minha tyranna bella,

Tan-

Digitized by Google

Tantos goſtos tenha ella
Quanto me dá de diſgoſtos:
Mande contra mim diſpoſtos
Sempre os rigores do mal,
Que eu lhe rogarei leal,
Que do bem taes mimos veja,
Quanto ver-me amim dezeja
Neſta anguſtia ſem igual.

MOTE. XXXVIII.

CRruel depois de rendida.

GLOZA.

Arminda, quando em teus braços
Tu me apertaſte com tigo,
Quem diſſera que comigo
Affrouxarias taes laços!
O coração em pedaços
Se me parte, eu perco a vida;
Naõ ſei, Arminda querida,
Naõ ſei como tens valor,
Para contra mim te por
Cruel depois de rendida.

MO-

Digitized by Google

MOTE XXXIX.

JUlgarei que me morreo.

GLOZA.

Vai-se o meu bem, que digosto!
Quem poderá acompanhallo!
Porém para que? Deixallo,
Já que se vai por seu gosto:
Com extremo tinha posto
Nelle todo o affecto meu;
Porém como o rigor seu
Pouco préza o meu carinho,
Siga embora o seu caminho
Julgarei que me morreo.

MOTE XL.

SÓ eu, só tu, mais ninguem.

GLO-

Digitized by Google

GLOZA.

Com tal graça deſpedio
O Deos Cupido huma ſéta,
Que elevou do amor á méta
Dous coraçoens, que ferio:
Taõ efficaz nos unio
Ó Nize, em querer-nos bem,
Que julgo feito naõ tem
Tiro com melhor acerto;
Pois amar ſem deſconcerto
Só eu, ſó tu, mais ninguem.

AO MESMO.

GLOZA.

SÓ tu, cruel, taes rigores,
Executar poderias,
Só eu entre tiranias
Podéra render-te amores;
Ódio, e amor opozitores
Em nós o ſeu auge tem;
Eu firme em querer-te bem;
Em ter-me odio tu conſtante;

Op-

Digitized by Google

Opoziçaõ ſimilhante;
Só eu, ſó tu, mais ninguem.

MOTE XLI.

HE morte ſendo immortal.

GLOZA.

Amor, que viſta naõ tem,
Quando mais que hum lince vendo,
He hum naõ ſei que, que entendo
Naõ ſabe entender ninguem;
He mal querido por bem,
Sendo bem que trata mal;
He em fim por modo tal
Amor contrario de ſorte,
Que he vida, que cuſta a morte;
He morte ſendo immortal.

MOTE XLII.

TEnho o peito entumecido.

GLO-

Digitized by Google

GLOZA.

De que me procederaõ
Eſtas groſuras no peito?
Certamente iſto he effeito
Dos pulos do coraçaõ:
He forte palpitaçaõ,
E eu ſem tomar ſentido!
Mas que ha de ſer? ſe affligido
Nem já reparo em meu mal;
Féra couza! pois que tal,
Tenho o peito entumecido.

MOTE XLIII.

OS pés lhe quero beijar.

GLOZA.

Parece que naõ convinha,
A quem he taõ deſgraçado,
Ter eſte pobre afilhado
Huma taõ rica Madrinha:
Mas ſe hoje a fortuna minha
Aſſim me quiz elevar,

Ago-

Digitized by Google

Agora para moſtrar
Quanto a Madrinha venero,
Naõ ſó beijar-lhe a maõ quero,
Os pés lhe quero beijar.

MOTE XLIV.

A Mim meſmo hei de matar.

GLOZA

Dêo Beliza em ter agora
Dos olhos de Marcia zelos,
Mas eu para mais naõ vellos
Hei de os meus arrancar fora:
Vá-ſe a minha viſta embora,
E fique ella ſem pezar;
Mas ſe inda aſſim me fallar
Nos olhos de Marcia bella,
Por melhor ſatisfazella
A mim meſmo hei de matar.

MO-

MOTE XLV.

Muito fêa he Ignacia.

GLOZA.

De quem verſos faz a vêa
Pende a louvar roſtos bellos,
Porém eu hei de fazellos
A huma cára bem fêa:
Hei de ſeguir eſta idêa
Hoje com toda a efficacia;
Perdoa-me a minha audacia,
Se acazo niſto te offendo;
Mas a dizer o que entendo
Muito fea he Ignacia.

MOTE XLVI.

O bom fim da eternidade.

GLO-

GLOZA.

Nunca em minhas couzas já
Achei principio roim,
Mas couza minha bom fim
Inda a primeira terá:
A cauza disto será
Talvez a minha maldade;
Ás vezes tenho voutade
De por-me a chorar por isto;
Mas espero em Jezu Christo
O bom fim da eternidade.

MOTE XLVII.

Discreta, sezuda, e linda

GLOZA.

Deixei Filena, porque era
Como Laura bandoleira,
Matilde por lizonjeira,
Cloris por naõ ser sincéra:
Até, oh quem tal disera?
Já me esqueci de Lorinda,

Só amor conservo ainda
A minha Nerina amada,
Porque he meiga, engraçada,
Discreta, sezuda, e linda!

MOTE XLVIII.

Pende para a minha parte

GLOZA.

Se de todos, que amor tem
Os affectos se juntarão,
Igual amor não formarão
Como te tenho, meu bem:
Se isto queres ver, ninguem
Como tu póde ter arte;
N'huma balança reparte
Contra todos o amor meu;
E verás que o fiel seu
Pende para a minha parte.

MOTE XLIX.

Hum martirio no meu peito,

GLOZA.

Amor para me prender
Huma flor dar-me quera;
Mas seus discursos cazia
Sobre qual me havia dar
Eu estava a suspirar
Que fosse hum Amor perfeito;
Mas Beliza, a quem respeito
Tem o mesmo Deos de amor,
Por elle me mandou por
Hum martirio no meu peito.

MOTE L.

Estas no meu coração,

GLOZA.

Amor, que mal te fiz eu
Para assim me assetiares?
Eu venero os teus altares,
Tu és o Idolo meu:
Mas Beliza he quem te deo
Essa traidora liçaõ;
Ella te mete na maõ
A farpa, o arco prepara,
Ella o encurva, e dispara
Setas em meu coraçaõ.

MOTE LI.

NAõ me dés esses esmoques.

GLOZA.

Se louvei a perfeiçaõ
Dessa Pastora excellente,
Eu o fiz sinceramente,
Foi sem segunda tençaõ.
Tu por meu castigo entaõ
Sempre estás com esses toques;

Ora

Ora peſſo-te que o troques
Em pena mais moderada;
Da-me antes muita pancada,
Naõ me dés eſſes remoques.

MOTE LII.

Fortuna ſempre es mulher.

GLOZA.

Fortuna, porque cautela
Quando me vens a maõ dar,
Apenas lhe vou pegar
Outra vez fóges com ella?
Tomára, fortuna bella,
Ver o fim, que iſto ha de ter:
Comigo te vens meter,
E logo fóges de mim;
Ès bem vária? mas em fim
Fortuna ſempre és mulher.

CAN-

Digitized by Google

CANSONETA.

Foi-se Dorinda,
Naõ sei que fasso,
Que naõ desfio.
Ó coraçaõ!
Mais que á mim mesmo
Meu peito a adora,
E foi-se embora
Sem compaixaõ
Naõ, naõ,
Naõ ha como esta
Igual paixaõ.
Desconsolado
Neste retiro
Triste suspiro,
Mas sempre em vaõ.
Sem ver Dorinda,
Fu dezespero,
E outra naõ quero
Consolaçaõ.

Naõ,

Naõ, naõ,
Naõ ha como esta
Igual paixaõ.
Vem, vem tyranna,
Vem dar-me os braços;
Pois nesses laços
Quero prizaõ.
Porém que digo,
Se ouvir naõ póde?
Ai! quem me acúda
Nesta afflicçaõ.
Naõ, naõ,
Naõ ha como esta
Igual paixaõ.
Se ella viéra
Por certo tinha,
Nesta alma minha
Habitaçaõ.
Mas demorada
Vive contente,
E eu morro auzente
Sem remissaõ.
Naõ, naõ,
Naõ ha como esta
Igual paixaõ

LE

LETRA.

Chorando mágoas
Neſte retiro
Sempre ſuſpiro
Pelo meu bem.
Ditozos olhos
Daquellas gentes,
Que lá prezentes
Seu roſto vem.
Mas dos meus triſtes
Neſte deſvio,
O ſangue em fio
Correndo vem.
Eſte meu pranto
Já de magoado,
Deſpedaçado
Penhaſcos tem.
Fogem de ouvir-me
Os paſſarinhos,
Nos patrios ninhos
Naõ ſe detem.
Com meu lamento
Suſpendo as agoas;
Padeço magoas
Como ninguem.

Digitized by Google

Cansado ás vezes,
Já de afflicto,
Adormecido
Fico tambem.
Entaõ em sonhos
Logro favores
Dos meus amores,
Sem ter desdem.
Mas pouco tempo;
Mal que adormeço;
Logo estremeço;
Foge este bem.
Palpando o busco
Por todo o leito;
Só acho o effeito
Que o engano tem.
Entaõ crescendo
Novos pezares,
Rompendo os áres
Soluços vem.
Comigo mesmo
Taes couzas fallo,
Que agora callo
Naõ ouça alguem.

Digitized by Google

ENDEIXAS.

I.

SÓ por dar enveja
A todas as flores,
Meus lindos amores
Quero retratar.
Soltas liberdades
Nos finos cabellos,
Por serem taõ bellos
Se vaõ enlaçar.
Dos seus lindos olhos,
Em meiga conquista
Basta pouca vista
Para assim triunfar.
E das sobrancelhas.
Amor a seu geito,
Dous arcos tem feito
Para me atirar.

Nas

Nas formozas faces
Esse Deos vendado,
Lá vai namorado
Mil beijinhos dár.
Muito mais me agrada
A côr do seu rosto,
Do que ella faz gosto
De a mim agradar.
E na doce boca
As tres graças vejo
Entre gosto, e pejo
Sorrizos formar.
Todas as feiçoens
Do seu lindo rosto,
Fazem hum composto
Que sabe encantar.
A bella garganta
He donde tem preza
Tanta gentileza,
Que eu sei adorar.
No mimozo peito
Sempre está mettido
O meigo Cupido
Contente a brincar,

Digitized by Google

E as vezes, que aperta
Mais pela cintura,
Sempre he com brandura
Para naõ quebrar.
A maõ tem bem feita,
Tem o braço airozo,
E ſó valerozo
Para me matar.
O pé pequenino
Com tal garbo lança,
Que me mata, e cança
Para me eſcapar.
Se pintar naõ poſſo
O mais que naõ vejo;
Bem julga o dezejo
Que he bem ſingular.
Fez-lhe a natureza
Proporçoens de modo,
Que o ſeu bello todo
Naõ tem exemplar.
Tem mais deſcriçaõ.
Que a Deoza Minerva;
Porém tem rezerva
Para me apurar.

Digitized by Google

Este Idolo bello
He a quém no peito,
Tenho hum altar feito
Para o collocar.
Mas ella diz que antes
Quer ser desprezada,
Do que venerada
Neste impuro altar.
Naõ sei que haver possa
Maior tyrannia;
Nem mais agonia
Para me acabar.
Bem pódem por bella
Invejalla as flores;
Porém seus rigores
Ninguem invejar

ENDEIXAS II.

CHoremos meus olhos
A nossa disgraça;
Já que de Beliza
Perdemos a graça.

Ou-

Ouçaõ meus clamores
Os valles, os montes,
As aves, as féras,
Os rios, e as fontes.
Pois vendo que tenho
Tal graça perdida,
Teraõ magoa os brutos,
E as couzas sem vida.
E Beliza teima
Tanta diserìçaõ,
Me poz neste estado
Sem ter compaixaõ.
Ah cruel Beliza!
Exemplo de ingratas;
Dize, dize agora,
Porque me maltratas.
O querer-te he culpa,
He crime adorar-te?
O servir-te offensa,
Ou injuria amar-te?
Pois se ditto aggravos
Naõ pódes arguir-me,
Responde tyranna,
Para que he punir me?

Que farias tu
A quem te offendêra,
Quando assim castigas
A quem te venera?
Teu genio teimozo,
Perdoa que o diga,
He que só revolve
Toda esta fadiga.
Tu he que reprovas
Quanto amor ordena,
As culpas saõ tuas,
E eu pago a pena.
Porém se os impulsos
Nascidos de amor
Sómente motivaõ
O teu dezamor,
Deixa-me servir-te,
Ainda que estalle;
Sem que huma vez mais
Em amor te falle.
E qual muda rez
Vai ao sacrificio,
Tal andarei sempre
Em este exercicio.

Nem

Nem frio, nem calma,
Nem chuva, nem vento
Seráõ impecilhos
Para o meu intento.
Antes extremozo
Naõ farei deſvio
Do vento, da chuva,
Da calma, e do frio.
E ſe inda aſſim poſſo
Cauzar-te diſgoſto;
Tira-me eſta vida,
Faze-me eſte goſto.
Mas ſe alguma ſéta
A meu peito atiras,
Vê lá como apontas,
Olha naõ te firas.
Pois como te trago
Cá dentro no peito,
Por iſſo te advirto,
Que o rompas com geito.

ENDEIXAS III.

ASſumptos profanos
Ficai-vos embora;
Que mais dignamente
Cantarei agora.

Meus

Meus humildes versos
Meus tristes clamores,
A vós hoje envio
Mãi dos peccadores.
Vós do Padre Eterno
Sois filha estimada;
Mãi de Christo, e Virgem
Sempre immaculada.
Do Espirito Espoza
Sois com gloria quanta,
Da Trindade Templo,
E tres vezes santa.
Oh que altos mysterios
Conhecemos nós,
Sem os comprehendermos,
Se encerraõ em vós!
Do mundo Patrona
Reinais no Ceo justo;
Sois dos Anjos gloria,
Dos demonios fusto.
O Omnipotente
Vos deo tal poder;
Quanto cá os homens
Naõ sabem dizer.

Digitized by Google

Mas delle em ſoccorro
Tanto noſſo uzais
Quanto eu neceſſito
Que me ſoccorrais.
Neſte triſte Mundo
Vivendo, naõ ſei
Em taõ triſte vida
Como acabarei.
As couzas, que meſmas
Domeſticas ſaõ,
Contra mim reveſtêm
Feroz condiçaõ.
Naõ tenho nos homens
Cá na terra abrigo,
Vós bem ſabeis tudo
Melhor que eu ó digo.
Mil vezes me lembro,
Será iſto aſſim,
Pelos meus peccados
Serem contra mim
Mas eſta lembrança,
Qual luz fuzilada,
Aſſim que aparece
Já fica apagada.

Digitized by Google

Se proteſtos faſſo
De mais naõ peccar,
De Adaõ fragil filho
Os torno a quebrar.
Porém vós, que izenta
Da culpa de Adaõ,
Sois auxilio certo
De todo o Chriſtaõ:
Pedi a Jezus,
Que me fira o peito;
Com dor dos agravos
Que lhe tenho feito.
E mal que o perdaõ,
Por vós deferir-me;
Pedi-lhe que em outros
Naõ deixe cahir-me
Pois eu ſó por mim,
Sem eſte favor,
Farei como d'antes,
E farei peior.
Porque a maſſa humana
Deſta natureza,
He por noſſas culpas
Chea de fraqueza.

Digitized by Google

Porém vós que chea
Sois de graça forte,
Sede em meu ſoccorro
Sempre até á morte.
Para que huma vida,
Por vós veja em mim,
Digna de hir louvar-vos
Na gloria ſem fim.
Mas em quanto andar
No val de agonia,
Dai-me o neceſſario
Para cada dia.
Naõ peſſo riquezas,
Que em vãos exercicios
Soberba em mim brotem,
Mãi de enormes vicios
Mas tambem livrai-me
Da triſte indigencia;
Mãi dos vergonhozos
Furto, e fraudolencia
Aquillo ſómente,
Que ſabeis careço;
Pelo amor de Deos
Sómente vos peſſo.

FIM.

IN-

Digitized by Google

INDICE.

SONETOS.

Adeos Muzas, adeos, oh quanto, quanto: 106
Adeos, Nize formoza, adeos amada. 49
Adorada Belizа; oh quem me déra. 57
Adormecendo Amor hum certo dia. 69
A flauta já quebrei por descontente. 62
Amado, amado bem, Tirce querida. 39
A Pastora, que eu amo he a mais bella. 44
Apenas rompe a Aurora no Orizonte. 66
Aquelle o rebanho he do Pastor Fido. 81
As aves, que voando pelos ares. 87
Assim como na doce Primavera. 98
Basta Filena já de impertinente, 26
Bem folgo, Alberto, achar-te aqui presente. 17
Como corre sereno isse ribeiro! 20
Como queres, Enalia, que eu te queira. 82
Conheço-se o bem só quando perdido. 63
Conheço muito bem que o entendimento. 68
Cuidas talvez, Filena, que eu zeloza. 70
Cuidas talvez Pastor, que excepto Flora. 26
Cuidei que nunca mais de Amor tyranno. 31
Debaixo desta faia recostado. 9
Deixe estar, minha Mãi, já falta pouco. 94
Desprezando Filene aborrecido. 37
Desse mal indicante, hum ai ardente. 47
Dizes, Floricio meu, que Gil repara. 88
Em materias de Amor a tyrannia. 99
Em mulheres firmeza, ah que loucura 21
Entre os vios maiores celebrado. 73

Es-

Digitized by Google

Esse bronze que estava pendurado. 105
Eu ando vagamundo, paro, e corro. 14
Eu bem sei que sou pobre pegureiro. 54
Eu me quizera, Anarda, persuadir. 48
Eu naõ sei e que dentro de mim sinto. 30
Eu naõ sei que Pastor he este Braz. 80
Eu te prometto Atincio, eu te prometto. [illegible]
Eu vi huma Pastora tão galante. 124
Eu vos quero, Lorinda, tanto, tanto. 100
Há vida mais ditoza! toda a vida. 35
Há vida mais penoza! toda a vida. 34
He possivel meu bem, naõ sei se o creo. 98
He questaõ entre muitos debatida. 101
Hia o Pastor Dalizo conduzindo. 85
Hum novo Mar podera ser formado. 60
Junto a linda Tircéa namorada. 50
Lá do sangue de Adonis salpicadas. 32
Lize, Lize, onde vás, atende, atende. 66
Maldito seja Amor mil vezes mil. 27
Manda-me, Nize, á parte mais distante. 46
Minha amada gentil, fazer ditoza. 93
Na Cidade ficai alegremente. 72
Naõ entendas, Albano, que em belleza. 46
Naõ foi acazo, naõ, foi providencia. 104
Naõ sei, Frondelio amigo, certamente. 52
Naõ sei se aquella estrella que domina. 42
Naõ triunfaria, naõ, naõ certamente. 29
Na Torre do rebanho, que distava. 86
Nem duros esquadroens bem fornecidos. 96
Neste valle onde vivo rodeado. 11
N'hum labyrinto tal vim encerrar-me. 61
Oh como alegre o ar corre sereno! 19
Oh quanto vale mais entre a innocencia. 65
Oh que vistozo dia hoje amanhece! 65

On-

Onde foſte, cruel, onde aprender. 59
Ora aue faço eu ſó neſte dezerto. 82
O tempo já chegou de eu conhecer. 43
Pellas margens do Tejo deſcuidado. 15
Por acazo ſe paſſa huma ſemana. 18
Qual do jardim a planta, que mimoza. 75
Qual relogio de Sol que ſerventia. 93
Que deſpenhada cahe daquella fonte. 55
Que fazes coraçaõ? vou padecendo. 22
Que importa bem naſcido, e bem criado. 56
Que mais queres de mim? do campo as flores. 58
Quem de Amphitrite o reino quer paſſar. 80
Quem diz que naõ he vil a vil pobreza. 84
Quem me diſſera a mim, quando luzido. 41
Quem o meu canto ouvir dezafinado. 7
Quem peitos ſeminis quizer tratar 90
Quem ſerá eſta Ninfa rebuçada. 100
Querendo ao grande Albano dar louvores. 64
Reſpira coraçaõ, vive contente. 97
Sabe, ingrata Paſtora, que o meu gado 67
Se a choupana, onde durmo ſe queimára. 12
Se a Fortuna cruel me perſeguira. 71
Se á proporçaõ do Amor foi ſempre a pena. 22
Se como amavel he, foſſe amoroza. 13
Se eu ſoubeſſe cantar em doce lyra. 3
Se eu tivera noticia de huma gruta. 8
Se imbutir-me quereis eſte affilhado. 17
Sem que tema perder a divindade. 63
Se Venus voſſo garbo reflectira. 40
Sonoro paſſarinho que cantando. 33
Suſpende, ó fonte, já tua corrente. 38
Tanto exceſſo por mim, Filis, obrar. 36
Tenha maõ! uy, Senhora voſsé vem. 89
Tu laivoza lacaia prezumida. 79

Va-

Vagando a vil tristeza descorria. [illegible]
Vendo Amor, que Fileno rebatia. [illegible]
Vivo ás mãos de huma ingrata a quem adoro 28
Vós homens que zelozos, e imprudentes. [illegible]

ODES.

Depois da infeliz hora. 121
Eu canto, eu canto agora. 127
Manda-me Amor, que cante. 137
Ouvi homens piedozos. 153
Pois naõ póde a cruel maledicencia. 159
Por couza fabuloza. 126

EGLOGAS.

Brilhando no orizonte. 109
Em hum valle sombrio. 133
Era o tempo no qual mais rutilante. 185
Fileno Pastor, que era. 159
Huma noute que a porta já fechada. 205
Huma tarde que, o vento descomposto. 217
O Pastor Floriano impaciente. 195
Se em verso humilde, e baixo ser cantado. 163
Triste o Pastor Anfrizo se abrazava. 171

POEMA JOCO-SERIO.

Cantando espalharei entre os leitores. 221

EPICEDIO.

Daquella amada Irmã que eu mais queria. [illegible]

EPISTOLAS.

Amigo Vigier eu já naõ posso. [illegible]
Em quanto o duro Fado naõ concente. [illegible]
Recebo grande amigo os vossos versos. 235

ROMANCES.

Cuidareis talvez Senhora. 257
Doce Filena adorada. [illegible]
Eu quero dictar agora. [illegible]
Graças a Amor, já chegou. [illegible]

Hum

Hum amor, que logo entrou. 249
Sentado sobre hum penedo. 252

MOTES.

Abre meu peito constante. 261
Acabou-se, já lá vai. 299
A dor que sentis no peito. 297
Além da eternidade. 292
A mim mesmo hei de matar. 319
Ardo em chammas amorozas. 285
Beijar-te-hei a cruel maõ. 312
Com mais disfarse o engano. 310
Contai sempre izenta aos damnos. 293
Cruel depois de rendida. 314
Cupido as setas quebrou. 301
Deixa-me, cruel saudade. 307
Depois que se foi Beliza. 310
Discreta, sizuda, o linda. 321
Eu hei de morrer de firme. 273
Fortuna sempre és mulher. 325
He morte sendo immortal. 317
He, naõ he; passou, existe. 309
Hum martyrio no meu peito. 323
Julgarei que me morreo 315
Lembra-me o tempo passado. 275
Maior que a gloria da dita 271
Mais sublime se rementa. 307
Morro por viver comigo. 295
Muito fêa he Ignacia 300
Naõ me culpem de adorar 265
Naõ me dês esses remoques. 324
Naõ porfie, que naõ vence. 298
Nesta angustia sem igual. 313
Neste monte solitario 263
O bom fim da Eternidade. 320

Ob

Oh que venturozo dia. 283
Os duros grilhoens de Amor. 288
Os pês lhe quero beijar. 318
Para mim, que vivo só. 308
Permita o Ceo por castigo. 290
Qual das duas he melhor. 300
Qual de nós falla verdade. 311
Quem amas quero adorar. 296
Quem se auzenta do seu bem. 277
Resto da minha paixaõ. 304
Se este amor em que me inflamma 291
Se há serafins cá na terra. 292
Setas no meu coraçaõ. 323
Se te eu naõ tivéra amado 269
Só tu, só tu, mais ninguem. 315
Sou firme, mas receozo. 298
Tenho o peito entumecido. 317
Vê amor quante me deves. 281
Venha cá, para que fez. 279
Vossos olhos maretinhos. 267

CANSONETA.

Foi-se Dorinda,
Naõ sei que fasso. 326

LETRA.

Chorando magoas
Neste retiro. 328

ENDEIX.

Assumptos profanos
Picai-vos embora. 336
Choremos, meus olhos
A nossa desgraça. 363
Só por dar inveja
A todas as flores. 350

CA-

CATALOGO

DOS

LIVROS IMPRESSOS Á CUSTA

DE

FRANCISCO ROLLAND,

Impressor-Livreiro em Lisboa, na esquina da Rua do Norte.

AVisos, e Reflexoens sobre as obrigaçoens dos Religiosos. Nova Ediçaõ emendada, e augmentada. em 8. 4 vol. 1778.

Arte de Prégar, segundo o Espirito do Evangelho, cõm hum Discurso preliminar sobre a Eloquencia, em 8. 1. vol. 1777.

Arte Poetica do Horacio, traduzida, e illustrada por Candido Lusitano. Segunda ediçaõ correcta, emendada, e augmentada das Regras da Versificaçaõ Portugueza, em 8. 1778.

Arte de se tratar a si mesmo nas enfermidades ordinarias, e de se curar de seus differentes symptomas, traduzido do Francez, em 8. 1 vol. Coimbra 1777.

Bellisario, escrito em Francez por Marmontel, e traduzido por J. N. T. M. em 8. 2 vol. 1778.

Costumes dos Israelitas por Fleury, traduzidos por Joaõ Rozado de Villalobos em 8 2 vol. 1778.

Discurso acerca do modo de fomentar a Industria do Povo; publicado em Hespanha por ordem de Sua Magestade Catholica, e traduzido

duzido por ***, em 8. 1 vol. 1778.

Diccionnario da Biblia, traduzido do Francez, obra utiliſſima para a intelligencia do velho, e novo Teſtamento, e para a hiſtoria da Igreja, em 8. 1 vol. 1766.

Eſpirito do Chriſtianiſmo, traduzido do Francez, em 8. 1 vol. 1773.

Fabulas de Eſopo, traduzidas da lingua Grega com applicaçoens moraes a cada Fabula, em 8. 1 vol. 1778.

Heroiſmo da Amizade, David e Jonatás; Poema eſcrito em Francez pelo Abbade Bruté, Cenſor Regio, e traduzido por Joaquim Jozé da Coſta e Sá, em 8. 1 vol. 1778.

Imitaçaõ de Chriſto. Nova ediçaõ correcta, e emendada por hum Religioſo Arrabido, e adornada com belliſſimas eſtampas abertas a buril, em 12. 1 vol. 1777.

Imitaçaõ da SS. Virgem, pelo eſtilo da Imitaçaõ de Chriſto, com exercicio durante o Sacrificio da Miſſa, em 12. 1 vol. Lisb. 1779.

Lavrador (o bom) ou o apaixonado da Lavoura com hum tratado ſobre os eſtrumes, e o modo de cultivar o linho, traduzido do Francez, em 8. 2 vol. 1779.

Livro dos Meninos em que ſe daõ as ideas geraes e definiçoens das couſas que os Meninos devem ſaber, em 8. 1778.

Miſcellanea Curioza e Proveitoza, ou Compilaçaõ tirada das melhores Obras das Naçoens Eſtrangeiras; traduzida, e ordenada por ***, C. J. em 8. tomo 1. Lisboa, 1779. *De ſeis em ſeis mezes ſe publicará hum volume deſta Obra.*

Obras Poeticas de Joaquim Fortunato de Va-

Digitized by Google

ladares Gambos. em 8. 1 vol. Lisb. 1779.

Reflexoens ſobre a Vaidade dos Homens, por Mathias Aires Ramos da Silva de Eça. Terceira ediçaõ augmentada com huma Carta do meſmo Author ſobre a Fortuna, em 8. 1 vol. 1778.

Regras da Verſificaçaõ Portugueza, por hum Anonimo, em 8. 1777.

Secretario Portuguez, ou modo de eſcrever cartas de todas as eſpecies &c., por Franciſco Joze Freire. Nova ediçaõ augmentada de cartas ſobre o commercio &c. em 8. 1 vol. 1777.

Tratado das obrigaçoens da vida Chriſtã para o uſo de todos os Fieis: eſcrito em Francez pelo Padre de Thracy, Theatino, e traduzido em vulgar pelo Capitaõ Manoel de Souza, em 8. 2 vol. Lisboa. 1779.

Tratado Phyſico-Chimico-Medico das aguas das Caldas da Rainha, com a Hiſtoria da Epidemia, que ſe padeceo no Seixal no fim do anno de 1775, e todo aquelle de 1776, por Joaõ Nunes Gago, Medico, em 8. 1779.

Theſouro de Prégadores, dividido em varios Sermoens univerſaes, onde ſe tiraõ Sermoens particulares &c. em 8. 2 vol.

O tomo ſegundo ſe vende ſeparadamente.

Livros de ſortimento, e que ſe achaõ em grande numero na loja do meſmo.

CUrſo de Cirurgia de M. de Col de Villars, 8 2-

traduzido do Francez, em 4. 5 vol. Ibid. 1774.
He a melhor obra que tem apparecido sobre esta materia.

Catechismus ad Ordinandos pro examine Clericorum, in 8. 1 vol. Conimbricæ, 1778.

Compendio da historia do antigo e novo Testamento com as razoens com que se prova a verdade da nossa Religião, traduzido do Francez para instrucçaõ da mocidade Portugueza, em 8. Lisboa, 1772.

Discurso sobre a historia universal, para explicar a continuaçaõ da Religião, e as mudanças dos Imperios, por Bossuet, em 8. 4 vol. Lisboa, 1772.

Discurso sobre a inutilidade dos Esponsaes dos filhos celebrados sem consentimento dos Pais, por Bata. Coelho Neves Rebello, em 8. Ibid 1773.

Farmacopea Dogmatica, Medico-Chymica, e Theoretico-Practica, obra composta sobre as melhores Farmacopeas pelo Boticario de Santo Thyrso, em fol. 2 vol. Porto, 1772.

Farmacopea Bateana, augmentada com os segredos Goddardianos, em 4. Pomplona, 1763.

Farmacopea Portuense: Nova ediçaõ augmentada, in 8. Porto, 1776.

Historia de S. Domingos, particular do Reino, e Conquistas, por Frei Luiz de Sousa, em fol. 4 vol. Lisboa, 1767.

Historia Sagrada do velho e novo Testamento com exemplos e doutrinas dos Santos Padres para reformaçaõ dos costumes em todos os estados, e pessoas, nova ediçaõ, em 8. 2 vol. 1766.

Instrucçaõ sobre a logica, ou Dialogos sobre a Filosofia Racional, por Manoel Alvares de Quei-

Digitized by Google

Queirós, Professor Regio de Filosofia, em 8. Porto. 1768.

Megara, Tragedia por Pedegache e Quita, em 8. Ibid. 1767.

Meſtre da Virtude renovado, pelo P. Fr. João Franco. em 8. Lisboa 1759

Obſervaçoens (novas) ſobre os differentes methodos de Pregar, traduzidas em Portuguez em 8. Ibidem, 1765. *Obra indiſpenſavel para os que ſe empregaõ no miniſterio do Pulpito.*

Taboadas de reducçaõ com amplas explicaçoens na lingua Portugueza, por Joaquim Hypolito de Mattos, em 8. Londres, 1764.

Vida de D. Bartholomeu dos Martyres; por Frei Luiz de Souza, in 8. 2 vol. Lisboa, 1760

As obras ſeguintes eſtaõ-ſe imprimindo.

A boa Lavradora, ou a Cazeira economica, traduzida do Francez, em 8. 1 vol.

Amigo do Principe, e da Patria, ou o bom Cidadaõ, eſcrito em Francez por M. Deſaple, e traduzido em Portuguez, em 8. 1. vol.

Conſideraçoens ſobre as cauzas da Grandeza, e Decadencia dos Romanos, por M.ᵉ de Montesquieu; traduzidas em Portuguez por *** em 8. 1. vol.

Obras Poeticas de Quita, em 8. 1 vol.

Coſtumes dos Chriſtãos, por Fleury, em 8. 1 vol.

Novo Atlas para o uzo da mocidade Portugueza, traduzido do Francez por Joze Anaſtaſio da Coſta e Sá, adornado com 24 cartas Geograficas, em 8. 1. vol.

ER-

Digitized by Google

ERRATAS.

Pag.	Verſ.	Erros.	Emmendas.
5	9	deſſe	deſte
13	6	ſonora	ſonoróza
30	10	Dos Céos	Ao Céos
32	1	ſapilcadas	ſalpicadas
34	7	e apoz arado	e apoz do arado
37	7	lá	já
47	10	rigores	furores
49	4	Obrigada	Abrigada
63	12	o logro	ao logro
71	1	Alincio	Atincio
71	3	atreves	atreveres
79	4	fizeſtes	fizeſte
94	8	lá	já
123	17	contaſſes	cantaſſes
126	12	poude	pude
129	16	decepando	diſſipando
131	18	calmente	claramente
134	5	operaçoens	opreſſoens
134	24	moſtro	moſto
156	4	dizer-te	dizer-te
158	4	mais	Mäis
175	20	que a couzas	que eu a couzas
181	2	tranquilidade	ſociedade
196	16	cuidadozo mais sêtido	cuidado mais creſcido
199	12	curto	curvo
234	3	anxiedade	anciadade
252	6	grandes	grátas
195	falta inteiramente o penultimo verſo da ſegunda Decima, que he = Que ſe ha ſarafins no Mundo.		

Dos muitos erros da Ortografia, fique á diſcriçaõ dos leitores a emmenda.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google